

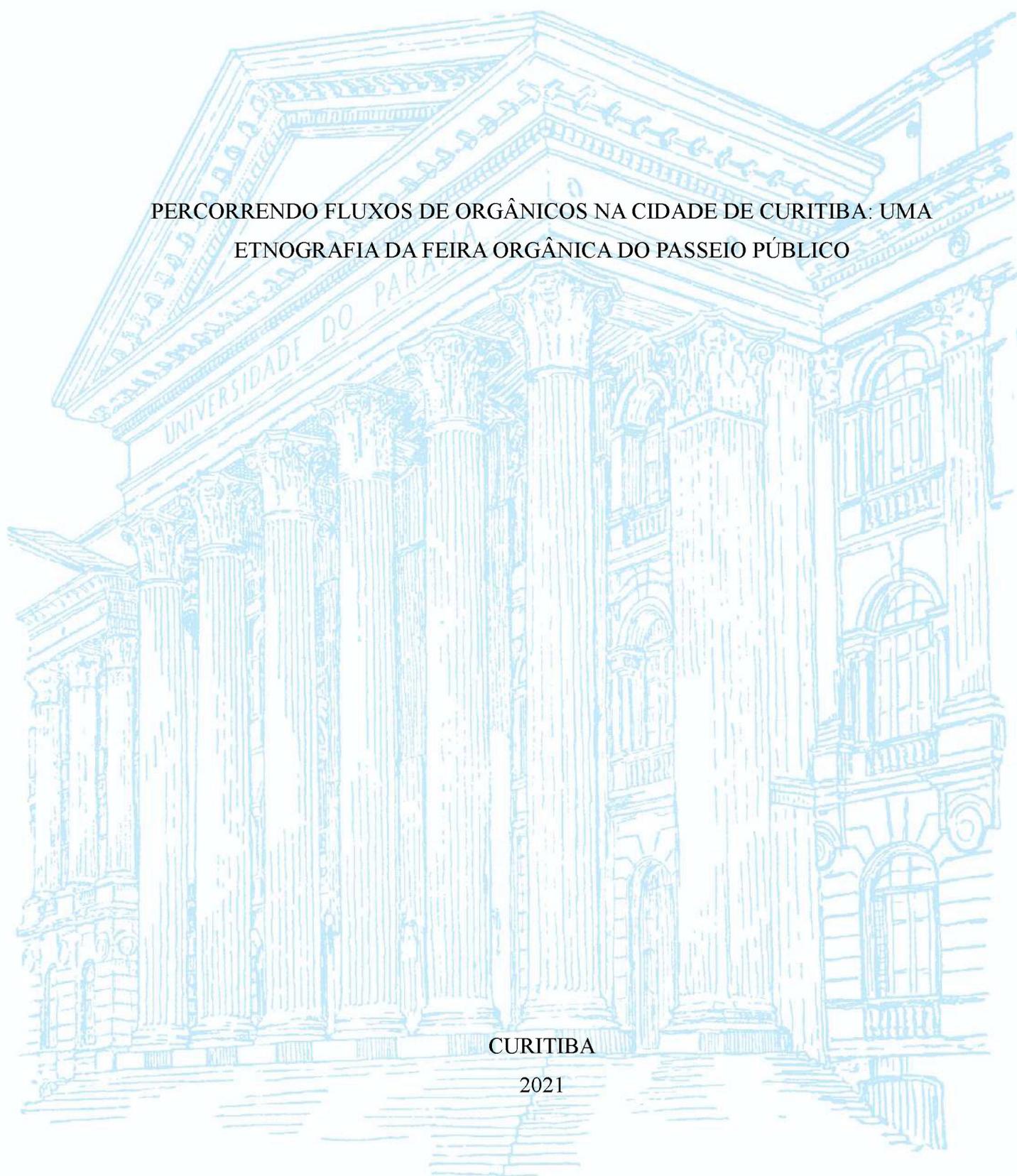
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ADRIANO IWAYA TAQUES

PERCORRENDO FLUXOS DE ORGÂNICOS NA CIDADE DE CURITIBA: UMA
ETNOGRAFIA DA FEIRA ORGÂNICA DO PASSEIO PÚBLICO

CURITIBA

2021



ADRIANO IWAYA TAQUES

PERCORRENDO FLUXOS DE ORGÂNICOS NA CIDADE DE CURITIBA: UMA
ETNOGRAFIA DA FEIRA ORGÂNICA DO PASSEIO PÚBLICO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título Mestre em Antropologia e Arqueologia.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Cid Fernandes

CURITIBA

2021

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO SISTEMA DE BIBLIOTECAS/UFPR –
BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS COM OS DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607

Taques, Adriano Iwaya

Percorrendo fluxos de orgânicos na cidade de Curitiba : uma
etnografia da Feira Orgânica do Passeio Público. / Adriano Iwaya
Taques. – Curitiba, 2021.

Dissertação (Mestrado em Antropologia e Arqueologia) – Setor de
Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.
Orientador : Prof. Dr. Ricardo Cid Fernandes

1. Feira Orgânica do Passeio Público - Curitiba (PR). 2. Feiras
livres - Curitiba. 3. Alimentos naturais - Comércio. 4. Agricultura
orgânica. I. Fernandes, Ricardo Cid, 1967-. II. Título.

CDD – 631.584



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO ANTROPOLOGIA E
ARQUEOLOGIA - 40001016027P9

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação ANTROPOLOGIA E ARQUEOLOGIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **ADRIANO IWAYA TAQUES** intitulada: **Percorrendo fluxos de orgânicos na cidade de Curitiba: uma etnografia da feira orgânica do Passeio Público**, sob orientação do Prof. Dr. RICARDO CID FERNANDES, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 29 de Setembro de 2021.

Assinatura Eletrônica

02/02/2022 10:32:52.0

RICARDO CID FERNANDES

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

02/02/2022 13:10:24.0

CLÉCIO AZEVEDO DA SILVA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA)

Assinatura Eletrônica

02/02/2022 13:55:53.0

ISLANDIA BEZERRA DA COSTA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS)

Rua General Carneiro, 460 - 6º andar - CURITIBA - Paraná - Brasil

CEP 80060-150 - Tel: (41) 3360-5272 - E-mail: ppgaa@ufpr.br

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 144402

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp> e insira o código 144402

AGRADECIMENTOS

Esta dissertação só se tornou realidade pelo apoio, as conversas e conselhos dados por grandes pessoas que caminham ao meu lado.

Agradeço a minha mãe, Marilda, que sempre me apoia em todos os objetivos que tomo, e que vivenciou de perto minha rotina diária de escrita, contribuindo com seus bons conselhos de mãe.

Agradeço ao meu pai, Edison, por sua sabedoria, seus ensinamentos e conselhos que fazem parte de mim, em cada dia de minha vida.

Agradeço ao meu orientador, Ricardo Cid Fernandes, com quem durante todo o meu processo de campo, de organização dos dados e da escrita da dissertação, foi essencial para que eu pudesse conseguir escrever um texto que hoje me orgulho.

Agradeço à Letícia Paiva, pela parceria, carinho e apoio durante todo este processo.

Agradeço às agricultoras, aos agricultores e feirantes com que pude conversar nas visitas que fiz à Feira do Passeio e me receberam gentilmente para a que pudesse fazer as entrevistas de campo, ao pessoal da Bananas Tavares, que na figura de Bruno Tavares me contou a trajetória de sua família no meio dos orgânicos. Ao Giovane Boaventura, da Cooperafloresta, que prontamente topou conversar comigo sobre sua história, de seus familiares e desta importante organização para agroecologia no Brasil.

Agradeço ao casal de feirantes Sandra Mara e Ozir, que me receberam no Sítio Recanto Nativo, ainda no começo de 2020, me oportunizando muito mais do que um campo de pesquisa, mas uma experiência que vou levar para a vida toda. Agradeço a eles por continuarem em todo o percurso que cumpri na Feira do Passeio, sempre com leveza e simpatia.

Agradeço a todas às consumidoras e aos consumidores de orgânicos que gentilmente cederam seu tempo, para conversar comigo na Feira do Passeio.

Agradeço a colega das Letras, Manuela Marfil, que com seu grande conhecimento e vivência na Feira Orgânica do Passeio, foi inteiramente solícita em me explicar várias das dinâmicas de funcionamento das feiras, da agroecologia e das certificações orgânicas.

Agradeço a amiga Fernanda Yumi, que gentilmente me acompanhou na ida ao Sítio Recanto Nativo e colaborou com seu trabalho audiovisual, através das fotografias e filmagens, que compuseram a construção destes escritos.

Agradeço ao amigo Marcus Paulo, com quem ao longo dos anos nutro uma grande amizade. Agradeço a ele por ter colaborado com suas habilidades de fotografia, engrandecendo a qualidade do texto.

Agradeço à amiga Ana Eduarda Diehl, pelas conversas sobre agroecologia e por sua grata participação nesta dissertação.

Agradeço a amiga Greici Caroline pela parceria desde o primeiro ano de graduação, com incontáveis cafés, beras e rolês. Agradeço também por me ajudar na pesquisa de campo na Feira do Passeio.

Agradeço ao amigo Pedro Henrique Frasson, pela paciência e disposição em ler e apontar melhorias nesta dissertação, contribuindo para um resultado mais qualificado.

Agradeço a todos que colaboraram com a escrita do meu projeto de pesquisa, ainda na fase de amadurecimento das ideias: Gian Carlo, Luana Maria e Pedro Henrique Frasson.

Agradeço às amigas Bárbara Cruz e Luana Camargo, que conheci durante o mestrado e comigo dividiram os conhecimentos, aprendizados e dores deste processo. Amigas que vou levar para a vida toda

Agradeço aos amigos e amigas que fiz na Reitoria da UFPR pela amizade que os anos levam adiante: Ana Carolina, Bruno Ribeiro, Caetano Pires, Camilo Leão, Cláudia Rabelo, Felipe Ribeiro, Gabriel Ribeiro, Felipe Alves, Gian Carlo, Matheus Kich, Pedro Frasson, Raphaela Blotz, Renan Flores, Ricardo Storniolo e Vinícius Krachinski.

Estendo os agradecimentos a todas as professoras e aos professores, servidores e terceirizados que trabalham na UFPR, contribuindo para formação de qualidade de profissionais das mais diversas áreas. Vida longa à universidade pública brasileira.

Agradeço às professoras e aos professores que participaram das bancas de qualificação e defesa, Clécio Azevedo, Islândia Bezerra e Liliana Porto.

Agradeço ao PPGAA, por ter me proporcionado cursar este mestrado, a todos os professores que compõem seu corpo docente e ao secretário Paulo Martins, por ser tão prestativo.

Agradeço a CAPES, pela bolsa de pesquisa cedida a mim, possibilitando que esta pesquisa fosse concretizada e sirva de contribuição para ciência brasileira.

“Abacateiro, teu recolhimento é justamente
O significado da palavra temporão
Enquanto o tempo não trazer teu abacate
Amanhecerá tomate e anoitecerá mamão”

(Gilberto Gil)

RESUMO

Esta dissertação parte de uma pesquisa de campo realizada durante o ano de 2020, na cidade de Curitiba, sobre a Feira Orgânica do Passeio Público. O presente estudo buscou descrever a circulação de agentes e produtos envolvidos na malha de produção orgânica em Curitiba e Região Metropolitana. Partindo do fenômeno da expansão dos espaços de comercialização de orgânicos nas últimas três décadas no Brasil, buscou-se apresentar a Feira do Passeio como um *locus* de análise e um dos resultados das transformações no consumo de orgânicos. A pesquisa posicionou e investigou a atuação dos/as agricultores/as que fazem da Feira o seu local de sustento, bem como a atitude dos consumidores que naquele espaço buscam seus alimentos e outros produtos. Os encontros destes grupos, partem da conformação de distintas intencionalidades, expressas através das relações de trabalho, de consumo e dos afetos, entrelaçando assim distintas *linhas* de vida e trajetórias que se cruzam na feira. Os expedientes metodológicos adotados tiveram um caráter qualitativo, sendo realizadas observações e participações efetivas, entrevistas estruturadas com feirantes e consumidores, além do uso de fotografias e análise de materiais disponíveis na *internet*. O estudo mapeou a história e o estado presente da maior feira orgânica de Curitiba, salientando a operação conjunta de distintos sujeitos e estruturas e revelando que estas interlocuções geram um expressivo canal de circulação de orgânicos, com pilares na qualidade dos produtos, na promoção da saúde e do apoio à pequena agricultura. As análises das transformações da Feira demonstram ainda a forte dependência das certificações e validações institucionais que requerem múltiplas estratégias para que os orgânicos possam atingir novos públicos e ter seu alcance ampliado.

Palavras-chave: Feira Orgânica do Passeio Público. Malha de produção Orgânica. Linhas de vida e trajetórias. Saúde. Pequena agricultura.

ABSTRACT

This dissertation is part of a field research carried out during 2020, in the city of Curitiba, especially at the Passeio Público Organic Fair. The present study sought to describe the circulation of agents and products involved in the organic production network in Curitiba and the Metropolitan Region, taking the Organic Fair of Passeio Público as the locus of analysis. Based on the phenomenon of the expansion of organic marketing spaces in Brazil in the last three decades, we sought to present the fair as one of the results of these transformations. The survey positioned and investigated the performance of producers who make the fair their place of livelihood, as well as consumers who seek their food and other organic products in that space. The meetings of these groups start from the conformation of different intentions, expressed through work, consumption and affection relations, thus interweaving different lines of trajectories that cross each other at the fair. The methodological expedients adopted had a qualitative character, with observations and effective participation in activities of the organic environment, structured interviews with marketers and consumers, in addition to the use of photographs and analysis of materials available on the internet, which, added to these previous ones, formed the corpus research to be analyzed. The study mapped the history and present status of the largest organic fair in Curitiba, emphasizing the joint operation of different subjects and structures, concluding that these dialogues generate an expressive organic circulation channel, with pillars in product quality, in promoting health and support for small-scale agriculture, but which still requires new support so that it can reach new audiences and have its reach expanded.

Key words: Public Walk Organic Fair. Organic production mesh; Lifelines and trajectories. Health; Small Agriculture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1-Plantio de mudas de berinjela.....	22
Figura 2- Trabalho de escolha dos feijões.....	23
Figura 3 - Feira Orgânica do Passeio Público na década de 1990.....	51
Figura 4 - Feira Orgânica do Passeio Público nos anos 1990.....	51
Figura 5 - Ponte no Passeio Público - Curitiba.....	55
Figura 6 - Uma das pontes do Passeio Público em novembro de 2020.....	55
Figura 7 - Uma das pontes do Passeio Público.....	56
Figura 8 - Lago do Passeio Público em novembro de 2020.....	56
Figura 9 - Barraca do Sítio Recanto Nativo em novembro de 2020.....	60
Figura 10-Cinema ao ar livre no Passeio Público.....	61
Figura 11 - Croqui do Passeio Público.....	66
Figura 12 - Reportagem sobre a feira realizada em outubro de 2020.....	68
Figura 13-Apresentação Musical na Feira do Passeio, em 2019.....	72
Figura 14-Apresentação da banda Laboratório do Groove, em 2019.....	72
Figura 15-Realização do Yoga na Feira, em 2019.....	72
Figura 16 - Barraca da Bananas Tavares em outubro de 2020.....	81
Figura 17 - Barraca do Recanto Nativo no álbum de família de Ozir e Sandra.....	82
Figura 18 - Galpão utilizado na organização das feiras no Sítio Recanto Nativo - 2020.....	84
Figura 19 - Caminhão utilizado no transporte de orgânicos - 2020.....	84
Figura 20 - Caixas de morangos organizadas para a venda na feira - 2020.....	85
Figura 21 - Barraca da Cooperafloresta na Feira do Passeio - 2020.....	90
Figura 22 - Produtos da Cooperafloresta na Feira do Passeio - 2020.....	90
Figura 23-Selo do Sistema Brasileiro de Conformidade Orgânica.....	93
Figura 24-Selo da Rede Ecovida de Agroecologia.....	93
Figura 25-Instâncias Organizativas da Rede Ecovida de Agroecologia.....	96
Figura 26-Selo conferido pelo TecparCert.....	100
Figura 27-Mural no Sítio Recanto Nativo, 2020.....	104
Figura 28-Mural no Sítio Recanto Nativo, 2020.....	105
Figura 29-Página no Instagram da Feira Orgânica do Passeio Público.....	132

Figura 30-Página no Facebook da Feira Orgânica do Passeio Público.....	133
Figura 31-Loja virtual do Sítio Recanto Nativo.....	134
Figura 32-Mensagem de Páscoa do Sítio Recanto Nativo.....	135
Figura 33-Perfil da Cooperafloresta no Instagram.....	143
Figura 34-Site da Cooperafloresta.....	143
Figura 35-Barraca da Cooperafloresta na Feira do Passeio - 2020.....	144
Figura 36-Barraca da Cooperafloresta na Feira do Passeio - 2020.....	145
Figura 37-Barraca da Bananas Tavares durante a pandemia.....	145

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AAO – Associação de Agricultura Orgânica
AOPA – Associação Para o Desenvolvimento da Agroecologia
ACOPA – Associação dos Consumidores de Orgânicos do Paraná
ADAPAR – Agência de Defesa Agropecuária do Paraná
AEASP – Associação dos Engenheiros Agrônômicos do Estado de São Paulo
AGAPAN – Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural
CELU – Casa do Estudante Luterano
OGM – Organismos Geneticamente Modificados
EBAA – Encontro Brasileiro de Agricultura Alternativa
ELAA – Escola Latino Americana de Agroecologia
ESALQ – Escola Superior de Agricultura Luís de Queiroz
GAA – Grupo de Agricultura Alternativa
IAPAR – Instituto de Desenvolvimento Rural do Paraná
IBD – Instituto Biodinâmico
INMETRO – Instituto Nacional de Metrologia Qualidade e Tecnologia
IVV – Instituto Verde Vida
IFOAM – *International Federation of Organic Agriculture Movements*
IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social
IPPUC – Instituto de Planejamento Urbano de Curitiba
FMI – Fundo Monetário Internacional
MAPA- Ministério da Agricultura Pecuária e Desenvolvimento
MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra
OMC – Organização Mundial do Comércio
ONU – Organização das Nações Unidas
ONG – Organização Não Governamental
PANC - Planta Alimentícia Não Convencional
PPGAA- Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia
RPC – Rede Paranaense de Comunicação
SAF – Sistema Agroflorestal

SANEPAR – Companhia de Saneamento do Paraná

SEAB – Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado do Paraná

SESA – Secretaria de Estado da Saúde

SMAB – Secretaria Municipal de Abastecimento

SMASAN – Secretaria Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional

SPG – Sistema Participativo de Garantia

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TECPAR – Instituto de Tecnologia do Paraná

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UFRGS- Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UFSC -Universidade Federal de Santa Catarina

UFMS – Universidade Federal de Santa Maria

UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
Capítulo I – Apresentação dos orgânicos: um histórico a respeito do tema.....	33
1.1 “Nascimento” das agriculturas alternativas: uma breve contextualização histórica.....	34
1.2 Agricultura <i>orgânica</i> : um problema semântico e político.....	38
1.3 A chegada das agriculturas “alternativas” e o mercado de orgânicos no Brasil.....	40
1.4 A explosão da agricultura orgânica no Paraná.....	44
1.5 O afloramento das feiras orgânicas brasileiras e o surgimento da Feira Orgânica do Passeio Público.....	46
Capítulo II: As histórias que se encontram na feira.....	52
2.1 Reconhecendo o ambiente: Passeio Público, um parque com as várias caras de Curitiba.....	53
2.2 Olhando as <i>linhas</i> mais de perto: o encontro entre o parque e a feira.....	58
2.3 O A feira do passeio atualmente e o fazer de campo durante a pandemia: uma breve descrição.....	65
2.4 <i>Linhas</i> : trocas, sensações e afetos que fazem a feira.....	69
2.5 <i>Linhas</i> que produzem trajetórias: vida e <i>trabalho</i> na construção da Feira do Passeio.....	77
2.5.1 Famílias que se organizam e fazem a feira acontecer.....	79
2.5.2 O <i>trabalho</i> nas barracas e o preparo da feira.....	81
2.5.2 A feira que planeja.....	86
2.5.3 A feira que se certifica.....	90
2.5.4 A feira que se expande.....	103
Capítulo III – A Economia dos Orgânicos em Curitiba: um olhar sobre o consumo a partir da Feira Orgânica do Passeio Público.....	108
3.1 Breves Considerações acerca da Antropologia do Consumo.....	110
3.2 Considerações acerca do Consumo de Orgânicos: <i>ambientalização</i> e <i>politização</i>	112
3.3 Considerações acerca das tendências do Consumo de Orgânicos no Brasil.....	113
3.4 Promoção da saúde e evitação das doenças entre os frequentadores da Feira do Passeio Público.....	116
3.5 Perspectivas de Futuro dos Orgânicos pelos consumidores da Feira do Passeio.....	125
3.6 Os usos e não usos da <i>internet</i> como meio de comercialização de orgânicos na Feira do Passeio.....	131
Considerações Finais.....	146
REFERÊNCIAS.....	153

INTRODUÇÃO

A Feira Orgânica do Passeio Público é um evento realizado periodicamente aos sábados em um parque central do município de Curitiba. Nesta feira, são vendidas uma variedade de produtos alimentícios, sendo eles hortifrúti, grãos, pães, massas, mel, café, flores, cosméticos, dentre outros. Além da diversidade de provimentos comercializados sob a compreensão do que podem ser considerados produtos orgânicos, são percebidas especificidades em seus regimes de cultivo por parte significativa daqueles trabalhadores, como a adoção de protocolos do saber agroecológico, que expressam princípios política e ambientalmente engajados no que se refere ao manejo dos recursos naturais.

A constituição do evento se dá, em muitos casos, a partir de famílias residentes em municípios da região metropolitana de Curitiba que trazem suas próprias produções para serem vendidas na feira. Elas advêm, rotineiramente, para efetuarem as vendas no circuito de feiras orgânicas de Curitiba, em que a Feira do Passeio Público está inserida. Quando finalizada a versão final do projeto de pesquisa submetida à seleção de mestrado no PPGAA/UFPR, estava em pleno vapor o interesse em realizar uma etnografia que acompanhasse estas rotas e *fluxos* da produção de bens orgânicos desde as suas produções em sítios e agroflorestas na Região Metropolitana de Curitiba bem como na região do Vale do Ribeira, passando pelas vendas na feira orgânica, complementando uma cadeia produtiva orgânica.

O interesse inicial por este tema de pesquisa se iniciou no ano de 2018, quando houve a oportunidade de aprofundamento em leituras a respeito acerca da alimentação em decorrência de uma necessidade pessoal de ampliar cuidados. Com melhor entendimento a respeito da questão alimentar atual, foi possível ter percepções sobre algumas das problemáticas que envolvem o cotidiano da produção da comida brasileira: uso demasiado de contaminantes, intoxicações, baixa diversificação alimentar e assim por diante.

Com as indagações postas à mesa, acabei partindo para uma busca em saber quais seriam algumas das alternativas colocadas a este modelo alimentar, difundido massivamente entre a população, como é o caso de produções orgânicas e agroecológicas, das suas comercializações em feiras livres e a atuação de movimentos sociais do campo e outras organizações.

Aliado a este fascínio, que crescia naquele momento, havia o interesse antigo pelas formas de comércio de rua, como os mercados públicos e feiras livres onde quer que estives-

sem, desenvolvido com o hábito criado ainda na infância de “ir à feira”, contemplado com a multiplicidade deste tipo de evento na cidade de Curitiba. No final do ano de 2018, ainda tentando transformar interesses difusos em ideias sólidas para estudo, houve a oportunidade de inverter um hábito antigo de “ir à feira”, podendo trabalhar em uma das barracas da Feira Orgânica do Passeio Público, entendendo um pouco acerca de certas dinâmicas, por parte daqueles que vendem, em um local como a carinhosamente chamada pelos seus frequentadores, “Feira do Passeio”.

Aquele dia proporcionou uma valorosa interlocução, com uma amiga, feirante, que explicou o funcionamento das redes que fazem circular a produção orgânica, vendida naquela feira, com suas especificidades, como a certificação dos produtos e os tipos de negócios ali presentes. Já com a pesquisa em andamento, a tarefa passaria pela busca de interlocutores que recebessem o pesquisador em suas propriedades.

Foi assim que tive a felicidade de conhecer os agricultores Ozir e Sandra, casal proprietário do Sítio Recanto Nativo¹, para realizar a primeira das idas ao campo fora da feira orgânica, que acabou tornando-se a única oportunidade de *percorrer as linhas* de produção orgânica até um dos locais de onde ela advém. Eis que já com as negociações para a continuidade da pesquisa em outra das propriedades familiares, se impôs o fato que obrigou uma abrupta mudança de rumos na pesquisa, a pandemia.

Ao mesmo tempo em imperava um fato que impelia uma condição completamente avessa ao proceder comum da antropologia, o campo, se impunha a obrigação em realizá-lo de alguma outra forma ainda nebulosa em minhas ideias. Como em toda a vida, muitas das vezes os objetivos se reorganizam para serem possíveis de serem cumpridos e, nesse caso, fizeram retomar um propósito anterior: o de etnografar uma forma de comércio urbano, ainda que imbuído da presença constante do “rural”. A estratégia tomada, em meados de setembro

1 O Sítio Recanto Nativo, localizado na cidade de Campo Magro- PR, ocupa espaço relevante no mercado de orgânicos em Curitiba e Região Metropolitana e será frequentemente mencionado durante esta etnografia, por ter se constituído como um dos espaços por onde a pesquisa de campo foi realizada. Segundo *site* próprio é assim descrito: “O Sítio Recanto Nativo é um sítio de produção orgânica há mais de 32 anos e busca incentivar o consumo sustentável, o respeito pelo meio ambiente e o contato com a terra por meio de palestras, cursos de agricultura orgânica e aulas de campo. Nós também fazemos entregas à domicílio em Curitiba todas às terças-feiras e quintas-feiras [...] Disponível em: <<https://www.sitiorecantonativo.com.br/>> <Acesso em 09 Fev. 2021>. No local há uma diversidade de culturas de orgânicos, como as hortaliças, as leguminosas e as frutas, cultivadas tanto em áreas abertas quanto em estufas. Do mesmo modo, são criados animais, como as galinhas, para produção de ovos, além de uma pequena quantidade de bovinos. O sítio ainda se dedicou, ao longo de sua história, a outras atividades, como a gastronomia e o turismo rurais, a partir dos princípios da agricultura orgânica.

de 2020, foi a de reduzir o acompanhamento das cadeias de produção orgânica, em um momento em que as visitas domésticas passaram a representar um risco à saúde.

Coincidindo com a volta da Feira do Passeio ao seu local habitual (Passeio Público), foram possibilitadas algumas idas, sob novos parâmetros de segurança ao campo, agora resumido ao espaço da feira orgânica e do parque urbano que a envolve. O campo passou a ser realizado nos sábados, dia em que ocorre a feira, se iniciou no dia 03 de outubro de 2020 e ainda deve ser continuado até meados de março de 2021. Nestas idas, o enredo tem sido o de conversar, observar e registrar, por isso, tem se dado ênfase ao uso da técnica das entrevistas com pessoas que “fazem a feira”², tanto produtores e/ou feirantes bem como consumidores que tem por hábito comprarem seus alimentos naquele local. (VEDANA, 2004)

Os registros fotográficos vem sendo igualmente utilizados, sobre os quais merece o devido agradecimento ao amigo e colega de mestrado, Marcus Paulo, que em feira realizada no dia 07 de novembro de 2020, contribuiu para esta pesquisa, com as habilidades e equipamentos adequados para a realização de algumas destas capturas.

Argumentos gerais da dissertação

Os aportes teóricos utilizado para embasar esta dissertação variam a cada capítulo, a depender das temáticas específicas as quais estão sendo tratadas em cada um deles. No entanto, cabe ressaltar que será seguida uma proposta “guia” inspirada na teoria das *malhas*, de Tim Ingold. A concepção ingoldiana volta-se ao que chama do acompanhamento de *linhas*, que retratam a forma pela qual o mundo se apresenta em um “*fluxo* perpétuo”. Tais conceitos, quando apresentados durante o texto aparecem sob o formato itálico para que se faça seu destaque.

Considerou-se que a adoção desta perspectiva possibilita a elucidação da maneira como os próprios agentes do circuito orgânico experimentam suas rotinas, seus ambientes, protocolos burocráticos, certificados, bem como o convívio entre feirantes e frequentadores da feira, pensando nela como um emaranhado de *coisas*³ que se misturam durante a vida daque-

2 Vedana (2004) usa a expressão “fazer a feira” para descrever certos “atos de fazer”, formados por ações e gestos que evidenciam o espaço urbano sendo produzido por determinados habitantes

3 “Coisa” em (INGOLD, 2012, p. 29), “[...] é um “acontecer”, ou melhor, um lugar onde vários aconteceres se entrelaçam.” (INGOLD, 2012, p. 29). Busco através desse conceito representar as partes do caminhar diário dos produtores e compradores de orgânicos, para além de um conjunto de partes inertes que se completam, segundo o autor, vazam das próprias superfícies.

las pessoas. A feira é colocada, neste caso, como um ambiente cheio de vida, em que se adensam o cruzamento entre diferentes *linhas*.

O objetivo geral desta pesquisa concerne à seguinte proposta: “*Descrever a construção das malhas de circulação orgânicas em Curitiba, observando a Feira Orgânica do Passeio Público.*” Dessa forma, volta-se a Ingold com o intuito de apresentar o modo de proceder nesta pesquisa, em que os “acontecimentos” etnográficos são percebidos a partir do que Ingold (2012) designa como uma postura de “*seguir os materiais*”, sabendo que estes “vazam” de um espectro de previsibilidade, e considerando que “é no contrário da captura e da contenção – na descarga e vazamento – que descobrimos a vida das coisas”. (INGOLD, 2012, p. 35).

Logo, faz-se notar para distintos movimentos que fazem constituir uma feira, começando pelas relações de troca, reciprocidade e afeto entre quem constrói aquele evento. Igualmente, são notadas as relações de trabalho daqueles que subsistem deste tipo de negócio, bem como de consumo, traçadas por quem faz da feira o espaço de onde leva a comida para mesa de casa. Por fim, são notadas para relações de trato burocrático, tanto em relação ao Estado, às certificadoras e o caráter associativo que se impera para a organização de comunidades de agricultores e consumidores.

À vista disso, remete-se ao que fora colocado por Pinheiro Machado (2018) quando a autora menciona a necessidade de percepção de como “vidas” e “universos” que se colocam, dadas inúmeras circunstâncias, sob determinada bandeira, no caso presente, a dos produtos orgânicos. A pergunta posta a concatenar o objetivo e o campo é: *Como se relacionam a agricultura de base ecológica na região metropolitana de Curitiba e a Feira Orgânica do Passeio Público?*

Quando digo que as vidas e universos se colocam sob a bandeira dos orgânicos, é enfatizado para um dos inúmeros aspectos que permeiam as relações que passam pelo campo etnográfico, como as relações de sociabilidades, trocas e presenças que podem ser observadas por diferentes pontos de vistas, mas que circunstancialmente se fazem também como “fazedores” de uma rede organizada sob o lema dos orgânicos.

À vista disso, a feira orgânica em si, remonta para uma tradição comercial, de feiras, anterior ao que conceitua atualmente enquanto “orgânico”, fazendo parte de constantes remodelações dos espaços urbanos e das pontes rural-urbano onde ocorrem. Em Guimarães (2010) é contada a história deste tipo de espaço, originado na Europa durante o advento da Idade Mé-

dia, quando camponeses intercambiavam o excedente de suas produções por outros gêneros de mercadorias das quais eram despossuídos.

No Brasil, de acordo com Trevisan (2008), as feiras foram trazidas pela coroa portuguesa, sendo colocadas em prática para que houvesse um dia de vinda dos nativos para a cidade, para que fizessem a aquisição de mercadorias. A tentativa foi malograda pela razão dos envolvidos estarem acostumados a comercializar suas mercadorias na praia, não adotando assim o novo modelo de vendas. O autor menciona que a partir do século XVIII passaram a ser realizadas com frequências as chamadas feiras de gado com a intenção de abastecimento de cidades, sendo relatadas em Sorocaba (SP), Goiana (PE) e Laranjeiras (SE).

Guimarães (2010) relata uma sistematização e organização em cidades como Rio de Janeiro, sob a gestão do prefeito Pereira Passos, com o seu funcionamento autorizado primeiramente aos finais de semana. Em São Paulo teria sido reconhecida em 1914 e nomeada oficialmente como Feira Livre, uma série de eventos realizados aproximadamente, desde o século XVII. Grimm *et al* (2016), contam que em Curitiba as feiras tiveram seu início relatado no final do século XIX, como forma de escoamento da produção de chácaras pertencentes a imigrantes poloneses, alemães e italianos. Houve sistematização de feiras diversas, na cidade, a partir da década de 1970, sendo realizadas hoje em diferentes modalidades como as de artesanato, as gastronômicas, as volantes e as orgânicas.

Os resultados encontrados apontam para, até o presente momento, dois caminhos por qual a escrita da dissertação percorreu. O primeiro destes segue o argumento de apresentar a feira orgânica como o resultado de um processo mais longo, em que se desenvolveram as chamadas “*agriculturas alternativas*”, mais recentemente chamadas de “*agriculturas de base ecológica*”.

Nessa lógica, fala-se atualmente sobre “comer orgânicos”, comprar menos das grandes redes, apoiar produtores e negócios locais (locavorismo), dentre uma gama de iniciativas que traduzem mudanças em valores de produção e consumo. No entanto, cabe aqui pensar em como se chegou a este tipo de acontecimento. A *linha* percorrida pela análise feita nesta dissertação, das chamadas “*agriculturas alternativas*” e da bandeira do consumo de produtos orgânicos, trabalha com os tipos de produção que se mantiveram até hoje, sustentando um caráter “contra-hegemônico”⁴. Este recorte se explica pela amplitude do que hoje é considerado

4 Traz-se o termo “contra-hegemônico” para se referir a uma ampla gama de produções, que além do fato de tomaram por base a não utilização de agrotóxicos e não serem advindos do agronegócio, ou de qualquer forma de produção em larga escala.

um produto enquanto “orgânico”. De acordo com a legislação brasileira, assim é definido um sistema de produção orgânico:

Art. 1º Considera-se sistema orgânico de produção agropecuária todo aquele em que se adotam técnicas específicas, mediante a otimização do uso dos recursos naturais e socioeconômicos disponíveis e o respeito à integridade cultural das comunidades rurais, tendo por objetivo a sustentabilidade econômica e ecológica, a maximização dos benefícios sociais, a minimização da dependência de energia não-renovável, empregando, sempre que possível, métodos culturais, biológicos e mecânicos, em contraposição ao uso de materiais sintéticos, a eliminação do uso de organismos geneticamente modificados e radiações ionizantes, em qualquer fase do processo de produção, processamento, armazenamento, distribuição e comercialização, e a proteção do meio ambiente. (Brasil, Lei Nº 10.831, de 23 de dezembro de 2003).

Posto isto, e considerando todos os benefícios que possam ser obtidos com a normatização que versa sobre o tema, sabe-se que dentro desta delimitação ainda cabem sob a bandeira do “orgânicos” uma miríade de agentes. De acordo com reportagens disponíveis em (CiOrgânicos, 2019) (Revista Globo Rural, 2015) é possível notar para empreendimentos de porte amplo, atuando no mercado dos orgânicos. São mencionadas as participações, neste setor, de empresas como Vapza, Bem Orgânico (Grupo Pão de Açúcar), Jasmine e Mãe Terra. Sobre este gênero de trabalho junto aos orgânicos, cabem ser percorridas outras *linhas* de análise, com maior possibilidade de reflexão sobre seus meandros, encontrados em diversos estudos realizados sobre o universo orgânico, em áreas distintas.

Feita esta ressalva, apresenta-se, ainda que de forma breve, um breve panorama a respeito da formação do mercado produtor de orgânicos no Brasil. Conforme exposto por Lourenço (2016), a composição de grupos de produtores pode ser dividida em dois grupos, o de pequenos agricultores familiares, ligados à associações e movimentos sociais, e o de grandes produtores/as, com forte viés empresarial. No primeiro grupo, inserem-se 90% dos produtores rurais, que representam 70% da fatia produtiva de orgânicos no país. O total de hectares voltados à produção orgânica no país seriam de 880 mil hectares no ano de 2008, ante 100 mil hectares no ano 2000. (LOURENÇO, 2016). Esta pesquisa versa a respeito de um evento, pelo qual produtores/as inseridos no primeiro grupo comercializam próprias produções ou de terceiros a partir de malhas, explicitadas mais adiante.

O debate aqui colocado defende pensar na produção orgânica vendida em diversos *circuitos* de feiras e outras formas de comercialização, como as sacolas, fazendo parte de um processo específico pelo qual produtores/as passaram, por motivos diversos, a produzir seus

cultivares a partir de formas ecológicas de agricultura. Hoje, todas estes tipos de agricultura se encontram sob a bandeira dos orgânicos. O argumento apresentado, portanto, traz a Feira Orgânica do Passeio Público como um dos resultados deste processo, em que agricultores/as, em sua heterogeneidade, convergiram para a saída do modelo de produção convencional e encontraram, nas feiras, um meio de comercialização viável em uma época que ebuliram iniciativas que viriam a atuar na viabilização tanto produtiva quanto comercial do mercado de orgânicos.

O segundo argumento defendido por esta dissertação caminha no sentido de perceber a Feira Orgânica do Passeio Público como um espaço em que ali fixado, torna-se *locus* de entrecruzamento das diferentes *linhas* de agentes interessados na produção orgânica. Defende-se, neste caso, que a oportunidade obtida, inicialmente, por alguns produtores/as de orgânicos da Região Metropolitana da Curitiba, de estabelecerem no local um ponto de comercialização de suas mercadorias, aliada à participação de outros agentes, funcionou como ponto de convergência entre múltiplas realidades, aqui figuradas através das *linhas*. A imagem destas *linhas*, que se encontram aos sábados, passa pelo exercício de certas relações que se dão através do encontro entre aqueles que semanalmente *fazem a feira* acontecer.

Assim, através do trabalho etnográfico, foi possível reparar para como se expressam, na feira, alguns encontros, como o das realidades heterogêneas das produções rurais que se instalam semanalmente no Passeio Público, com um ambiente tipicamente urbano, no centro de uma capital. Seguindo esta lógica, são notadas as trocas efetivadas entre os “fazedores” da feira. O êxito na implementação e continuidade da feira se dá nos intercâmbios, não apenas de produtos, mas também de conhecimentos e saberes, entre produtores e consumidores de orgânicos.

O caráter recíproco das relações entre àquelas pessoas que compram ou vendem este gênero de mercadorias também expressa os afetos e sentimentos entre produtores/as, feirantes e compradores/as. Este fato surge como um dos *nós* que amarram a produção de base ecológica da Região Metropolitana de Curitiba e uma feira encravada na região mais central da cidade. Da mesma forma, aparecem como *linhas* desse enredamento a diversidade de modos de trabalho que trazem consigo a cooperação entre famílias, advindas de diferentes cidades, bairros, que realizam, ainda que sob a bandeira mais abrangente dos orgânicos, uma série de técnicas distintas de agriculturas, geralmente tocadas sob a égide do trabalho dividido entre membros das próprias famílias.

Conforme será apresentado durante a pesquisa, cabe reparar na nomenclatura das empresas familiares, em que há o uso do sobrenome em cada uma delas, denotando como relações de parentesco formam mais uma das *linhas* que unem agriculturas e feiras orgânicas. Em uma rápida busca em página disponibilizada pela Prefeitura Municipal de Curitiba⁵, que facilita o contato entre feirantes e consumidores/as, nota-se para a recorrência de barracas com os nomes de famílias ou casais, que fazem da agricultura e das feiras o seu meio de trabalho e de vida.

Deste modo, unem-se os argumentos que tratam a feira orgânica como um dos resultados dos processos de expansão das *agriculturas alternativas*, com a abordagem específica da Feira do Passeio, etnograficamente analisada, em seus métodos, conforme será apresentado a seguir.

Aspectos metodológicos

O percurso metodológico que propiciou a escrita deste texto passou por diversas mudanças ao longo de sua produção, escapando de um caráter completamente linear durante o último um ano em que a pesquisa vem sendo realizada. Em planejamento ainda no ano de 2019 existia a previsão do acompanhamento de *linhas* de produção orgânica na Região Metropolitana de Curitiba, as quais culminam, em diversas oportunidades, na Feira Orgânica do Passeio Público.

De saída, percebi que seria impossível acompanhar a totalidade destes movimentos de circulação de pessoas e mercadorias, portanto, o caminho escolhido convergia para a proposição trazida por Pinheiro Machado, da qual explica que: “[...], eu não estarei acompanhando todo um caminho linear de mercadorias, mas os seus pontos principais de saída e de chegada.” (PINHEIRO MACHADO, 2015, p. 24).

De maneira objetiva, a proposta era a de remontar etnograficamente estes *fluxos* de produção orgânica, indo primeiramente aos sítios e agroflorestas que aceitassem a presença do pesquisador, junto às atividades realizadas nestes locais. Conforme mencionado anteriormente, este plano de ação etnográfica foi realizado apenas em um primeiro local de produção orgânica que participa do *circuito* de feiras orgânicas de Curitiba, o Sítio Recanto Nativo.

5 A página <<https://feiraslivres.curitiba.pr.gov.br/busca/?categoria=0&pagina=2>> traz informações e contato de feirantes da cidade.

Naquela ocasião, a postura etnográfica adotada seria a de realizar a observação participante conforme proposta por Brandão, “observando e participando” da vida daquelas pessoas, das suas rotinas de trabalho no campo, do convívio doméstico e familiar, com os funcionários/as, dentre outras situações que viriam a acontecer. Brandão assim colocaria sobre a lida da observação:

Dentro disso, o meu primeiro trabalho se concentra mais numa observação participante. Participante num duplo sentido. Em primeiro lugar, porque se faz estando pessoalmente no lugar e observando e compreendendo aquilo que está acontecendo, por participar da vida cotidiana das pessoas. (BRANDÃO, 2007, p.14)

Assim aconteceu, naqueles dias compreendidos entre 03 e 06 de fevereiro de 2020, em que participei da rotina familiar desde o primeiro instante que cheguei no sítio Com a observação atenta durante as conversas com o casal de agricultores e a realização conjunta de atividades de labor no local, era possível reparar para certas relações que viriam a ser parte dos temas de escrita deste texto. Esta rotina, compreendia diversos afazeres, a mim, inéditos, que são comuns em um sítio de produção orgânica, como: a capina manual da terra, sem o uso de insumos industriais, as minuciosas plantações de mudas de hortaliças, a separação artesanal dos feijões aptos ou não para a venda, o preparo para a realização das feiras, dentre outras funções que serão relatadas ao longo da dissertação.

Figura 1-Plantio de mudas de berinjela



Fonte: Fernanda Yumi (em colaboração), 2020. Trabalho de campo no Sítio Recanto Nativo

Figura 2- Trabalho de escolha dos feijões



Fonte: Fernanda Yumi (em colaboração), 2020. Trabalho de campo no Sítio Recanto Nativo

Durante a realização destas atividades, ao passo que era possível, se davam os momentos de conversar e perguntar sobre temas vivenciados, bem como daqueles que compreendiam um interesse anterior de pesquisa. Em muitas das oportunidades, era levado junto um caderno de campo, a postos para receber anotações pertinentes àquelas vivências. Ao final do dia ou em alguma outra hora oportuna, era também escrito o diário diretamente no computador, detalhando o que fora vivido e percebido pelo pesquisador naquele dia.

Outros expedientes foram utilizados naquela ocasião, como os possibilitados pela colaboração da amiga e produtora audiovisual Fernanda Yumi, que aceitou convite para participação nesta ida ao campo comigo. A sua presença contribuiu para a realização de uma entrevista filmada com a agricultora, feirante e proprietária do Sítio Recanto Nativo, Sandra Mara, bem como para capturas fotográficas do espaço do sítio. Este tipo de registro foi também utilizado, inúmeras vezes, pelo próprio antropólogo.

Os resultados obtidos desta visita e da escolha destes métodos e técnicas aparecerão paulatinamente durante o texto etnográfico. Dado que, esta era a primeira das idas planejadas às propriedades que abastecem a Feira do Passeio, e aconteceu pouco antes do início da pandemia de covid-19, acabou se tornando, até o presente instante, a situação que oportunizou a realização de um campo mais habitual, a respeito da metodologia escolhida. A chegada do período pandêmico forçou mudanças metodológicas na condução da pesquisa, que podem ser divididas em duas etapas distintas: a construção de um capítulo baseado em um levantamento bibliográfico e o retorno ao campo sob novos parâmetros.

Os meses compreendidos entre março e outubro de 2020 propiciaram um período intenso de leituras. Ainda com o campo presencial incompleto, a pandemia forçou a tomada de outros rumos para a dissertação. A ideia escolhida para a continuidade da pesquisa foi a da escrita de um capítulo que compreendesse um levantamento acerca da concepção e desenvolvimento das *agriculturas* que culminaram no que se conhece como agricultura *orgânica* e nomeiam, inclusive, a Feira Orgânica do Passeio Público. A proposta de refletir sobre as origens dos *orgânicos*, que começou com consultas bibliográficas menos ordenadas, ganhou robustez com a realização de um levantamento da elaboração, em programas de Pós-Graduação brasileiros, acerca de temáticas envolvendo os domínios tanto da produção quanto da comercialização, relacionadas às agriculturas de base alternativa/ecológica.

O banco de dados, que atualmente contém em torno de 60 dissertações e teses, versa sobre temáticas que enredam o amplo campo da produção e consumo exercidos a parte do modelo convencional. Entre eles, aparecem: a agricultura urbana; agricultura familiar; sistemas de certificação; relações campo-cidade; organizações em torno da produção e consumo alternativos⁶; da agroecologia; da comercialização em feiras livre, dentre outros temas.

Percebe-se, ao longo da última década, que estes temas, e outros relacionados, surgem com maior frequência em programas de pós-graduação de áreas como a Geografia, a Sociologia, e outros, de caráter interdisciplinar. Neste âmbito, inserem-se programas como: Desenvolvimento Rural/UFRGS; Meio Ambiente e Desenvolvimento/UFPR; Ciências Sociais, Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade/UFRJ, Ambiente e Sociedade/UNICAMP. Verificou-se que, na Antropologia, estes assuntos surgem através de outras aberturas, como a etnologia in-

6 Pode ser mencionado, no âmbito das Ciências Sociais, o estudo de Lima (2016) “Movimento Slow Food e seus impactos para a produção do queijo artesanal na Região do Alto Parnaíba-MG.

dígena⁷ e a relações entre alimentação e cultura. Até o momento presente, a listagem contemplou universidades dos estados do sul, além de São Paulo e Rio de Janeiro.

A organização deste rol de estudos acerca de temáticas afins à produção e ao mercado agrícola *alternativo*, realizadas em diferentes espaços acadêmicos, acabou auxiliando na escrita do capítulo acerca do desenvolvimento deste histórico *dos orgânicos*, que tem no *lócus* da Feira Orgânica do Passeio Público um fragmento desta história. Além da própria redação desta parte do estudo, as leituras feitas a partir do levantamento contribuíram como preparo teórico para o retorno ao campo, sob novas orientações.

A organização metodológica, utilizada em campo, para a realização de uma etnografia, em meio à pandemia, requereu a adoção de protocolos específicos, reordenação temporal e mudanças nas formas de traçar interlocuções. O planejamento para este retorno passou, primeiramente, pela requisição ao programa, certificando que este aconteceria com segurança para todos os envolvidos. Com a autorização obtida, a volta aconteceu, no dia 03 de outubro de 2020.

A metodologia adotada, a partir desta data, com o impedimento da realização de visitas domiciliares, previu a redução dos espaços onde aconteceria o campo etnográfico. A proposta inicialmente pensada, de percorrer as *linhas* por onde passam pessoas e mercadorias *orgânicas*, que desembocam na Feira do Passeio, ficou reduzida à sua própria circunscrição. Ainda que houvesse obtida a autorização para ir à feira, era necessário traçar uma estratégia para realizar interlocuções em um espaço público, com pessoas desconhecidas, e os temores trazidos pela pandemia. A solução encontrada naquele estágio da pesquisa foi a de propor entrevistas rápidas, a consumidores e feirantes, fundamentadas em um modelo de perguntas semiestruturadas.

A escolha do formato mencionado previu certo nível de perda de naturalidade durante as conversas, mas ainda foi considerada a alternativa mais viável, naquelas circunstâncias. Como a feira é realizada periodicamente aos sábados, foram nesses dias, durante os meses de outubro e novembro de 2020, que realizei trabalho de campo prevendo retorno para os finais de semana de março de 2021.

7 Neste domínio é mencionada pesquisa, como a de Niemeyer (2011) intitulada “Cultura e agricultura: resiliência e transformação do sistema agrícola krahô”.

Ao todo, foram feitas 17 entrevistas, com 4 feirantes e 14 consumidores/as, que se somaram a uma entrevista com uma ex-trabalhadora do local, desempenhada via *online* além de conversas realizadas pelo aplicativo *WhatsApp*. A essas acrescenta-se ainda a empreendida durante visita ao Sítio Recanto Nativo, conforme mencionado anteriormente.

A execução das entrevistas passou pela formulação de meios para que estas se efetuassem de maneira rápida e com aceitação por parte dos entrevistados em conversar em meio aos cuidados tomados em meio a pandemia. Por estas razões, foi adotado um protocolo diferente quando abordados consumidores e feirantes. Em relação aos primeiros, era solicitada a participação para uma breve conversa, sob caráter anônimo e com o envio posterior dos resultados da pesquisa, via *e-mail*. Este formato possibilitava o acesso a um número maior de pessoas, visto que em relação a este público eram buscados mais contatos para conversas mais curtas. Durante o texto, estes consumidores serão apresentados com seus nomes alterados.

Em se tratando dos/as feirantes, assim como foi feito na visita ao sítio, solicitei além da própria participação, o preenchimento do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Adotei essa diferenciação pela relevância em poder citar as pessoas e negócios envolvidos no mercado de orgânicos, bem como pelas próprias diferenças entre entrevistar “quem compra” e “quem vende” orgânicos, naquele local. Na prática, as circunstâncias moldam o campo de maneira um tanto diferente do imaginado. Mesmo planejando realizar conversas rápidas com os frequentadores da feira, muitos destes foram bastante solícitos, com quem foi possível falar mais longamente. De modo geral, se mostrou perceptível que, ainda sob a pandemia, vários daqueles/as que “fazem a feira” ficam satisfeitos de poderem contar um pouco de suas experiências no local.

Fizeram parte da estratégia definida para abordagem destes interlocutores, uma amálgama de equipamentos costumeiros ao campo etnográfico com outros, que passaram a compor minha rotina desde a volta à rotina de pesquisa externa durante a pandemia. Em meio ao diário de campo aparecia a máscara, junto do gravador aparecia o *face shield*, e ao mesmo tempo que eram usados o *kindle* e o bloco de notas para acessar informações da pesquisa, aparecia o tubo de álcool em gel oferecido aos entrevistados. Estes fatores vêm sendo traduzidos em um reaprendizado em como fazer campo, que tem gerado novas abordagens e percepções sobre o trabalho etnográfico, agora acrescido de cuidados não imaginados anteriormente.

Do mesmo modo que fora realizado no sítio, me servi de expedientes como as fotografias, tiradas por mim e também com apoio do colega, mencionado anteriormente, bem como

as anotações em caderno de campo e gravações próprias feitas via celular, para consulta do que ocorrera em determinada ida à feira. Somados a estes materiais, efetuei, para a escrita da etnografia, pesquisas a respeito da feira em veículos de mídia *online*, com o objetivo de notar as repercussões deste evento na imprensa.

Especificamente, foram realizadas buscas que contemplassem o retorno da feira para a delimitação do Passeio Público, em 03 de outubro de 2020, data que coincidiu com as voltas das idas a campo presenciais, assim entrelaçando o *momento etnográfico* com um fato retratado também por outros meios e coletividades, cada qual em suas singularidades. (STRATHERN, 2017).

Em um estágio seguinte, conforme proposto por Strathern, a respeito do tempo a ser dedicado pelo etnógrafo para a escrita, realizei o *segundo campo*, em que: “Ao mesmo tempo, as ideias e as narrativas que conferiam sentido à experiência de campo cotidiana têm de ser rearranjadas para fazer sentido no contexto dos argumentos e das análises dirigidos a outro público” (STRATHERN, 2017, p. 312). Nesse âmbito, para que se realizasse a imersão em cada uma das entrevistas, estas foram primeiramente transcritas e datadas. A *volta ao campo* passou pela análise de cada uma delas, utilizando um método simples, em que eram relidas, tendo certos trechos destacados e agrupados entre eles, de acordo com tópicos definidos pelo pesquisador.

A definição destes tópicos, e por consequência da escrita da própria etnografia, se colocou como a interseção das *linhas* do observador e dos interlocutores. Por este fato, ora o texto era guiado por minhas intenções e objetivos, ora era dirigido pelas palavras e ideias dos entrevistados. Na sequência apresento os capítulos da dissertação.

Visão geral do texto

Ainda que tragam uma continuidade entre si, os capítulos desta dissertação apresentam uma diversidade temática e em relação aos autores e autoras utilizados em cada um deles. No primeiro capítulo o objetivo é o de percorrer o “caminho dos orgânicos”, e a trilha escolhida para este caminhar é o da história das *agriculturas alternativas/de base ecológica*⁸, desembo-

8 O emprego do termo “agricultura alternativa” ao longo do texto se deve a escolha do autor pelo consenso terminológico encontrado na literatura, que discorre sobre o desenvolvimento destes tipos de prática no Brasil, sendo assim, um termo nativo dentre a comunidade de estudiosos sobre estes modelos agrícolas. Todavia, cabe breve reflexão acerca do termo, que se refere à sistematizações de práticas e técnicas, surgidas em contraposição ao modelos advindos desde a Segunda Revolução Agrícola e acentuada com o advento da Revolução Verde, afastando semanticamente inúmeras maneiras de se fazer agricultura, anteriores à predominân-

cando, ao final, no contexto etnográfico da Feira Orgânica do Passeio Público. Esta rota utiliza uma estratégia de afunilamento em relação aos temas apresentados: saindo de um ponto de abrangência global, de surgimento de movimentos de contraposição à agricultura convencional, em suas diferentes nuances⁹, chegando em uma feira, que carrega em seu nome, a categoria dos *orgânicos*.

No decorrer desta *linha*, são feitas algumas paradas: primeiramente, no advento em que a agricultura *orgânica* deixa de representar “apenas” um entre variados conjuntos de técnicas não convencionais de agricultura, passando a constituir, de certo modo, todo o conjunto delas. Seguindo o estreitamento proposto, discute-se como estes movimentos repercutiram em sua chegada ao Brasil e ao Estado do Paraná, considerando as particularidades de cada um destes locais.

Por fim, e de modo a abrir uma porta de entrada para o ambiente etnográfico, abordo como a expansão das alternativas agricultáveis e do mercado de orgânicos contribuiu para um momento de criação de profusas feiras orgânicas no país, como foi o caso da Feira Orgânica do Passeio Público, uma das pioneiras. Outros caminhos poderiam ter sido escolhidos para se chegar à parada “final” deste caminho, como o de mercados e feiras públicas, dos percursos da agricultura brasileira, dentre outros. No entanto, considere este, um itinerário que traria uma válida retomada acerca da concepção do conceito de *orgânicos*, largamente difundido, na época atual.

cia da agricultura de larga escala. Neste caso, o “alternativo” se coloca em relação ao que é se apresenta como hegemônico, esvaziando o sentido do que possa ser “anterior”, ainda que, na prática, opere com uma variedade de ferramentas agrícolas desenvolvidas ao longo do tempo e não necessariamente criadas em sua integralidade a partir dos eventos mencionados. O pensamento pode ser estendido ao fenômeno da popularização dos orgânicos, que mesmo sendo resultado coalizão de esforços de uma miríade de agentes como grupos de agricultores, comunidade acadêmica e instâncias autônomas ou do poder público, não deixa de operar como reação política, com estratégia de afastamento dos estigmas impetrados ao rural imaginado como expressão de atraso. Em campo, foi possível notar na fala de agricultores/as, que disseram que já cultivavam a partir de uma base “orgânica” antes mesmo de adotarem, formalmente, este tipo de sistema. Assim sendo, não é por acaso que haja tamanho crescimento do mercado de orgânicos no Paraná (um dos estados recordistas no uso de insumos químicos na produção agrícola), como estratégia de contraposição à hegemonia dos agrotóxicos no estado. Atualmente, com a utilização das nomenclaturas “agriculturas de base ecológica” ou “agriculturas sustentáveis”, resolve-se, ao menos em parte, à problemática que envolve estas significações.

9 A agricultura convencional é assim definida por Archer: “como um sistema agrícola industrializado caracterizado pela mecanização, monocultura e uso de insumos químicos como fertilizantes e pesticidas, com ênfase na máxima produtividade e lucratividade. Este sistema tornou-se ‘convencional’ somente nos últimos 60 anos, desde a II Guerra mundial” (ARCHER, 2003, p. 1 *apud* STOTZ, 2012, p.115). Definições, como a apresentada, para a agricultura convencional, propiciam a formação de um amplo espectro sob o mote do convencional, desde o/a pequeno/a agricultor/a, que utiliza adubos inorgânicos, em baixa quantidade, até grandes multinacionais do setor alimentício. Por esta razão, cabe esta problematização acerca do termo que, por convenção, é adotado nesta dissertação, geralmente como contraposta à agricultura orgânica ou outras formas de agriculturas vistas como alternativas.

No segundo capítulo, será adentrado o mundo da Feira Orgânica do Passeio Público de maneira mais efetiva. Ainda utilizando do recurso conceitual ingoldiano das *malhas*, propõe-se pensar na Feira do Passeio como um espaço de variados tipos de “encontros”. O capítulo é dividido em quatro partes, em que vão se apresentando estas convergências. O primeiro dos *encontros* tratados, versa sobre a união entre o parque mais antigo de Curitiba, o Passeio Público, e a Feira Orgânica do Passeio Público. E enfatizando a importância deste ambiente, a pesquisa defende que uma das razões para que a Feira do Passeio tenha se tornado a maior feira orgânica da cidade é o fato dela acontecer, especialmente, dentro deste parque.

O desenvolvimento desta ideia se dá ao longo do capítulo, que enfatizando a importância do parque, começa com uma exposição dos seus espaços e da sua história no contexto curitibano. Em seguida, é discutida a interseção entre parque e feira, quando recorre-se a Magnani (2002) para localizar certas *centralidades* e *ordenamentos* que perpassam e compõem os ambientes urbanos, como é o caso do espaço onde acontece a Feira do Passeio. A partir desta proposta, ainda é remontada a existência da feira naquele local, o seu retorno ao Passeio Público¹⁰, com a reabertura dos parques, e as suas relações com o entorno do parque e a região central da cidade, onde ele se localiza.

O segundo *encontro* abordado no capítulo se dá entre agricultores/as de orgânicos, residentes na Região Metropolitana de Curitiba e frequentadores da feira orgânica. Adota-se, neste ponto, a perspectiva de Heredia (2013), que considera o universo das feiras como espaços de *reunião social* onde se dão trocas de informações e opiniões. Indo além, a Feira do Passeio é percebida como um evento gerador de afetos e sentimentos entre aqueles que o constituem.

É levantado, através dos relatos de feirantes e consumidores, que a transformação da Feira do Passeio em um ponto de referência na comercialização de orgânicos se deve em grande parte aos intercâmbios gerados quando se cruzam as *linhas* de agricultores/as e consumidores e suas trocas de conhecimentos, saberes, convívios e amizades, que se fortalecem ao longo do tempo.

O terceiro e último dos *encontros* trata da união de agricultores/as, que semanalmente se reúnem para “fazer a feira”, tanto no Passeio Público, como em outros pontos de comercialização espalhados pela cidade. São enfatizadas, neste tópico, relações que imbricam trabalho

10 O retorno ao parque, por diversas vezes registrado neste texto, trata da volta da realização da feira dentro do Passeio Público, após reabertura dos parques em Curitiba, devido a flexibilização de medidas restritivas de circulação de pessoas em Curitiba, durante a pandemia de Covid-19.

e família, em que desde as tarefas empreendidas em sítios até as funções empenhadas em uma barraca da feira são da responsabilidade de membros de diferentes famílias que advêm de múltiplas cidades, metropolitanas a Curitiba e da região do Vale do Ribeira-PR/SP.

Em seguida, são discutidos alguns aspectos específicos do *trabalho* realizado por feirantes, sob diferentes formas de expressão: as incumbências de caráter muitas vezes braçal, como a montagem e desmontagem das barracas, e as de natureza organizativa e de planejamento, realizada, habitualmente, em escritórios.

Na sequência, será discutido um relevante domínio que compõe o trabalho nos circuitos de comercialização orgânicos, certificações, fator que legalmente “torna” algum produto orgânico, a partir de duas frentes: a remontagem de conjuntos legais que delimitam os trâmites e procedimentos que devem ser cumpridos pelos produtores orgânicos bem como das vozes dos interlocutores, sejam eles feirantes ou consumidores, observando para as posições destes acerca desta temática. Para analisar este gênero de produção de informações, que assim como outro tipo de atividades materialmente executadas na feira, faz parte do caminhar rotineiro do local, é adotada a perspectiva de Vianna (2014) que propõe pensar os documentos como mecanismos construtores de realidades, as fabricando e sedimentando.

Por fim, reflete-se como estes esforços vêm contribuindo para o crescimento da feira, através das percepções de alguns de seus sujeitos que a constroem, todas as semanas. Para isso, é utilizada categoria analítica proposta por Vedana (2013), de *metiér*, exercido por feirantes, enquanto o resultado da sistematização de experiências e saberes, em suas rotinas de trabalho.

No terceiro capítulo, o objetivo colocado será o de *esticar as linhas* por onde passa a Feira Orgânica do Passeio Público, adotando como enfoque principal, as relações de consumo entre aqueles que “fazem a feira”, enfatizando para a existência de uma Economia dos Orgânicos em Curitiba. O capítulo inicia-se com breves considerações acerca da Antropologia do Consumo, sublinhando para a proposta de Mary Douglas (1990), que propõe pensar os bens como emissores de mensagens, as quais refletem posições sociais. Nesta perspectiva, é analisado o consumo de orgânicos, por frequentadores/as da Feira do Passeio.

Na sequência, dando continuidade à sustentação teórica do capítulo, são apresentados os conceitos de *politização* e *ambientalização* dos consumidores/as, elaborados por Portilho (2009). A autora defende a existência, nos círculos de comercialização orgânica, de um modo de consumir politizado e atento para demandas ambientais. Estas propostas servirão para as

construções etnográficas apresentadas na sequência. Ainda no âmbito do consumo orgânico no Brasil, apresenta-se quatro tendências concebidas inicialmente por Barbosa (2009) e, nesta pesquisa, lidas sob a ótica de Anjos e Martil (2020) e Guilherme (2016), que observaram a existência, como fenômeno de consumo, da *cientificação do comer*, da *saudabilidade*, da *valorização da origem* e da *gastronomização do comer*.

Estas ideias, surgidas em outros ambientes etnográficos, como feiras orgânicas/ecológicas no Rio de Janeiro e Porto Alegre, são mobilizadas para participar dos seguintes tópicos do terceiro capítulo, intitulado “Promoção da saúde e evitação das doenças entre os frequentadores da Feira do Passeio Público”, construído com a proposta de realizar uma conversa com os/as consumidores/as da feira, trazendo às motivações para a participação deste público na Economia dos Orgânicos. Em meio à diferentes intencionalidades percebidas no local, o par binário, acima apontado, ganhou destaque, emaranhado a outras proposições adiante relatadas.

Em seguida, dando continuidade à conversa iniciada no tópico anterior, apresentam-se as “Perspectivas de futuro dos orgânicos dentre os frequentadores da Feira do Passeio”, onde os consumidores entrevistados, falam sobre o que pensam para continuidade da Economia dos Orgânicos, no país. Através destas reflexões, foi possível constatar que ainda que, frequentemente, atribuam sentido político ao ato de comprar alimentos orgânicos em locais como feiras orgânicas, estes consumidores, destacam limites destas práticas de consumo, aventando para a cooperação de outras agências, que apoiem o crescimento deste mercado.

Em um último momento de discussão sobre a Economia dos Orgânicos, é a observada a ocupação de espaços pela feira, para além de onde ela é materialmente realizada. Serão abordadas as formas de divulgação e comercialização, tanto da feira em si, quanto dos/das próprios/as agricultores/as de orgânicos em *sites* próprios, através de redes sociais, como *Instagram* e o *Facebook*, bem como das vendas efetuadas via *WhatsApp*.

Nesta modalidade que vêm ganhando protagonismo nos dias atuais, o/a consumidor/a monta, previamente, a sua cesta de mercadorias. Esta opção ganha força em uma conjuntura que impôs o distanciamento social, considerando que muitos feirantes e compradores deixaram de ir à feira durante a pandemia.

Assim como são notados os usos destas ferramentas de intermédio de produção e consumo, atenta-se para as preferências que atuam no sentido da recusa das compras *online*, res-

saltando para as particularidades da experiência de “ir a feira”, não facilmente substituível por outras formas de comercialização pela *internet*.

* * *

CAPÍTULO I – APRESENTAÇÃO DOS ORGÂNICOS: UM HISTÓRICO A RESPEITO DO TEMA

Os chamados “produtos orgânicos” podem ser observados a partir de diversos modos de entendimento e levando em conta os agentes envolvidos em sua construção. Para agricultores/as podem ser vistos como subsistência, meio de vida ou reprodução familiar a partir da agricultura. Para instâncias do Estado, como resultado de procedimentos agrícolas a serem regulamentados, fiscalizados ou matérias de políticas públicas. Para agentes do mercado, como lojistas e redes de supermercados podem ser enxergados como um nicho de consumo, ou um mero produto dentre tantos outros. Para consumidores, são por diversas vezes tratados como meio de alcançar uma alimentação mais “saúdável”, sem a presença dos multinomeados agrotóxicos ou de praticar determinado “estilo de vida”.

Em tantos casos, este e muitos outros olhares podem estar entrecruzados e combinarem várias das óticas simultaneamente, e acerca disso será apresentado um panorama a respeito do tema. A proposta desse capítulo concentra esforços em seguir uma linha que percorra o tema dos *orgânicos* com fundamento em um percurso da agricultura que viria, de certo modo, a culminar no atual cenário em que se encontram a agricultura e mercado de *orgânicos*, no tempo presente, e se insere o contexto etnográfico desta dissertação.

Primeiramente, é exposta uma abordagem que objetiva demonstrar quais foram as causas que levaram ao surgimento de formas de agriculturas vistas como “alternativas”, “ecológicas” ou outras denominações que sinalizem a contraposição ao modelo preponderante de fazer agricultura. Nessa perspectiva, é proposta uma reflexão acerca dos usos semânticos e políticos do que se propõe como “agricultura orgânica”, em suas múltiplas acepções possíveis. Posteriormente, são contextualizadas a chegada dos orgânicos e das “agriculturas alternativas”, de um modo geral, no Brasil, sublinhando para como se conformaram as condições para o estabelecimento desses conjuntos de sistemas no país.

Seguindo esta mesma linha, são versadas as situações que levaram o estado o Paraná a ter vivenciado ativamente esses acontecimentos e ser nos dias de hoje um significativo mercado produtor e consumidor de orgânicos, no enquadramento nacional. Em conclusão, e como porta de entrada para a etnografia realizada na Feira Orgânica do Passeio Público, é discutido como o crescimento das formas ecológicas de agricultura e outras causas culminaram na cria-

ção abundante de feiras orgânicas ou semelhantes no Brasil, enfatizando nos eventos que culminaram na Feira do Passeio Público, na cidade de Curitiba.

1.1 “NASCIMENTO” DAS AGRICULTURAS ALTERNATIVAS: UMA BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Ao longo da história, diversos grupos humanos buscaram formas de produzir culturas agrícolas. Para isso, utilizaram de diferentes técnicas e práticas, sendo comum o uso de elementos próprios do ambiente “natural” para a domesticação das espécies presentes em suas dietas alimentares, em rituais ou inseridas em regimes de trocas. Assim, com base em Costa (2017) é possível elencar alguns dos meios criados para que se possibilitasse o desenvolvimento da agricultura pelo mundo: o consorciamento e a rotação de culturas, o manejo biodiverso e a seleção genética, estando presentes em inúmeras regiões pelo planeta.

A se contextualizar, principalmente a partir do que se convencionou em chamar como “Revolução Neolítica”, grupos humanos passaram a desenvolver a agricultura, tendo ocorrências relatadas em regiões como os atuais Oriente Médio, o México e a Papua Nova Guiné. (COSTA, 2017). São mencionadas pelo autor a adoção, anterior à Idade Média, de técnicas que promoveram altos níveis de degradação dos ambientes naturais em que eram reproduzidos os cultivos. Podem ser apontados, nesse sentido, os pousios, o uso de animais e a rotação das culturas, gerando consequências para a qualidade das plantações, as quais resultaram em crises alimentares. Considerando o cenário, principalmente europeu, a partir da Idade Média, passaram a declinar progressivamente os sistemas baseados no pousio, até o fim de sua utilização. (PETERSEN, 2013).

Coloca-se como um segundo momento de inflexão, para as culturas agrícolas e alimentares, o século XVIII, quando passa a ascender, no ocidente, um modo de se cultivar em que Giraldo (2018), nota a conformidade entre os objetivos capitalistas de massificação produtiva e a agricultura da época, que passa a se atentar à superexploração dos recursos naturais, visando a geração de excedentes. Para Giraldo “[...] *estas significaciones productivistas, lo cual em el corto plazo le ayuda a incrementar sus rendimientos, pero al costo de romper la integración entre cultivos y sistemas ecológicos, y erosionar genéticamente la vida reacomodada por siglos naturalmente em nichos localizados*” (Giraldo, 2018, p.28).

Para Guimarães (1982), este período, localizado no final do século XIX, é marcado pela união das atividades agrícolas e industriais em um tipo de associação conceituada pelo autor como “integração vertical”, ou seja, entre dois setores distintos da economia. A respeito dessa junção, Guimarães coloca que: “A agricultura é atraída à integração não só para assegurar a obtenção de meios de produção mais eficientes, necessários para garantir o escoamento de seus produtos em um mercado cada vez mais controlado pelas grandes empresas industriais e/ ou comerciais.” (GUIMARÃES, 1982, p. 148).

Estas transformações, características do capitalismo europeu, proporcionaram a maior das variações observadas, tanto nos modos de fazer agricultura, quanto no alcance produtivo obtido pela agora “agricultura industrializada” ou “indústria de fazer agricultura”. Enquanto esta primeira fase de simbiose, entre agricultura e indústria, fora chamada de Primeira Revolução Agrícola, o seu desdobramento, na metade do século XX, seria conhecido como Segunda Revolução Agrícola.

De acordo com Petersen (2013), para que este novo padrão se concretizasse enquanto a expressão dominante de agricultura, passou por um processo de legitimação (primeiramente na Europa) o qual se baseava em um modelo apresentado como “científico-tecnológico”, balizado pelos objetivos de aumento da escala e intensidade produtivas. Cabe colocar que, como também fora apresentado por Petersen (2013), os processos de legitimação da agora chamada “agricultura moderna” passaram pela deslegitimação das maneiras anteriormente utilizadas por camponeses para o desenvolvimento de culturas.

Dessa maneira, fora criada a dicotomização, na alçada da agricultura, entre o “moderno”, e portanto, cientificamente balizado, e todas as outras expressões, que passariam a ser classificadas, como “tradicionais”. (PETERSEN, 2013). Notável é a perpetuação destas classificações, e variações delas, que ainda vêm sendo utilizadas nos dias atuais, inclusive em grande parte do meio agrícola brasileiro e mundial.

Este modelo se acelerou na segunda metade do século XX com o estabelecimento da chamada “Revolução Verde”. Iniciada por volta dos anos 1960, tinha como uma de suas bases a implementação de pacotes tecnológicos voltados à agricultura, os quais incluíam os pesticidas, os fertilizantes, a mecanização do campo e os organismos geneticamente modificados (OGM). (GIRALDO, 2018). A principal das justificativas levantadas para a intervenção a favor deste conjunto de medidas era a da eliminação do problema da fome no planeta, devido ao

seu alto investimento tecnológico, que geraria expressivos ganhos de produtividade na agricultura mundial.

De acordo com (Costa, 2017, p. 23) “Os resultados iniciais de sua adoção pelos agricultores nos países desenvolvidos induziram sua rápida difusão”. Desta forma, também se sucedeu no Brasil, que a partir de seus organismos governamentais, adotaram o modelo, propagado a partir de subsídios e fomentos públicos. (COSTA, 2017). (HOLT-GÍMENEZ, 2009)

A adoção dessas tecnologias atuou para a efetivação de processos dos quais Holt-Giménez (2009) chama de “liberalização” dos sistemas alimentares, que passam a ter um caráter expansivo e hegemônico, implementando um modelo de produção alimentar que tem como um de seus objetivos a transnacionalização das grandes indústrias agrícolas. A respeito deste fenômeno, Holt-Giménez coloca que:

Después de la Gran Depresión y de la Segunda Guerra Mundial, siguieron cincuenta años de reformas según el New Deal que subsidiaron y regularon a agricultura, permitiendo que la Revolución Verde propagase por todo el planeta el modelo capitalista de agricultura industrial.” (HOLT-GIMÉNEZ, 2009, p. 117-118).

A referida maximização da produtividade agrícola passa a gerar danos ambientais, tornando impossível a reposição inerente e cíclica de nutrientes nas plantações abarcadas pelo modelo de agricultura de alto impacto, tornando obrigatória a devolução de componentes biológicos da terra através de fertilizantes inorgânicos, vendidos pela indústria. No trecho abaixo se mostra um modelo base de extração de nutrientes por tonelada de soja plantada quando almejado um elevado índice produtivo, exemplificado por Giraldo, que chama este sistema agrícola de “agroextrativismo¹¹”.

Los ejemplos de agroextractivismo son múltiples, pero quizá basta con citar el caso de la soya. Para producir una tonelada al modo de los “desiertos verdes” que se han venido territorializando vertiginosamente en los campos del Sur global desde los albores del milenio, se requiere extraer “16 kilogramos de calcio, 9 de magnesio, 7 de azufre, 8 de fósforo, 33 de potasio, y 80 de nitrógeno” (Anino y Mercante, 2009: 82). Esos elementos químicos no son retribuidos al suelo y generan su degradación, minando aceleradamente las bases requeridas por la vida para su reproducción.(GIRALDO, 2018, p. 26)

11 A fim de evitar certa imprecisão linguística e negatividade indevida a respeito do termo “agroextrativismo”, lembra-se que esta composição de diferentes atividades (agricultura e extrativismo), muitas das vezes é realizada por pequenos produtores, como ocorre com produções de castanha do Brasil e óleo de copaíba (WWF/Brasil). <Disponível em: wwf.org.br> <Acesso em: 22.Fev.2021> Dentro do que se propõe como agroextrativismo, são comumente executados projetos, sob o lema da sustentabilidade e outros motes ambiental e economicamente comprometidos.

Ao mesmo tempo em que estes grupos, apoiados por governos locais, alcançaram, em um número limitado de países, níveis inéditos de produção agrícola, geraram através do uso desenfreado dos ambientes naturais consequências agressivas aos ecossistemas onde foram implementados, e à saúde dos trabalhadores e das populações residentes nos entornos dos cultivos. Conforme enunciado por Primavesi (2003), a aplicação, em países tropicais, de pacotes tecnológicos projetados em consonância com o clima e terreno dos países-sede das empresas criadoras (na Europa e nos Estados Unidos):

[...] não aumentou as colheitas como esperado, mas levou à decadência total dos solos especialmente pela lavração profunda, a neutralização do alumínio por calagens elevadas, o desequilíbrio entre os nutrientes, causado pela adubação com NPK e uso de pesticidas, e a exposição dos solos a chuvas e sol. (PRIMAVESI, 2003, p. 69)

Em paralelo ao contínuo avanço desta agricultura de escala industrial, foram sistematizadas¹², ao longo do século XX, formas *alternativas* ao modo hegemônico de fazer agricultura, propagado em escala industrial e no meio delas, está a agricultura orgânica enquanto um conjunto de técnicas, práticas e saberes específicos. Estes modelos de contraposição às agriculturas convencionais, passaram a ganhar forma da década de 1920. (FINATTO, 2015).

O autor levanta o fato que estas formas contrárias aos modelos de base agroquímica começam a ebulir no final do século XIX, mas se intensificam a partir deste marco. A variedade de tipos de agriculturas passou a ser usualmente abarcada pelo termo da “agricultura alternativa” que “é usado como um conceito ”guarda-chuva” visando agregar as diversas correntes que não utilizam técnicas e produtos típicos da agricultura convencional.” (FINATTO, 2015, p. 65).

Algumas dessas correntes, que reuniam críticas ao modelo produtivo hegemônico, aos padrões de consumo, em defesa da saúde e do meio ambiente são a: agricultura biodinâmica, agricultura natural, agricultura biológica e agricultura orgânica, a qual será, na sua acepção mais ampla, reservado o próximo tópico. (BRANDEMBURG, 2002) (FINATTO, 2015).

12 Sistematizadas a partir tanto de novos parâmetros, quanto inspiradas em técnicas preexistentes em distintos agrupamentos sociais.

1.2 AGRICULTURA *ORGÂNICA*: UM PROBLEMA SEMÂNTICO E POLÍTICO

Os movimentos de reação à agricultura hegemônica, que incluem agricultura orgânica, tiveram uma propagação inicial, em grande medida, caracterizada enquanto um fenômeno majoritariamente europeu. Esta circunstância decorre do projeto de extrema tecnicização e expansão transnacional do modelo preponderante ter sido iniciado na Europa. O fato que se coloca é o de que, naturalmente, muitas das iniciativas contrárias à aplicação de uma categoria de agricultura, sustentada a partir de um modelo agroquímico, nasçam em regiões onde este fenômeno primeiro passou a se formar, e nesse âmbito, surge a “agricultura orgânica”.

A chamada “agricultura orgânica”, neste contexto, tem como marco de início a Grã-Bretanha dos anos 1930, a começar com os trabalhos do agrônomo Albert Howard. (FINATTO, 2015). Desse modo, surge primeiramente enquanto um conjunto específico de princípios e, em meio a outras maneiras anteriormente explicitadas, vêm compor uma vasta gama de iniciativas que se contrapõem ao modelo predominante, que ainda viria a ser acentuado e especializado com o advento da Revolução Verde.

Para Paulus (1999) a agricultura orgânica pode ser retratada, de acordo com alguns de seus atributos técnicos, que colocam em destaque a importância da fertilidade do solo como sua característica mais usualmente destacada, conforme colocado pelo autor:

[...] a base para a sustentabilidade da agricultura é a conservação do solo, chamando a atenção para o papel fundamental da matéria orgânica e dos microorganismos do solo [...] e para a necessidade de integração entre a produção vegetal e animal como condição para manter ou recuperar a fertilidade do solo (PAULUS, 1999, p.70).

Com a consolidação da agricultura orgânica enquanto um conjunto sustentado de práticas, levanta-se como um importante marco para a sua institucionalização com o estabelecimento da IFOAM (*International Federation of Organic Agriculture Movements*). (BRANDEMBURG, 2002). A respeito da federação que a França como país-sede de sua fundação, trouxe como um dos seus objetivos, a circunscrição da agricultura orgânica para dentro de alguns parâmetros normativos e organizacionais específicos. (FINATTO, 2015, 2016).

O advento da fundação do IFOAM levou para interior da bandeira dos “orgânicos” uma gama mais ampla de agriculturas, para além daquela iniciada por Howard, ocasionando um englobamento semântico de certas terminologias que tratam dos modos não convencionais

de produção agrícola. (BRANDEMBURG, 2002) (FINATTO, 2015). Na tentativa de sistematização acerca do conceito de “agricultura orgânica”, assim aparece a definição do IFOAM, adotada em assembleia realizada pelo instituto, no ano de 2008, ressaltando para o teor mais abrangente de agricultura orgânica, capaz de incorporar uma diversidade de “agriculturas” não convencionais:

Organic Agriculture is a production system that sustains the health of soils, ecosystems, and people. It relies on ecological processes, biodiversity and cycles adapted to local conditions, rather than the use of inputs with adverse effects. Organic Agriculture combines tradition, innovation, and science to benefit the shared environment and promote fair relationships and good quality of life for all involved. (IFOAM, General Assembly 2008)

Portanto, com o IFOAM adotando um entendimento que levaria a certo nível de delimitação a respeito do que seriam, propriamente, “agriculturas orgânicas”, os significados anteriores para outros tipos de agricultura, fora do padrão convencional, passariam, sob esta ótica, a constituírem tipos de “agricultura orgânica”.

Apesar dos ganhos em se adotar uma terminologia comum para diferentes modelos, a abrangência do conceito também passaria a ser motivo de questionamentos. Segundo Primavesi (2003), a simples adoção de um modelo de agricultura orgânica, aos moldes do IFOAM, sem que se leve em consideração os múltiplos fatores que compõem o ambiente agrícola, constituem o que ela se refere como “orgânico por substituição”, aproximado em sua estrutura da agricultura convencional, conforme é colocado pela autora:

Atualmente a agricultura orgânica é orientada pelas Normas de IFOAM com o objetivo de proteger o consumidor sem pretender orientar o agricultor. Ela continua com o enfoque temático-analítico da agricultura convencional, continua combatendo sintomas, embora com meios menos tóxicos, não se preocupa muito com o solo, tomando sua melhora como dado pela aplicação de composto do qual acredita ser NPK em forma orgânica e não se preocupa pela profundidade de sua aplicação, nem das variedades importadas a híbridadas. (PRIMAVESI, 2003, p.70)

Em decorrência da necessidade em encontrar meios de se retomar a potência não apenas reivindicatória, mas também explicativa das conceituações anteriormente existentes, e da concepção do que é *orgânico*, surgiram novos desmembramentos semânticos no campo das agriculturas não convencionais. Ana Primavesi, defensora de uma perspectiva por ela chamada holística, utiliza o termo “agricultura orgânico-ecológica” para se referir ao tipo de sistema que: “não trabalha com fatores, como o combate de erosão e enchentes, [...], mas trabalha com

sistemas e ciclos onde não se combatem sintomas mas se procuram as causas, isto é o fator alterado, que procura corrigir.” (PRIMAVESI, 2003, p. 71).

Ao mesmo tempo em que Primavesi (2003) emprega o vocábulo “ecológico” para promover um deslocamento para uma perspectiva técnica necessariamente distinta do que propõe o termo mais genérico do “orgânico”, estabelecido pelo IFOAM, outros autores como Brandenburg (2002) colocam o termo “ecológico” como tendo sentido similar aos das chamadas “agriculturas alternativas”, anteriormente mencionadas, dessa forma, o autor classifica “agricultura ecológica como:

aquela que abrange um conjunto de modelos alternativos ao padrão agroindustrial de produção. Ela atinge desde os modelos associados à origem do movimento alternativo até os modelos ressignificados em função dos movimentos ecológicos recentes e regulamentados pelas políticas agrícolas. (BRANDEMBURG, 2002, p. 13)

Dessa forma, mesmo que hajam pequenas diferenças, em relação ao sentido estrito do termo “ecológico” entre autores, é válido afirmar para a aproximação entre o que estes propõem. Quando Brandenburg se refere aos “movimentos ecológicos recentes”, e Primavesi (2003) menciona uma agricultura que “trabalha com sistemas ou ciclos”, ocorre um claro apontamento para a emergência do mesmo fenômeno. Este sendo, o da profusão das agriculturas, não simplesmente *orgânicas*, mas também engajadas com a multiplicidade de fatores que envolvem um contexto de produção alimentar, para além apenas da não aplicação dos agrotóxicos, ou da autenticação legal como *orgânico*. Neste âmbito, que passam a eclodir os movimentos agroecológicos¹³ no Brasil.

1.3 A CHEGADA DAS AGRICULTURAS “ALTERNATIVAS” E O MERCADO DE ORGÂNICOS NO BRASIL

A busca pela consolidação de formas alternativas de agricultura no Brasil têm seu marco com a reação a uma ofensiva do modelo hegemônico de agricultura. Em um país com his-

13 Sobre a agroecologia, é possível afirmar, que muito além de ser *orgânica*, por se enquadrar nas acepções usuais do que é um sistema agrícola *orgânico*, é também “[...] concebida como ciência, prática e movimento.” (Site da Associação Brasileira de Agroecologia), Disponível em: aba-agroecologia.org.br < Acesso em 14. Fev. 2021). Desse modo, são contempladas pela Agroecologia, a busca pelo cumprimento de objetivos de caráter político e social, a sua existência como uma epistemologia, além de ser um modo de produção agrícola, em seu conjunto de técnicas específicas.

tórico consolidado de produção agrícola, foi na década de 1970, com a chegada massiva dos pacotes tecnológicos da Revolução Verde que culminaram em inúmeras reações e iniciativas em prol das “agriculturas alternativas” no país. Esta temática foi anteriormente trabalhada por Brandenburg (2002), que traz o fato de que:

Contudo, os fundamentos práticos para uma agricultura ecológica já existiam anteriormente ao período da modernização. Imigrantes europeus introduziram sistemas de produção baseados na gestão de recursos naturais oriundos da primeira revolução agrícola, sendo marginalizados pela política da modernização. (BRANDEMBURG, 2002, p. 12)

Desse modo, se evidencia a necessidade de diferenciar esses cenários distintos em relação ao que se pode considerar enquanto as práticas “alternativas/ecológicas” de agricultura no Brasil, existentes anteriormente às reações ao avanço da Revolução Verde. Haviam, neste âmbito, técnicas e práticas que posteriormente passariam muitas das vezes a seres reconhecidas como alternativas ou ecológicas. Ademais, coloca que: “Enquanto um movimento socialmente organizado, a agricultura alternativa tem sua origem na década de 70.” (BRANDEMBURG, 2002, p. 12).

Brandenburg (2002), diferencia o caráter tomado por estas agriculturas no Brasil e em países europeus. No primeiro caso, devido ao agravamento do processo de exclusão agrária naquele período, agricultores familiares apoiados por grupos e instituições buscaram soluções para a viabilização da continuidade do seu trabalho e da sua subsistência no campo, optando por vezes pela adoção de modelos inspirados nas formas alternativas de agriculturas, advindas de diversos países. Em relação a tomada de força desses movimentos na Europa e nos Estados Unidos, seguiram outras motivações, inclusive com forte apoio estatal, não constituindo necessariamente uma estratégia de sobrevivência em meio rural.

No entanto, é possível retomar determinados eventos que foram considerados marcos para a institucionalização das agriculturas alternativas/de base ecológica e o mercado de orgânicos no país. Brevemente, são elencados quatro tipos de iniciativas que conformaram o início da organização em torno dessas vertentes da agricultura no Brasil: a atuação pioneira de agrônomos e professores universitários, a fundação de grupos e associações, o trabalho das igrejas e movimentos sociais e a criação das primeiras instâncias certificadoras de orgânicos.

A partir de Ehlers (1994) ressalta-se para a atuação, inserida na primeira das vertentes, da pioneira na agroecologia, Ana Primavesi (UFSM), do professor Adilson Paschoal

(ESALQ), de Luis Carlos Pinheiro Machado (UFSC/UFRGS) e do pioneiro em movimentos ecologistas no Brasil, José Lutzemberg, um dos fundadores da Associação Gaúcha de Proteção ao Ambiente Natural (AGAPAN) e da Fundação Gaia, importantes organizações em prol do meio ambiente nos 1990. Sendo estes, alguns dos precursores no campo acadêmico e da pesquisa brasileira, que viriam a atuar vigorosamente para a consolidação dos campos dos direitos ambientais, agrários e da agroecologia no Brasil.

Em panorama seguinte, coloca-se que década de 1980 foi caracterizada pela criação de inúmeros círculos de discussão críticos ao modelo convencional e ao paradigma modernizante na agricultura. Este foi o caso uma dissidência, no interior da Associação de Engenheiros Agrônomos do Estado de São Paulo (AEASP) que atuava com o objetivo de promover as chamadas agriculturas alternativas. Esta equipe acabou sendo chamada de Grupo de Agricultura Alternativa (GAA). A emergência do grupo gerou um fruto relevante para a ampliação do espaço da agricultura e do mercado de orgânico no país, com a fundação da Associação de Agricultura Orgânica (AAO). (EHLERS, 1994) (FINATTO, 2016).

De acordo com texto veiculado no *site* da AAO, é perceptível, quando retratada a história daquele círculo, o englobamento semântico de vários tipos de agriculturas alternativas pelo “guarda-chuva” dos orgânicos, conforme veiculado no *site* da associação: “O nome do Grupo é escolhido para abranger e abrigar as diversas correntes: Agricultura Orgânica, Biodinâmica, Natural e Biológica.” (Associação de Agricultura Orgânica, s/p, s/d).

A formação da associação merece destaque pela atuação significativa na realização dos Encontros Brasileiros de Agricultura Alternativa (EBAAs).¹⁴ (FINATTO, 2016). Além disso, destaca-se para o importante papel desempenhado pela AAO¹⁵, na construção mercado vare-

14 Os Encontros Brasileiros de Agricultura Alternativa (EBAAs) merecem destaque por terem constituído o início das articulações nacionais contrárias ao modelo hegemônico de agricultura, que chegaria ao Brasil nos anos 1970, durante a ditadura militar, propondo a discussão sobre questões acerca do meio-ambiente e dos problemas agrários. Sobre estes encontros, assim coloca o portal “PlanetaOrgânico”: “Durante a década de 80, o movimento para uma agricultura alternativa ganhou força com a realização de três Encontros Brasileiros de Agricultura Alternativa (EBAAs); que ocorreram, respectivamente, nos anos de 1981, 1984 e 1987.” (PlanetaOrgânico). (<Disponível em: planetaorganico.com.br> <Acesso em 15.Fev.2021>). Este fato ganha importância, aqui, pela realização da primeira edição do encontro ter ocorrido na cidade de Curitiba, contribuindo para a criação das bases que levaram a tantas outras iniciativas em prol do circuito de orgânicos na cidade, como a própria criação da Feira Orgânica do Passeio Público. As edições seguintes do EBAA foram realizadas, respectivamente, em Petrópolis-RJ e em Cuiabá.

15 A Associação de Agricultura Orgânica (AAO), além de ter exercido papel fundamental na consolidação do mercado de orgânicos no país, é destacada pelo pioneirismo na busca pelo estabelecimento de novos meios de comercialização, no início da década de 1990, inclusive com a criação de uma feira de produtores. A associação assim se refere, a respeito de seu protagonismo na criação da feira, em São Paulo: “Foi a primeira ONG brasileira a criar normas de produção orgânica centradas na realidade local, contemplando os critérios básicos para os agricultores se credenciarem na Feira do Produtor Orgânico.” (Portal AAO), <Disponível

jista de orgânicos no Brasil, com sua participação na criação de uma feira de produtores, na cidade de São Paulo. (PIANA, 1999).

A respeito deste marco, o autor levanta que: “surgiu uma nova possibilidade para a comercialização das oleráceas orgânicas. Isso ocorreu em maio de 1991, a partir da cessão, pela Secretaria de Estado da Agricultura, de um galpão situado dentro do parque da Água Branca, no bairro Perdizes, na cidade de São Paulo.” (PIANA, 1999, p. 26).

Ainda são válidas de serem mencionadas, nesta abordagem, duas frentes de atuação relevantes em prol das agriculturas alternativas e do mercado de orgânicos no Brasil no contexto de sua consolidação nos anos de 1980. Nesse sentido, destaca-se para os esforços muitas vezes combinados entre movimentos sociais e igrejas na construção de empreitadas no campo das agriculturas alternativas, em consonância com as lutas pela reforma agrária.

A respeito desse primeiro grupo, Brandenburg coloca que: “No Brasil, desde a sua origem, os grupos da agricultura alternativa estiveram alinhados a movimentos sociais combativos e aos partidos políticos que lutavam por uma democratização social e uma proposta de transformação da sociedade.” (BRANDEMBURG, 2002, p. 18). O autor ainda ressalta para a atuação de grupos progressistas de igrejas tanto católicas quanto protestantes a se relevarem para a atuação das Pastorais da Terra.

No âmbito do desenvolvimento das primeiras certificadoras de orgânicos, cabe mencionar a fundação do Instituto Biodinâmico (IBD), que teria atuação fundamental para a inserção de agricultores, inclusive participantes da atual Feira Orgânica do Passeio Público, nos processos de formalização para a venda de orgânicos. A agricultora Sandra Mara contou a respeito de sua primeira certificação e das dificuldades para obtê-la, sendo justamente concedida pelo IBD, a maior certificadora da América Latina, que atua na certificação de sistemas orgânicos: (IBD/*Site*).

É, na verdade eu nem sabia que era orgânico né, o que eu produzia sem veneno depois veio o nome orgânico, eu só consegui um certificado de verdade mesmo uns quatro cinco anos depois eu era reconhecida pelo grupo né de consumo, mas eu não conseguia o certificado porque o acesso ao IBD era difícil, o primeiro certificado nosso foi IBD então todo processo de acesso à certificação demorou muito (*Sandra Mara, agricultora e feirante, entrevista de campo, 2020*)

em: aao.org.br <Acesso em 15.Fev.2021>. Conforme será exposto adiante, este período se caracterizou pelo surgimento de feiras de produtores que buscavam meios de comercializar produtos, advindos das suas produções no mercado, ainda em consolidação, das agriculturas alternativas.

Seria possível mencionar outros projetos e ações que afloraram no Brasil em meados dos anos 1980 e 1990, em relação aos processos de consolidação das agriculturas alternativas e dos mercados de orgânicos, em uma época em que se acentuavam os antagonismos entre os paradigmas do modelo hegemônico e de formas ecológicas de produção alimentar. No entanto, os casos expostos denotam o encadeamento das ações em diferentes níveis, com as ações dos distintos agentes, gerando consequências, que vieram a influenciar no cenário atual dos orgânicos, incluindo a Feira do Passeio.

Em seguida, vê-se como esta lógica se repetiu no estado do Paraná, com o surgimento de organizações e espaços em esfera local, que ao mesmo tempo que dialogavam com instituições nacionais e normativas internacionais, criavam novos ambientes com suas particularidades, que atualmente se traduzem em um lugar de expressividade na produção orgânica.

1.4 A EXPLOSÃO DA AGRICULTURA ORGÂNICA NO PARANÁ

Em estudo publicado em 2007, pelo Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social, (IPARDES) e intitulado “O Mercado de Orgânicos no Paraná” é apresentado um diagnóstico acerca do mercado de orgânicos no estado, tanto em uma abordagem histórica quanto de uma prospecção de tendências para este ramo.

A pesquisa coloca que o surgimento das tendências de produção orgânica no estado iniciaram-se em concomitância com a emergência das “agriculturas alternativas” em âmbito nacional. (IPARDES/PARANÁ, 2007). São mencionados como atores deste processo, “grupos que reuniam agricultores, técnicos de organizações não-governamentais (ONGs), entidades de apoio e organização de agricultores, militantes em geral, consumidores urbanos, pesquisadores de universidades e institutos de pesquisa” (IPARDES/PARANÁ, 2007, p. 12).

Coloca-se como argumento para se pensar a respeito do protagonismo desenvolvido no estado do Paraná em torno das “agriculturas alternativas” e do mercado de produtos orgânicos, a massiva disseminação dos agrotóxicos no estado. O Paraná ocupa os primeiros lugares em levantamentos, tanto de uso destas substâncias, quanto de contaminações e intoxicações relacionadas à aplicação destes produtos.¹⁶ Portanto, são possíveis de serem considera-

¹⁶ O argumento utilizado, defende que houve aceleração das iniciativas em prol das agriculturas alternativas, onde os modelos convencionais avançavam mais rapidamente, trazendo suas consequências. Todavia, é válido lembrar, que muitas das técnicas consideradas “parte” dessas agriculturas, vêm sendo praticadas, anterior-

das, relações entre a busca alternativas para a agricultura em regiões onde haja um uso mais intenso de contaminantes nos cultivos agrícolas, como é o caso do Paraná.

De modo a elucidar este argumento, faz-se o seguinte paralelo através dos dados a seguir, primeiramente através da pesquisa denominada “Geografia do Uso de Agrotóxicos no Brasil e Conexões com a União Européia”, de Bombardi (2017), com informação referente ao período entre os anos de 2007 e 2014:

O primeiro aspecto que chama atenção no mapa é uma grande concentração de casos de intoxicações notificados, especialmente no Centro-Sul do país. O Paraná, por exemplo, figura em primeiro lugar, com mais de 3700 casos de intoxicação notificados (BOMBARDI, 2017, p.53-54)

Nesta linha, apresentam-se os dados trazidos por reportagem do portal “Bem Paraná”, através do Ministério da Saúde e da Secretaria de Estado da Saúde do Paraná, a respeito das ocorrências da aplicação de agrotóxicos e contaminações em decorrência desse uso:

Os dados, alarmantes, não chegam a surpreender. Isso porque o Paraná, segundo a Secretaria Estadual de Saúde (Sesa), é o terceiro maior consumidor de agrotóxicos do Brasil, consumo este que tem crescido. Em 2016 e 2017, por exemplo, foram consumidos um total de 92.160,5 e 92.398,0 toneladas de agrotóxicos, respectivamente. Já no ano passado, o consumo total chegou a 92.904,3 toneladas. (KOWALSKI, 2019, s/p)

O histórico de uso dos agrotóxicos, retratado pelos dados acima, denota o descontrole deste tipo de aplicações no estado do Paraná. Neste caso, podendo ser tratado como um dos estados precursores na implementação dos pacotes tecnológicos da Revolução Verde no Brasil, com o seu uso continuado até a atualidade.

Ao mesmo tempo em que se expandia o mercado impulsionado pelos fertilizantes, pelas sementes geneticamente modificadas e pela mecanização do campo, passaram a emergir movimentos em reação a este modelo, fortemente sustentado pela indústria química internacional e com apoio de governos locais. (COSTA, 2017). No estado do Paraná, também passaram a se consolidar diversas iniciativas contrárias ao modelo da “modernização conservadora da agricultura”. (IPARDES/PARANÁ, 2007, p.34)

mente, por inúmeras etnias indígenas, povos ribeirinhos e outras comunidades tradicionais, sem que haja este tipo de terminologia específica dentre eles. Atualmente, muitas destas inspirações, passaram a serem referenciadas, sendo comum a alusão às ancestralidades, em livros acerca da implementação de agroflorestas e outros processos de instalação de culturas.

Nesse sentido, passaram a serem realizadas no Paraná, diversas movimentações em torno das agriculturas alternativas, a partir da década de 1980, como a realização da primeira edição do EBAA. (IPARDES/PARANÁ, 2007). Por Ehlers, o evento foi assim caracterizado: “O I EBAA contou com a presença de representantes de vários segmentos do setor agrícola (pesquisadores, extensionistas, produtores, estudantes, etc.) e pode ser considerado um dos principais marcos da recente história da agricultura alternativa no Brasil.” (EHLERS, 1994, p. 71).

As repercussões deste evento foram significativas, gerando desdobramentos para o futuro da agricultura orgânica no Paraná, como foi caso da fundação de um grupo de âmbito universitário, chamado “Grupo de Estudos em Agricultura Ecológica” (GEAE), que tem sua descrição assim caracterizada, sendo uma das principais reverberações em contexto local daquele encontro:

O Grupo de Estudos em Agricultura Ecológica (GEAE) da UFPR completa 37 anos de existência em 2018, buscando ser um contraponto à agricultura convencional. O projeto tem se destacado como um espaço constante de troca de experiências e desenvolvimento de novas técnicas neste campo. (CHOINSKI, 2018, s/p)

Naquele momento, outras iniciativas passaram a emergir em prol das agriculturas de base ecológica no Paraná. Ehlers (1994) e IparDES/Paraná (2007) mencionam esforços estatais de estímulo à formas alternativas de produção, como a atuação do Instituto Agrônomo do Paraná (IAPAR), e o trabalho do Instituto Emater e da Secretaria de Agricultura e Abastecimento do Estado do Paraná (SEAB), que implementaram programas que auxiliaram na promoção destas formas alternativas de produção.

Outros dos resultados daquele período foram justamente a criação de feiras de produtores orgânicos, das quais se inclui a que hoje se chama a Feira Orgânica do Passeio Público e que serão objeto de discussão do tópico seguinte.

1.5 O AFLORAMENTO DAS FEIRAS ORGÂNICAS BRASILEIRAS E O SURGIMENTO DA FEIRA ORGÂNICA DO PASSEIO PÚBLICO

No contexto curitibano, uma das principais formas de concretização práticas dos ideais e necessidades de grupos diversos (agricultores/as, consumidores/as, extensionistas, professo-

res/as e empresários/as) se deu através da criação de uma pequena feira, em um momento em que as iniciativas tanto de agricultores/as, bem como de grupos de pesquisas, instituições de apoio e demandas de consumo consciente passaram a se aglutinar em ações como a criação de canais de venda direta, como são os casos das feiras de produtores. (BEZERRA e CARVALHO, 2017) (IPARDES/PARANÁ, 2007).

A fundação desta feira se deu a partir da instalação de alguns agricultores, primeiramente, na região do Largo da Ordem, no centro histórico de Curitiba, alguns anos depois transferidos para o Passeio Público, assim como foi enunciado por IparDES/Paraná (2007):

O ano de 1989 representou um marco no processo, particularmente na região de Curitiba, quando, a partir de atores da sociedade civil, iniciou-se naquele ano o que hoje se conhece como Feira Verde de Produtos Orgânicos. A primeira barraca de venda direta de produtos orgânicos foi instalada ao lado da Feira de Artesanato de Curitiba, realizada aos domingos de manhã, no Largo da Ordem, região central da cidade (IPARDES/PARANÁ, 2007, p. 45)

Podem ser levantados alguns dos motivos que seriam condicionantes para a criação da Feira Orgânica do Passeio Público, ainda em sua localização anterior no centro histórico de Curitiba com o nome de Feira Verde: o processo de revalorização das feiras no Brasil, o crescimento das organizações voltadas à profusão das agriculturas alternativas, a necessidade da diversificação de canais de comercialização e escoamento produtivo de orgânicos por parte dos agricultores e o início de novas demandas por consumo mais consciente por determinados grupos de consumidores. Estes fatores serão abordados brevemente e retomados no decorrer do trabalho.

Em meados do final dos anos 1980, ocorriam diversos movimentos que culminariam na profusão de iniciativas de revalorização dos espaços de comercialização, como as feiras de produtores, conforme exposto por Bezerra e Carvalho, a qual colocam que: “Nas últimas décadas tem-se observado um movimento positivo no processo de resgate de feiras em muitas cidades brasileiras” (BEZERRA e CARVALHO, 2007, p.99).

Exemplos, os quais permanecem atuantes até hoje, traduzindo-se como casos exponenciais em seus municípios, como Porto Alegre, que conta desde 1989 com a chamada “Feira dos Agricultores Ecologistas”, pioneira na comercialização de orgânicos no país. A feira é também realizada aos sábados pela manhã na capital gaúcha e é assim caracterizada em reportagem veiculada pelo periódico “Correio do Povo”:

Criada a partir de um projeto político e cultural de uma cooperativa, a Feira dos Agricultores Ecologistas (FAE), localizada no canteiro central da avenida José Bonifácio, na Redenção, completa 30 anos em outubro. Primeira feira ecológica do Brasil, a FAE pode ser considerada um símbolo de resistência na defesa de produtos sem agrotóxicos. (SAMUEL, 2019, s/p)

Conforme mencionado anteriormente, na cidade de São Paulo surgia também no ano de 1989 a AAO, que segundo Piana (1999) teria papel crucial na criação, em 1991, da “Feira do Produtor Orgânico”, que segundo o autor “constituiu-se numa venda direta do produtor realizada em bancas individuais. Em seu início, essa feira contou com a participação daqueles agricultores orgânicos originários de Cotia, principalmente, totalizando aproximadamente dez.” (PIANA, 1999, p. 26).

Nota-se, nesse sentido, certas semelhanças nos processos de criação de feiras voltadas à comercialização de alimentos orgânicos pelo país, levantando o fato de que as feiras voltavam a aparecer como uma alternativa de escoamento das produções orgânicas em diversas cidades, amparadas por redes de agricultores e instituições que apoiaram a formalização desses espaços, conforme será apresentado em seguida, a respeito da Feira do Passeio.

O surgimento de um novo espaço de venda de alimentos advindos da agricultura familiar e orgânica produzidos na Região Metropolitana de Curitiba não foi bem recebido por todos aqueles que frequentavam habitualmente a feira de artesanato, local onde a feira orgânica foi inicialmente designada, gerando reações contrárias à sua presença naquele local, como relatado por uma das fundadoras daquela feira, que relembrou da elaboração, no final dos anos 1980, de um abaixo-assinado para a retirada dos feirantes orgânicos daquele espaço, o que acabou culminando posteriormente na sua mudança para o Passeio Público:

Inicou em oitenta e oito e daí e daí foi feito um abaixo assinado pra tirar a gente lá de cima, dos do lá de perto do Largo da Ordem né, porque eles não queriam feirantes ali, eles queriam só aquele grupo do artesanato e e daí com essa da do pessoal não querer, nós conseguimos uma vaga no Passeio Público em noventa e dois no ano que a [nome] nasceu a minha filha, nasceu é a gente desceu com a feirinha pro Passeio Público daí lá de cima, era três no Largo da Ordem né, daqueles três transformou em sete bancas, foi feito um sorteio e onde a nossa banca permanece no mesmo lugar, daquele grupo só tem a gente, o resto já foi embora desistiu, tem novos produtos que vieram depois, mas daquele grupo que iniciou só tem a gente mesmo ali (Sandra Mara, agricultora e feirante, entrevista de campo, 2020)

A afirmativa acima, de uma das fundadoras da atual Feira Orgânica do Passeio Público, aponta para as dificuldades de se obter um espaço para a venda de orgânicos em uma época em que o mercado de orgânicos ainda tinha presença restrita. Naquele período, ainda co-

meçavam a crescer as necessidades de institucionalização e formalização daquelas produções existentes. Dessa forma, com o decorrer do tempo, passaram a ocorrer esforços de instâncias públicas, como foi o caso da participação do Instituto Emater, que teve papel crucial na formalização da até então Feira Verde, no ano de 1993, através de financiamento para a implementação de barracas. (IPARDES/PARANÁ, 2007)

A respeito do ingresso no ramo das feiras orgânicas, assim contou um dos responsáveis pela barraca da “Bananas Tavares¹⁷”, uma das mais antigas barracas da atual feira orgânica, sobre a chegada de sua família na feira e o apoio dado pelo Instituto Emater, na época:

Foi através da Emater, a prefeitura municipal vieram atrás de nós né, aqui a gente tinha um grupo aqui na feira né, daí eles precisavam de fruta né eles não tinham fruta, eles foram lá pra nossa região pro Vale do Ribeira e procuraram nós lá, nós já tinha banana né mas não era certificado, não era orgânico, era orgânico mas não tinha certificação eles explicaram pra nós como é que funcionava, e através da prefeitura e Emater trouxeram nós pra cá (*Bruno Tavares, agricultor e feirante, entrevista de campo, 2020*)

Observando a fala deste agricultor, nota-se a formação de redes que relacionam vários agentes que participaram da criação da feira orgânica, a se frisar para a participação da Prefeitura Municipal de Curitiba a se destacar para a afirmativa de Bezerra e Carvalho (2017) que ressaltam para a anterioridade da atuação dos próprios agricultores, trazendo “que a criação da Feira Verde antecede a atuação do poder público” (BEZERRA e CARVALHO, 2017, p. 101).

Ainda assim, coube à prefeitura, posteriormente, através da antiga Secretaria Municipal de Abastecimento (SMAB), a transferência dos feirantes para o novo espaço, conforme pôde ser notado através da fala de Sandra, que menciona o sorteio realizado para a disposição das barracas no Passeio Público, bem como de Bruno, que recorda o convite feito pela prefeitura. Sobre isso, as autoras trazem a informação de que esta transferência foi realizada no ano de 1995. (BEZERRA e CARVALHO, 2017).

Com o decorrer dos anos, ao mesmo tempo em que ocorria a formalização da organização da feira em si, cresciam as demandas pelos processos de certificação das produções orgânicas, que durante os primeiros anos da feira orgânica tiveram no Instituto Biodinâmico (IBD) um papel central nos processos iniciais de certificação, posteriormente cedendo lugar à

17 O caso da empresa do ramo de orgânicos “Bananas Tavares” é recorrentemente abordado, nesta dissertação, através da entrevista de campo, com Bruno, um dos filhos do precursor do negócio, Ezequiel Tavares, tendo o início das suas operações em meados do ano de 1988, no município de Adrianópolis. (Feira Orgânica do Passeio Público/*Instagram* oficial). Assim como o Recanto Nativo, esta é uma das barracas que estava presente na feira, ainda enquanto era montada na região do Largo da Ordem e está presente na Feira do Passeio, até os dias de hoje.

atuação coletiva da Rede Ecovida de Agroecologia, conforme será discutido no quarto capítulo.

Simultaneamente em que passavam a se articular agricultores e instituições voltadas ao apoio à agricultura, via-se uma intensificação do interesse de consumidores por hábitos de alimentação consciente dos perigos causados pela ingestão dos agrotóxicos, formando redes de consumo que movimentaram a criação de associações de consumidores, como foi o caso da Associação de Consumidores Orgânicos do Paraná (ACOPA), a qual realizou diversas ações em favor da divulgação da matéria dos orgânicos no Paraná.

Em relação à comercialização em feiras orgânicas, nota-se um crescimento significativo. Apenas em referência às feiras articuladas pela Secretaria Municipal de Segurança Alimentar (SMSAN) e Nutricional, contabilizam-se, nos dias de hoje, o número de doze feiras diurnas e duas noturnas.

..*

No capítulo seguinte, serão aprofundadas etnograficamente as temáticas relacionadas aos *encontros*, de diferentes sujeitos, grupos, ambientes e instituições, que na época atual, constituem a Feira Orgânica do Passeio Público, como as famílias de trabalhadores, consumidores, os produtos comercializados, bem como as relações com o espaço e a cidade que a engloba.

Primeiramente, são abordados aspectos relacionados ao ambiente onde a feira é realizada, o parque chamado Passeio Público, propondo pensar como se dá o *encontro* das *linhas* de um parque urbano e de uma feira orgânica, em dois momentos distintos: através de uma breve abordagem sobre a trajetória do local no contexto curitibano e em seguida expondo etnograficamente como a rotina da feira e do parque coincidem atualmente. (INGOLD, 2018)

Em ocasião seguinte, propõe-se pensar na feira enquanto um ambiente em que se dão trocas distintas, como os afetos e ligações criadas ao longo do tempo entre feirantes e consumidores. Por fim, é levantado o aspecto do trabalho na feira, em suas diferentes dimensões, que passam por tarefas rotineiras, como a montagem e desmontagem das barracas e as vendas, o trabalho de validação dos orgânicos, conseguido através das certificações, bem como em esferas de planejamento, que transcendem aquele espaço, como a organização produtiva realizada em armazéns e escritórios.

Figura 3 - Feira Orgânica do Passeio Público na década de 1990



Fonte: Fernanda Yumi (em colaboração), 2020. Album de família de Ozir e Sandra.

Figura 4 - Feira Orgânica do Passeio Público nos anos 1990



Fonte: Fernanda Yumi (em colaboração), 2020. Album de família de Ozir e Sandra.

CAPÍTULO II: AS HISTÓRIAS QUE SE ENCONTRAM NA FEIRA

Este capítulo trata da construção cotidiana da Feira Orgânica do Passeio Público a partir de seus habituais partícipes, agricultores/as advindos geralmente de municípios da Região Metropolitana da cidade de Curitiba e da região do Vale do Ribeira, consumidores/as de alimentos orgânicos, bem como outros trabalhadores da feira orgânica. A feira é realizada periodicamente aos sábados pela manhã, em um parque urbano na região central da capital paranaense e nela são comercializados uma diversidade de produtos sob a classificação dos *orgânicos*.

A partir dos relatos de agricultores, e de conversas com consumidores habituais da feira e outras fontes, como publicações sobre a feira veiculados na imprensa, a etnografia explora neste capítulo a percepção de como este evento é construído sob diferentes aspectos, retratados a partir da concepção do encontro, entre diferentes *linhas*. A partir destes *encontros* emergem as relações de trocas entre quem “faz a feira”, envolvendo afetos, conhecimentos e saberes. Da mesma forma, são notadas as mediações de um regime de trabalho que transita por domínios geralmente entendidos como “rural” e urbano”, sendo encabeçado por grupos familiares que ainda denotam as relações de parentesco comuns ao cotidiano das feiras livres.

Ainda neste âmbito, surgem as cooperações empreendidas entre os feirantes, que respaldam a existência da feira ao longo de décadas. Estas relações são travadas nos espaços por onde passam, *fluxos* de pessoas e mercadorias, desembocando no próprio Passeio Público, ambiente onde se inicia esta história. Contudo, não pretende-se traduzir a etnografia em uma rota com um “início” e um “final”, mas sim mostrar ao menos uma parte das rotinas, de famílias que decidiram, sob circunstâncias diversas, a adoção do modelo de produção orgânica, bem como daqueles que tomam como hábito as idas à feira como parte da sua rotina de consumo alimentar.

Algumas perguntas guiaram a condução desta pesquisa, dentre elas saber as motivações para estes agricultores/as tenham optado, em dado momento, por algum tipo de produção orgânica, as razões pela qual o Passeio Público tenha se tornado *lócus* para a comercialização dos seus cultivos, notando para técnicas, habilidades e estratégias envolvidas nestas produções, que são traçadas por estes trabalhadores de modo a concretizarem um ciclo permeado por especificidades, como certificados e registros estatalmente requisitados.

Posteriormente, com o avançar da pesquisa, surgiram outras indagações, das quais permeavam a construção da feira orgânica, relacionadas à dimensão do consumo de orgânicos. Dentre essas perguntas, se colocavam as motivações para quem frequenta aquele espaço, quais valores constituem o/a consumidor/a de orgânicos daquela feira, e o que eles pensam sobre este tipo de consumo e o ato de comprar alimentos envolvidos por essas particularidades.

O primeiro enfoque a ser abordado refere-se ao *encontro* entre dimensões de um mundo rural, que rotineiramente se instala, a partir de seus trabalhadores e mercadorias, em locais de venda situados em Curitiba, dentre eles o Passeio Público, que será objeto da seguinte apresentação, em dois momentos: enquanto um espaço de grande importância no contexto curitibano e que, posteriormente, passou a receber a Feira do Passeio.

2.1 RECONHECENDO O AMBIENTE: PASSEIO PÚBLICO, UM PARQUE COM AS VÁRIAS CARAS DE CURITIBA

O Passeio Público de Curitiba, é semanalmente a casa de uma feira orgânica, tema central desta pesquisa. Entretanto, cabe neste instante situar este importante espaço incrustado bem ao centro da cidade, que se constituiu ao longo de mais de um século como um dos ambientes mais relevantes para o lazer e entretenimento na capital. O Passeio Público, por sua história, sua localização central, propicia a circulação diária de grande quantidade de pessoas, traduzindo-se como um local que, geralmente, não passa despercebido pela memória e pelo imaginário da maioria daqueles que residem em Curitiba.

Segundo Corrêa Lyra/Paraná (2006), o parque foi inaugurado em 2 de maio de 1886, sendo o primeiro de Curitiba, com a extensão de 48.000 metros. Sua idealização faria parte de um projeto que tinha como objetivos a modernização e o saneamento da cidade. Assim foi descrita a concepção do Passeio Público, de acordo com Paraná (2006):

Após estudos, decidiu-se pela construção de um parque público, para solucionar os problemas, pois o projeto contemplaria o controle da vazão dos rios com diques, o replantio das espécies da flora nativa em suas margens, e a contenção da expansão desordenada da população. Além desses aspectos havia o de modernização, pois Curitiba, ao contrário de outras capitais ainda não possuía um jardim público. (CORRÊA LYRA / PARANÁ, 2006, p. 172)

Com o passar dos anos foram sendo realizadas contínuas adequações e melhoramentos no “Passeio”, que são relatadas por Corrêa Lyra / Paraná (2006), como a construção de pontes e de um sistema de iluminação, como também fora exposto pela Prefeitura de Curitiba: “Em 2 de julho de 1887 ali foram inaugurados 8 lampiões a gasolina, mais tarde aumentados para 17, doados pelo comércio e a indústria da cidade.” (Prefeitura de Curitiba/*Site* Oficial). O evento da primeira lâmpada incandescente acesa na cidade também aconteceu no parque, naquele mesmo ano. (MOLINA, 2020)

Durante os primeiros anos do século XX aquele espaço seria palco para inúmeros eventos que de certa forma traduziam os anseios do poder público na época, que reuniam esforços para que Curitiba se efetivasse como uma metrópole moderna, buscando inspiração em modelos europeus para as obras a serem realizadas na cidade. (CORRÊA LYRA/ PARANÁ, 2006) (MOLINA, 2020). Algumas das modificações deixaram para o parque sua marca até a atualidade, como o episódio que transformou o Passeio Público no primeiro Zoológico de Curitiba. (MOLINA, 2020).

O fato do espaço passar a abrigar animais de várias espécies deixou seu legado para os que visitam o espaço nos dias hoje, pois mesmo não sendo mais oficialmente o Zoológico da cidade, ainda são alocadas em viveiros uma variedade de aves que dão o tom para os frequentadores do local. É também sediado no parque o Departamento de Conservação e Preservação da Fauna, bem como um terrário e um aquário público. (Prefeitura de Curitiba/*Site* Oficial). Assim foram descritas por Molina as influências estéticas para a elaboração do parque:

O Passeio Público, desde sua inauguração até a metade dos anos 1910, pode ser considerado como um elemento significativo das propostas urbanas implementadas nesse período e indicador de uma nova estética urbana, aliando natureza domesticada e soluções às enchentes dos rios Belém e Ivo. (MOLINA, 2020, p. 17)

São possíveis de serem notadas diferentes permanências na estética do parque, como o que ocorre com estruturas de regulação hídricas, como as pontes e lagos. Abaixo são apresentadas duas imagens antigas, a primeira com a grafia da cidade assinalada pelo nome de Curitiba, e a seguinte datada do ano de 1900, e outras duas, tiradas durante pesquisa de campo, em novembro de 2020. Nelas observam-se que a função de regulação do fluxo das águas do rio Belém, no centro da cidade, que ainda vem sendo desempenhadas, com inclusive, a manutenção do estilo arquitetônico proposto desde a época de sua concepção:

Figura 5 - Ponte no Passeio Público - Curitiba



Fonte: Família do Nascimento, 2020. Ponte do Passeio Público.

Figura 6 - Uma das pontes do Passeio Público em novembro de 2020



Fonte: Marcus Paulo (em colaboração), 2020. Lago do Passeio Público.

Figura 7 - Uma das pontes do Passeio Público



Fonte: Wikipédia/Cid Destefani-Gazeta do Povo, 2020. Ponte do Passeio Público.

Figura 8 - Lago do Passeio Público em novembro de 2020.



Fonte: Marcus Paulo (em colaboração), 2020. Lago do Passeio Público.

Durante o século XX, o Passeio Público passou por momentos distintos, tendo sido espaço de prestígio e atenção nas primeiras décadas, e sendo relegado à más condições de conservação, em épocas mais recentes. De acordo com Molina (2020), em 1915, durante a gestão

do prefeito Cândido de Abreu foi divulgado um plano para a reforma do parque com base em projeto do arquiteto Joseph Antoine Bouvard, tendo sido concluídas durante os governos municipais de João Moreira Garcez. A autora assim caracteriza os modelos estéticos em que a construção e as reformas do parque se basearam:

O portão é o destaque singular. Projetado por Bouvard, seu projeto remete ao *Cimetière des Chiens*, em *Asnières-Sur-Seine*, hoje desaparecido, com linhas elegantes e volteado com resquícios do *art nouveau*, encimado por um arco, no qual se lê “Passeio Público”. Grutas, cascatas, relevos, pontes e cercas de falsa madeira ou pedra, rochedos e lagos artificial são elementos que transformam o Passeio em cenas idealizadas da natureza e, ao mesmo tempo, reafirmam certa ideia de jardim inglês. Neste estilo de jardim, é fundamental a utilização de gramados extensos, com amplas alamedas. (MOLINA, 2020, p. 20)

A passagem anterior, que descreve como se coloca a paisagem vista no Passeio Público, com suas águas, gramados e pontes, serve como ponto de partida para pensar em relações que atualmente se firmam entre os habituais frequentadores da Feira Orgânica e o Passeio Público, em si. O fato da feira estar inserida neste contexto provoca naqueles que a constroem certos tipos de afetos e sentimentos. Muitos dos que habitualmente vão à feira orgânica levam em consideração a possibilidade de estar ao mesmo tempo em que realizam um ato cotidiano de compra de alimentos para a semana, terem a chance de passear em um parque, com suas cores, cheiros e paisagens.

Durante as visitas de campo, foi possível notar para àqueles que ali paravam para sentar à beira do lago, após feita as compras, ou para os que acompanhavam uma criança em suas brincadeiras, após ida à feira. Desse fato, levanta-se, a partir das observações e relatos, que as circunstâncias da feira ter sido alocada neste parque podem ter contribuído fortemente para ela seja o que é hoje, a maior e mais visitada feira orgânica de Curitiba.

Na sequência, será exposto etnograficamente este *encontro* semanal entre um parque urbano e uma feira orgânica, fundamentando-se nos relatos de produtores e frequentadores que fazem acontecer a carinhosamente conhecida “Feira do Passeio”.

2.2 OLHANDO AS *LINHAS* MAIS DE PERTO: O ENCONTRO ENTRE O PARQUE E A FEIRA

Partindo da perspectiva baseada em Ingold (2007), aponta-se nesta etnografia, espaços que constituem o circuito orgânico em Curitiba e sua Região Metropolitana, com ênfase na Feira Orgânica do Passeio Público. Assim, mesmo que tenha sido tomada como espaço central da discussão, a feira é retratada como parte de uma “*malha*”, aqui pensada como forma de representação do *encontro* de diferentes *linhas*. A *malha* é assim conceituada por Ingold:

aquilo que chamo de *malha* de linhas emaranhadas de vida, crescimento e movimento. Este é o mundo em que habitamos. Meu argumento, do início ao fim, é do de que o que é comumente conhecido como a “rede de vida” é precisamente isso: não uma rede de pontos conectados, mas uma malha de linhas entrelaçadas. (INGOLD, 2018, p. 111)

Considerando esta asserção, coloca-se que para observar o encontro das *linhas*, que compõem o parque e a feira, situados no centro da cidade de Curitiba, adota-se a postura de olhar esta união, “*de perto e de dentro*”. (MAGNANI, 2002). Para isso, busca-se atentar para a variedade de *centralidades* e *ordenamentos* que perpassam o ambiente urbano. (MAGNANI, 2002). Ao observar a feira e parque, sob esta ótica, acaba-se por perceber a presença de elementos anteriormente não imaginados como: “sistemas de trocas de outra escala, com parceiros até então impensáveis, permitindo arranjos, iniciativas e experiências de diferentes matizes.” (MAGNANI, 2002, p. 16).

O emprego do recurso teórico das *linhas*, é proposto como uma forma de incorporação de inúmeros elementos que perpassam a vida cotidiana e as trajetórias dos indivíduos que *fazem a feira*. Portanto, quando é dito que nas *linhas* que passam pela Feira do Passeio há trocas, afetos, relações burocráticas e econômicas, estas qualidades, emaranhadas e envolvidas, passam a ser atributos da *linha*, continuamente revelada no decorrer da escrita. O autor, propõe uma definição para ela, comparando-a com adensamento de uma floresta tropical:

Podemos supor, porém, que as linhas de crescimento oriundas das múltiplas fontes tornem-se amplamente envolvidas umas com as outras, um pouco como as vinhas e trepadeiras de um denso trecho de floresta tropical, ou os emaranhados sistemas radiculares que você corta com a pá toda vez que cava o jardim. (INGOLD, 2018, p. 120)

Deste modo, atua-se aqui, conforme remetido pela comparação feita por Ingold (2018) com as linhas de devir, propostas por Deleuze (2004). Estas linhas não conectariam pontos distintos, mas seria composta por eles, passando entre eles, pelo meio, correndo. Esta etnografia, portanto, busca apresentar a construção da feira como um entrelaçamento de trajetórias (INGOLD, 2018). Assim como empreendido por Torsten Hägersten (1976) e representado por Ingold (2018):

Nesta tapeçaria não há interiores ou exteriores, nenhum encerramento ou descerramento, apenas aberturas e veredas. Como a margem emaranhada de Darwin, a tapeçaria de Hägersten é um campo de não de pontos interconectados, mas de linhas entrelaçadas, não uma rede, mas uma malha. (INGOLD, 2018, p. 138)

Ao escolher a Feira Orgânica do Passeio Público, como local em que fora realizada a pesquisa, foram enfatizados os cruzamentos contínuos daqueles que “se avêm para transitar pela cidade, usufruir seus serviços, utilizar seus equipamentos, estabelecer encontros e trocas nas mais diferentes esferas” (MAGNANI, 2002, p. 18). Há, nesta tapeçaria da feira, o interesse em promover um ponto de comercialização de produtos orgânicos, a vontade em encontrar alimentos saudáveis, negociações, estratégias, mas também afetos construídos pelo encontro semanal durante anos seguidos, a troca de conhecimentos, e outras passagens desinteressadas e ocasionais, dentre tantas situações que se enredam na feira, integrada ao parque.

Para a realização desta empreitada, mesmo adotando a proposição de “desenhar a relação como uma trilha” (INGOLD, 2018, p. 199), ou percorrendo as várias trilhas que passam pela feira, é possível notar para certas regularidades, ainda que volúveis e transitórias, que podem ser localizadas através das conceituações propostas por Magnani (2002), de *pedaço*, *mancha* e *circuito*.

Considerou-se que os conceitos acima contribuiriam para um melhor entendimento no estudo de agrupamentos, como é o caso daqueles que se encontram semanalmente na Feira do Passeio. Acerca do conceito de *pedaço*, este é caracterizado pelo autor como um local onde as pessoas: “se *reconheciam* como portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo e modos de vida semelhantes.” (MAGNANI, 2002, p. 22).

Cabe ressaltar que esta pesquisa não propõe intitular a Feira do Passeio como um *pedaço*, conceito nativo, incorporado por Magnani (2002), de sua pesquisa de campo na cidade

de São Paulo, mas sim, situar alguns dos padrões observados na feira, empregando a ideia que constrói esta definição.

No caso da Feira do Passeio, mesmo sem que haja o conhecimento, necessariamente, em uma esfera pessoal entre todos os frequentadores, são reconhecíveis certas proximidades e identificações comuns entre aqueles que “fazem a feira”. Os gostos por alimentos vistos como mais “saudáveis”, certa orientação politicamente engajada em torno da temática ambiental, da preocupação com a saúde de si e da família, o apoio aos modos produtivos relatados como mais justos ou até mesmo o próprio hábito de comprar alimentos orgânicos, podem ser percebidos como elementos de reconhecimento dentre aqueles que vão à feira.

Na seguinte figura podem ser notados alguns adereços que representam, em grande medida, os frequentadores da feira orgânica, como é o caso do uso massivo das *ecobags*, substitutas das sacolas plásticas.

Figura 9 - Barraca do Sítio Recanto Nativo em novembro de 2020.



Fonte: Marcus Paulo (em colaboração), 2020. Barraca do Sítio Recanto Nativo.

Apresenta-se, ainda, a proposta de *mancha*, da qual o autor descreve como “áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática

predominante.” (MAGNANI, 2002, p. 22). Partindo deste conceito, torna-se possível pensar, a respeito da inserção da Feira Orgânica no Passeio Público, considerando as dinâmicas próprias dos seus arredores, onde o parque se encontra, e pensando neste como um “ponto de referência” para seus frequentadores.

Esta etnografia não se estende, por suas próprias delimitações, bem como por fatores limitantes de tempo e circulação causados pela pandemia, para outros pontos urbanos de vendas de orgânicos, enfatizando nas descrições e narrativas obtidas durante trabalho de campo na feira. Inequivocamente, são destacadas as relações que se dão nesta feira e no parque onde é realizada, como o único ordenamento urbano abordado, em detalhes, na pesquisa.

O Passeio Público, para além do recebimento da feira, aos sábados, é dotado de diversas outras atividades que se complementam¹⁸, por vezes, não intencionalmente. Inúmeros daqueles consumidores da feira aproveitam para realizar algum tipo de passeio pelo parque, que é equipado de espaços de lazer com brinquedos para crianças, cinema ao ar livre, bicicletário, academia pública de ginástica, mesas de xadrez, além de viveiros de animais e de uma feira de artesanato que acontece ao lado da feira orgânica.

Figura 10-Cinema ao ar livre no Passeio Público



Fonte: Marcus Paulo (em colaboração), 2020. Cinema ao ar livre no Passeio Público

18 O caráter de complementariedade mencionado, não é apresentado no sentido da existência de equipamentos voltados, necessariamente, a uma mesma finalidade, como ocorre em um setor de abastecimento ou uma região portuária. No caso apresentado, este aspecto se dá através do oferecimento de diversos equipamentos, que por estarem presentes, no local, incrementam as possibilidades de lazer, passeio e serviços no Passeio Público e seus entornos.

Em conversa com um antigo frequentador do parque, foi possível reparar que o fato dele “estar ali” não se traduz apenas pela compra dos alimentos que carrega em suas sacolas, ou na sua relação com a feira. Para ele, ir ao Passeio Público faz parte da sua história de vida, sendo lembradas por ele diversas vivências em áreas e equipamentos que compõem o ambiente do parque, conforme aparece no seguinte trecho da conversa, quando perguntado sobre seu hábito de frequentar a Feira do Passeio, demonstrando certos sentidos destas experiências:

Olha, eu sou da terra do leite quente, tô com sessenta e dois anos, quando eu era pequeninho eu vinha de Santa Felicidade, lá na avenida de Campo Magro, com a minha mãe com a minha madrinha de tarde tinha o Parque Alvorada. Ali lá no parque tinha roda gigante, cavalinho, carrinho elétrico, nós sentava bem aqui minha madrinha estendia uma toalha, fazia um bolo, eu tinha quatro aninho e sempre já faz sessenta e dois, acho, que já faz uns trinta e cinco anos que eu frequento aqui, as vezes eu venho domingo, eu tenho um netinho agora no Natal nós tiramo foto no [espírito de natal iluminado e tal] casinha do papai noel, só não tinha orgânico ali [ADRIANO: é da sua vivência desde desde] sim, desde pequeno tinha pedalinho aqui não tinha esse chafariz lindo, mas é o Passeio Público, tem as cobras não sei se tem ali ainda a casa das cobras. (Aroldo, consumidor de orgânicos, *entrevista de campo, 2020*)

Dessas situações, é viável depreender o fato de que a Feira do Passeio opera, sincronicamente, como um espaço em que há um reconhecimento mútuo de certos valores, orientações e hábitos de consumo em torno dos orgânicos (partícipes da Economia dos orgânicos), e sem concorrer com isso, se insere em um espaço mais amplo (do parque e seus entornos), em que se expressam relações com outros tipos de equipamentos públicos e privados localizados naqueles ambientes.

O caso deste consumidor ilustra esta situação, em que ele ao mesmo tempo possui vínculos com a feira, e menciona em conversa a sua amizade com um feirante como uma razão para ele frequentar aquele ambiente. Paralelamente a isto, traz em seu relato, outras situações que remetem a todo aquele entorno (do parque), como as vindas ao Passeio Público com sua madrinha, quando criança, e as vindas atuais com seu neto, para a visita das atrações de natal.

Ainda, de modo a trazer as *linhas* emaranhadas da feira orgânica “para mais perto”, apresenta-se um terceiro conceito proposto por Magnani (2002), que trata da existência do *circuito*, assim descrito pelo autor: “Trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contigüidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais” (MAGNANI, 2002, p. 23).

A respeito da Feira Orgânica do Passeio Público, esta se insere tanto em um *circuito* de feiras livres de Curitiba, quanto em um circuito, menor, de feiras orgânicas. Segundo a Prefeitura da cidade, assim é descrito o *circuito*, composto por 12 feiras semanais:

Acontecem 12 feiras semanais em ruas, praças e parques da cidade. Têm como objetivo comercializar produtos livres de agrotóxicos e divulgar os produtos orgânicos junto à comunidade, bem como atrair novos produtores para esse segmento da agricultura. (*Site da Prefeitura de Curitiba*, <Acesso: 05. Jan. 2021>)

Neste *circuito*, organizado e fiscalizado pela Secretaria Municipal de Segurança Alimentar e Nutricional, circulam entre as diferentes feiras, tanto agricultores/as feirantes que fazem suas vendas por vezes em mais de uma feira, quanto consumidores/as, que frequentemente realizam suas compras de orgânicos mais de uma vez a cada semana.

A região central de Curitiba, onde se encontra a Feira do Passeio, tem alta participação no circuito de feiras orgânicas da cidade. Além dela, ocorre uma feira na Praça do Expedicionário, também na região central, bem como feiras orgânicas idealizada através de outras iniciativas. Neste âmbito, ocorrem a feira orgânica da UFPR, idealizada como um projeto de extensão da universidade¹⁹ e a feira das cooperativas como a COPASOL e a Cooperativa Terra Livre, organizada pelo MST, que é realizada na Praça Osório.

A respeito disso, assim contaram sobre sua presença no *circuito* orgânico de feiras, uma consumidora que voltava a frequentar a feira após meses, devido à pandemia, outro rapaz, entrevistado em um dos sábados de ida a campo e um casal de compradores, que aproveitava para levar seu filho nos brinquedos do parque. Quando indagados sobre esta questão, assim comentaram:

Eu frequento sim, eu frequento uma lá em cima também, na Praça do Japão, que é nas quintas feiras, também então quando falta lá eu pego lá ou então eu pego da cesta do MST, então a cesta do MST também é pertinho de casa eles entreg[am] eles a gente faz a compra pelo *site*, e também entregam lá também ou pelo *whatsapp* também (*Denise, consumidora de orgânicos, entrevista de campo, 2020*)

Outras feiras, olha, feira de exclusivamente orgânica ou não orgânicas tem a feira da rua Colombo, tem a tem uma outra feira que eu não conheço o nome, da praça mas fica próximo à OAB ali pro lado do São Lourenço essa da Rua Colombo que fica no

19 As feiras orgânicas idealizadas pelo Setor de Ciências Agrárias ocorrem atualmente em diversos *campi* da universidade, sendo mencionada no texto a feira sediada no Câmpus Reitoria por acontecer em região próxima a feira do Passeio Público. Apesar de terem seu gerenciamento feito por grupos diferentes, considera-se para esta pesquisa, como partícipes de um mesmo *circuito*, pela co-presença de feirantes que participam de mais de um “círculo” de feiras quanto de consumidores que têm a possibilidade de irem a várias diferentes, conforme descrito na etnografia.

Ahú no Centro Cívico, tem a da Mauá ali perto do Couto Pereira que também frequento... são essas quatro as principais e Mercado Municipal porque algumas coisas gente não encontra de maneira nenhuma na feira de orgânico, daí só lá mesmo essas cinco feiras (*Lucas, consumidor de orgânicos, entrevista de campo, 2020*)

Aqui no passeio toda semana [Entrevistada: toda semana] agora aí eu tô dizendo assim aí tem conforme o interesse, aí as vezes né talvez eu vá na feira lá na feira lá do expedicionário, ou vá na feira do Ahú ou vá na feira do Alto da XV enfim em alguma feira eu vou também. (Casal de consumidores de orgânicos, entrevista de campo, 2020)

Assim como relatado pelos/as consumidores/as, que muitas das vezes tem o hábito de frequentarem mais de uma feira, assim também o fazem os feirantes, que necessitam de mais de um dia de vendas a cada semana para realizarem suas vendas. Sobre isso, a feirante Dona Sandra, com quem foi realizada estadia de campo em seu sítio em fevereiro de 2020, contou no retorno de campo do pesquisador, que naquele dia sua família realizava feiras na Secretaria de Estado da Saúde (SESA) e em espaço da Companhia de Saneamento do Paraná (SANE-PAR). Muitas das barracas da Feira do Passeio, podem ser visitadas, por exemplo, em feiras na Praça do Japão e na Praça do Expedicionário.

A intenção de empregar os conceitos da obra de Magnani (2002) não veio no sentido de comparar estritamente as realidades observadas em campo, às definições, mas sim, de localizar as *centralidades* e *ordenamentos*, percebidos durante a análise das notas, entrevistas e imagens da pesquisa. Considerou-se, neste caso, que o recurso apresentado, auxiliaria na compreensão das convergências, entre o parque a feira, olhando para os espaços e equipamentos urbanos existentes na região onde ocorre a pesquisa.

No tópico seguinte são apresentadas etnograficamente as idas à Feira Orgânica do Passeio Público e do retorno da feira para a circunscrição do parque, depois de período em que este ficou fechado, em decorrência da pandemia. São apresentados ainda, resultados de pesquisas feitas através da *internet*, que também repercutiram questões envolvendo a feira, na atualidade. São contempladas, neste tópico, informações de âmbito demográfico acerca do município e da região específica de Curitiba, em que se realiza a feira

2.3 O A FEIRA DO PASSEIO ATUALMENTE E O FAZER DE CAMPO DURANTE A PANDEMIA: UMA BREVE DESCRIÇÃO

Em tópicos anteriores foram apresentadas informações de como se deram os processos de formação da feira, bem como o *encontro* dela com o Passeio Público. Agora, a partir dos relatos daqueles que passaram pela feira quando realizada esta etnografia, e das observações realizadas em campo atenta-se para a experiência de *fazer a feira*, segundo quem compra bem como para quem vende naquele local.

Neste emaranhado que enreda diferentes pessoas, mercadorias, espaços e situações, cabe o ensejo em apresentar, após feito um histórico acerca do Passeio Público, como a região que envolve o parque e a feira estão atualmente. O parque se localiza em subdivisão municipal Matriz, em que residiam no ano de 2017, 208.674 habitantes, sendo a terceira maior das regionais da cidade. (IPPUC/Prefeitura de Curitiba/*Site* Oficial). Inserido nessa regional está o bairro Centro, que ocupa uma área de 3,30 km² e residem 32.626 dos moradores do município, configurando uma região densamente povoada (IPPUC).

Como geralmente ocorre nas localidades centrais de grandes cidades, estas se traduzem por uma elevada circulação de pessoas de todos os bairros. Bem como daqueles advindos, geralmente por razões de estudo e trabalho, de municípios da região metropolitana, como os próprios feirantes, que rotineiramente fazem suas vendas em feiras orgânicas espalhadas por diversos bairros de Curitiba.

Em relação ao que se encontra nos arredores do Passeio Público, é notável o *encontro* de diversas realidades. Durante os dias de observação foi possível perceber uma multiplicidade de *coisas* que se cruzam naquela região. No entorno do Passeio Público podem ser encontrados vários gêneros de moradia, com uma abundância de prédios residenciais, pensões, hotéis e a Casa do Estudante Luterano (CELU). A região ainda compreende bares, pequenos comércios e exatamente ao lado da entrada principal do parque se encontra o quartel da Guarda Municipal de Curitiba. Tipos de economia informais como o tráfico e a prostituição também são comuns de serem percebidos naquela região.

Para uma melhor visualização a respeito dos ambientes descritos, exhibe-se o seguinte croqui, disponibilizado pela Prefeitura de Curitiba:

Figura 11 - Croqui do Passeio Público



Fonte: Site da Prefeitura de Curitiba, 2020. Croqui do Passeio Público. Disponível em: <<https://www.curitiba-pr.gov.br/conteudo/croqui-passeio-publico/323>> <Acesso em: 17.Ago.2021>

A feira Orgânica do Passeio Público ocorre na localização compreendida, no croqui, pelos números dois ao seis. Nela é possível observar em maior quantidade as barracas em que são vendidos produtos como hortaliças e frutas.

Os pães e bolos também podem ser encontrados, bem como outros produtos que necessitam beneficiamentos como as compotas e molhos. Estes itens podem ser encontrados na mesma barraca, geralmente tocadas por membros da mesma família ou em barracas especializadas neste ramo, que comercializam apenas um gênero de produtos, como são os casos da barraca em formato de caminhão trailer de gastronomia agroecológica, vendendo tortas, salgadinhos e outras receitas, como pode ser encontrado na Marfil Cozinha Agroecológica.

Da mesma forma ocorre com uma empresa do ramo dos laticínios, a qual comercializa o requeijão fresco, a manteiga sem sal e a coalhada fresca, uma barraca de bolachas e outra de granjeiros. São encontradas, nesta linha, uma barraca de carnes orgânicas, da mesma forma ocorrendo com os peixes. Ainda há uma barraca de itens de cuidado, orgânicos, como os shampoos e sabonetes.

As flores também são observadas em meio a todos estes produtos, em algumas das bancas da feira. Esta infinidade de opções, se traduz através de cores, cheiros e texturas, constituem parte das motivações que levam os frequentadores à feira, colocando-a como local para a compra de seus alimentos e outros produtos orgânicos, em geral, com assiduidade. Sabendo disso, os feirantes dispõem e organizam as mercadorias de maneira atrativa para os que transi-

tam pela feira, contribuindo, assim, para os *encontros*, do que conforme anteriormente colocado, entre diferentes tipos de *linhas* que se entrecruzam.

Nas semanas em que foram realizadas as idas a campo se davam, ao mesmo tempo, as intenções de pesquisar, de comprar os alimentos orgânicos e de usufruir do prazer que é ir ao local, aos sábados pela manhã, fazendo reparar mais atentamente aos detalhes de cada uma das barracas existentes no local, estes que refletem as especialidades de cada local e família que trazem suas produções ao local. Apesar de cada barraca apresentar um enfoque específico, nota-se uma nuance de mercadorias presente em cada uma delas, variando de acordo com a especialidade de cada um dos produtores e de fatores como a sazonalidade.

Mesmo nas semanas em que tinha objetivo de falar com outros interlocutores, se mantiverem na agenda as visitas a barracas específicas, onde foi possível notar para estas características próprias de cada uma delas. Tendo como exemplo, a barraca do Sítio Recanto Nativo, é uma das em que são encontrados artigos de hortifrúti, que são em torno de oito na feira toda. Ainda que haja alguns produtos encontrados praticamente o ano todo, como o caso das batatas, das cenouras e das cebolas, há outros itens que os feirantes nos convidam, ocasionalmente, a experimentar de acordo com a disponibilidade menos regular.

Neste âmbito, aparecem tanto alguma verdura, legume ou fruta que pôde colhido em alguma semana específica bem como de experimentos criados nas cozinhas daquelas propriedades que fazem vendas de artigos agroalimentares, como as panificações. Nas visitas a barraca do Sítio Recanto Nativo, é comum encontrar alguma novidade apresentada por Dona Sandra, como as uvas de seu sítio, certa vez ofertadas ao pesquisador, ou algum tipo de hortaliça plantada em menor escala que as facilmente encontráveis alfaces e escarolas. Em ida a feira, no inverno, ao não reconhecer uma das verduras expostas no local, a feirante explicou ao pesquisador que se tratava de radite.

Ao caminhar pela feira e conversar com os feirantes é provável sair de lá tendo aprendido sobre as propriedades de alguma planta medicinal e o preparo de receitas de algum chá. Em algumas barracas, são encontrados itens que cabem ao se conhece, pela nomenclatura das PANCs, como são os casos do Recanto Nativo em que estas plantas ficam expostas em uma mesa e a Pronobis Agroflorestal, onde pode ser observado um varal de plantas onde sempre são expostas uma miríade de ervas, como o mastruz. Nesta mesma barraca, ainda nota-se uma grande variedade de artigos orgânicos desidratados, como a ora-pro-nobis.

Outras especificidades podem ser notadas ao fazer uma caminhada pela feira, como as panificações, produzidas para datas comemorativas, como o Natal e o Dia das Mães. Este tipo de produto é produzido por mais de uma das famílias presentes no local. Outros tipos de pães e bolos são vendidos com regularidade, como os da barraca do Danrat, onde são vendidos saborosos pães caseiros e as cucas de banana. Na barraca do Sítio Recanto Nativo, é possível encontrar pães de fermentação natural, quiches e outras variedades de tortas de legumes.

Em várias barracas, são vendidos artigos advindos de agroindústrias próprias, como vários itens, como os doces de banana da Cooperafloresta ou revendidos de outros produtores que não participam diretamente da feira, como é o caso do arroz orgânico do MST, facilmente achado em várias barracas. Toda esta variedade de empresas familiares sentiu as restrições impostas pelo período de pandemia, onde foram rotineiras as transferências de local de comercialização e alguns períodos de proibição das vendas, quando foi instituído o grau máximo de restrição de circulação, representado pela bandeira vermelha.

Em decorrência das medidas restritivas tomadas pelas autoridades locais, o Passeio Público, assim como outros parques da cidade de Curitiba, ficou fechado por meses como forma de contenção da pandemia, fato este que fez com que a feira orgânica passasse a ser realizada, temporariamente, em uma praça ao lado do parque, denominada Praça Dezenove de Dezembro.

A data em que se iniciou a realização desta fase da etnografia, após período de isolamento social, coincidiu com a volta da feira para circunscrição do parque, no dia 03 de outubro de 2020, sendo retratado por veículos da imprensa local, conforme pode ser observado nas imagens abaixo, de uma reportagem exibida pela Rede Paranaense de Comunicação (RPC):

Figura 12 - Reportagem sobre a feira realizada em outubro de 2020.



Fonte: Globoplay, 2020. Reportagem sobre a reabertura da Feira do Passeio. Disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/8909515/>>< Acesso em: 17.Ago.2021>

Durante aquele sábado foi possível notar para um misto de sensações para quem visitava a feira. Ao mesmo tempo em que se percebia o entusiasmo pela volta da sua realização, em seu local habitual, havia um ambiente de cautela causado pela pandemia. Naquela manhã, o movimento de pessoas, apesar de constante, parecia estar ainda abaixo do habitual para o período anterior à época pré pandêmica. Além de haver um uso massivo das máscaras de proteção, *face shields*, percebia-se uma mudança na organização da feira.

Passou a haver um maior distanciamento entre as barracas, as quais se encontram atualmente mais afastadas umas das outras, a disponibilização de frascos de álcool gel pelos feirantes e a abertura de apenas uma das entradas do parque, possibilitando maior controle de fluxo de pessoas que circulam pelo local. É possível notar, logo na entrada, a presença de guardas municipais e uma equipe de agentes da prefeitura que utilizam um colete com a frase “Curitiba contra o Coronavírus”.

Estes elementos descritos revelam, também, as dificuldades em realizar uma pesquisa etnográfica em meio ao período pandêmico, em que foi imprescindível a fala com os interlocutores com distância, o andar cauteloso, perpassado pelo medo de se aproximar em demasia, bem como o uso de dispositivos anteriormente nunca imaginados em uma pesquisa, que passaram a fazer parte da rotina do pesquisador.

O cenário que se apresentava, portanto, era distinto do que fora observado nas idas à feira durante o início daquele mesmo ano. A feira, no entanto, apesar estar sofrendo consequências do atual período, se mantém atuante e desde a sua fundação vêm crescendo, consolidada como uma referência para quem pensa em alimentação orgânica em Curitiba.

No caso da Feira do Passeio, a vida está presente em inúmeros elementos que fazem unir estas pessoas, as conversas e saberes, rotineiramente trocados entre aqueles que a constroem, formando diversas percepções que se emaranham. Estas relações, dadas pelo *encontro* de produtores e consumidores serão aprofundadas no seguinte tópico.

2.4 LINHAS: TROCAS, SENSACIONES E AFETOS QUE FAZEM A FEIRA

As questões que surgiam nas conversas com agricultores/as e frequentadores/as da Feira do Passeio apontavam para as relações de proximidade estabelecidas entre as pessoas lá

presentes. Nessa perspectiva, foram ganhando importância as reflexões acerca dos motivos que levaram a pensar em como uma infinidade de pequenas *coisas* formam a cada semana aquele *fluxo* que se repete. Para pensar nessas “coisas”, adota-se a posição colocada por Ingold (2018) que profere: “As coisas são suas relações” e ao ouvi-los, era possível observar a formação dos *fiôs* que ao serem puxados para mais perto, mostram em suas tessituras, sentimentos, e afetos, que se movem e fazem se emaranhar em seus diferentes caminhos.

Entretanto, ao observar que no encontro cotidiano de produtores, consumidores e outros participantes da feira, haja a relação mais próxima, de amizades, da troca de conhecimentos, da ajuda mútua, não se busca, aqui, apagar as diferenças que compõem o mosaico da feira. Diferentemente de outros contextos onde se tradicionalmente se realizam feiras populares, com a comercialização de artigos em regimes menos controlados e possibilitando o intercâmbio de mercadorias entre agentes inseridos em condições sociais mais variadas, nota-se, na Feira do Passeio, que estas conformações se deram de maneira distinta e específica.

Como fora apresentado anteriormente, em meados do final da década de 1980, com a efervescência das discussões acerca das agriculturas alternativas, entre grupos de agricultores e de acadêmicos, o crescimento da preocupação com a alimentação e a saúde por parte da população, a necessidade de escoamento produtivo, criaram-se condições para o surgimento de feiras que comercializem produtos orgânicos.

Dessa maneira, feiras como a realizada no Passeio Público, representam a articulação entre uma produção rural e um universo urbano e capitalista. A parte do público das cidades, que ao menos inicialmente, passou a frequentar estes espaços, tinha características de pertencimento a uma classe média, urbana e escolarizada, que encontrou nas feiras a congruência com grupos de produtores, interessados em propor modos produtivos apartados do tripé do uso de agrotóxicos, sementes modificadas geneticamente e da maquinização do campo. Nesse sentido, sinaliza-se para o encontro entre grupos distintos, movidos por interesses próprios, e não de uma feira realizada apenas entre indivíduos de um mesmo segmento social.

Feitas estas ponderações, apresentando estas descontinuidades entre os grupos que compõem a Feira do Passeio volta-se às permanências, comuns em ao gênero comercial das feiras, que fazem com se crie um ambiente propício às relações de trocas e afetos. Embora este tipo de envolvimento possa ser notado em inúmeras circunstâncias da vida social, há um caráter particular quando se tratam dos intercâmbios realizados nestes locais.

Na Feira do Passeio, é comum notar feirantes explicando sobre o preparo de produtos, além dos diferentes cultivos existentes em suas propriedades e até mesmo de dificuldades enfrentadas no mercado de orgânicos.²⁰ Acerca disso, Heredia assim caracterizaria este tipo de comércio, que destaca-se pela qualidade da *reunião social*:

A feira é, além de um lugar para comprar e vender, um ponto de reunião social. A feira é um local de encontro. Nela tem lugar uma troca de informações e opiniões sobre diversos problemas entre os indivíduos dos diferentes grupos que ali se reúnem. (HEREDIA, 2013, p. 16).

Nesse sentido, corrobora-se que muitos daqueles que vão às feiras, não o fazem apenas pelo objetivo de adquirir mercadorias, mas sim para poder conversar com os “chegados”, trocar conhecimentos e informações, passear pelo local, desfrutar de apresentações musicais, manifestações políticas dentre outros tipos de participações.

Um dos eventos realizados cotidianamente na Feira do Passeio, antes da pandemia, era o “Música na Feira”, em que grupos musicais e de palhaços se apresentavam no local. Nas redes sociais oficiais da feira é possível verificar a divulgação destas presenças. Em uma primeira imagem, veiculada no Facebook, mostra-se uma apresentação realizada no dia 7 de setembro de 2019, ao lado, realização de show musical da banda Laboratório do Groove, também em 2019, e logo em seguida, a divulgação do Yoga na Feira:

20 Há que se considerar que as medidas de distanciamento social afetam diretamente este tipo de convivência, trivial nas feiras livres, apesar de não destituí-las completamente. Ao realizar as observações de campo, foi possível reparar que uma das barracas que faz a venda do café agroecológico, com vários tipos de opções de alimentação não vem realizando este tipo de venda. Esta barraca, é provida de várias mesas para que os visitantes possam sentar, tomar café da manhã e conversar durante suas idas à feira.

Figura 13-Apresentação Musical na Feira do Passeio, em 2019



Figura 14-Apresentação da banda Laboratório do Groove, em 2019



Figura 15-Realização do Yoga na Feira, em 2019



Fonte: Perfis oficiais da Feira Orgânica do Passeio Público no *Facebook* e no *Instagram*. <Acesso em 01.Ago.2021>

Sobre as sensações e afetos gerados nestes convívios rotineiros à Feira do Passeio, foi possível conversar com Ana Eduarda, ex-trabalhadora da barraca Vale do Encanto, de Dario Delgado, um dos feirantes alocados na feira. Ela conta sobre aspectos que lhe agradavam e chamavam atenção no período em que trabalhou no local, destacando para o que chama de “dimensão relacional” existente na feira, inclusive ligada à realização de eventos como às apresentações musicais que aconteciam no local. Em uma comparação com outra feira em que trabalhou, disse sentir que aquele espaço tinha “*mais vida*” e “*espaço para acontecimento*”.

É possível sugerir esta constatação a alguns aspectos da Feira do Passeio, como ela ser realizada aos sábados, quando grande parte dos frequentadores possui mais tempo para passear pelo local, além da facilidade da feira ser realizada em um parque, oferecendo maior espaço para que sejam realizados outros tipos de eventos, simultaneamente à feira. Entretanto, Ana Eduarda ressaltou para sua percepção do caráter segmentado do grupo de pessoas que frequentam a feira, conforme expresso na seguinte fala:

Ah, eu acho que a dimensão relacional mesmo, porque principalmente na feira do.. eu sempre troquei ideia com as pessoas nas duas feiras, não tinha tanto, não tinha tanto essa distinção, mas eu sinto que na Feira do Passeio, ehh, tem mais vida assim, tinha uma musicalidade assim, era muito legal, tinha mais, mais espaço pra acontecimento assim, pra que as relações se dessem. E é engraçado também né, porque são pessoas que, de alguma forma, fazem parte do mesmo segmento social que a gente faz, né. Então, você sempre vai encontrar alguns rostos meio conhecidos, às vezes você solta um sorriso meio de graça ... é como que eu posso dizer, é tipo um salve simpatia assim, é tipo uma coisa meio, respira flores à la óleo essencial, ali na Feira do Passeio Público, muito engraçado. (Ana Eduarda, ex-trabalhadora da Feira do Passeio, entrevista de campo, 2020)

Nessa sequência, retoma-se distinta ocasião de campo, mas que também apresenta o caráter da formação de parcerias entre diferentes envolvidos na construção da feira. A agricultora Sandra, ao contar sobre a sua trajetória na agricultura, relata acontecimentos do período de transição da agricultura convencional para a orgânica, ressaltando a importância dos conhecimentos e saberes trocados na relação com os consumidores, muitos deles com quem tem amizade longínqua, em sua trajetória como agricultora e feirante.

Aquelas relações funcionariam como um “combustível” para que a agricultora buscasse aperfeiçoar técnicas para tocar seus cultivos, em um momento de vida em imperavam as dificuldades financeiras. Dessa forma, contou Sandra, sobre as trocas entre produtor e consumidor, em período de início do mercado de orgânicos, no final dos anos 1980:

Eu não tinha muito conhecimento na época, então eu tinha que me valer daquilo que produzia, sem nada, que era as alface que era abóbora da época, abóbora menina, principalmente, né aproveitar tudo que a abóbora dava, desde a flor até a a cambiquira, fazer o doce fazer abóbora verde madura do jeito que eu podia eu tava aproveitando. E assim eu fazia com dente de leão, com serralha com as PANCs que hoje tem nome, que naquela época não tinha nome, também né mas já tinha público. Eu mesma fui ensinando as pessoas a consumir esse produto e valorizar isso dentro de uma feira, e ter uma relação mais direta com o consumidor e o próprio consumidor foi me estimulando a fazer a desenvolver novos processos de necessidade porque não tinha muito produtor mas tinha muitas necessidades de consumo na época né. quem conhecia que era um grupo de pessoas que conhecia orgânico e também tinham seus problemas de saúde né e conforme a demanda deles eu ia fazendo tudo

que pedia eu corria atrás por isso que você vê essa diversidade muito grande aqui na propriedade hoje, mas foi exatamente pra atender a necessidade no nossa da família quanto do consumidor (Sandra Mara, agricultora e feirante, *entrevista de campo*, 2020)

É possível notar, a partir deste relato, o encontro entre diferentes *linhas*, guiadas cada uma delas por seus interesses específicos, mas que de certo modo, a partir do seu emaranhamento, passam a também constituir motivos comuns a todas elas, neste caso a existência de um ponto de comercialização direta de alimentos orgânicos. Sobre isso, se apresenta o caráter da *animacidade* dessas relações, caracterizado por Ingold como: “potencial dinâmico, transformador de todo o campo de relações dentro do qual seres de todos dos tipos, mais ou menos semelhantes a pessoa ou a coisas, continua e reciprocamente trazem uns aos outros à existência” (INGOLD, 2018, p. 116).

Deste modo, podem ser percebidas relações de trocas (de reciprocidade, de mercado), de afetos, entremeadas com relações de parentesco, a partir da presença de famílias que se engajam em um modo de produção e comércio iniciado a partir de núcleos familiares do meio rural. Nestas trocas, passam a serem geradas obrigações, para além de simples relações comerciais, de mercado ou de interesses puramente objetivos em relação aos suprimentos alimentares ou das vendas.

As trocas geram, em si, o caráter da “*obrigação*” entre quem participa dessas relações, como é o caso daqueles que por décadas se encontram todas as semanas pela manhã, naquela feira orgânica. Mostra-se esta propriedade em Mauss (2003), quando o autor propõe comparação entre trocas realizadas em sociedades atuais e as ditas “arcaicas” e “primitivas”, constatando para certas permanências nos papéis ocupados por estas relações.

Nas economias e nos direitos que precederam os nossos, nunca se constatam, por assim dizer, simples trocas de bens, de riquezas e de produtos num mercado estabelecido entre os indivíduos. Em primeiro lugar, não são indivíduos, são coletividades que se obrigam mutuamente, trocam e contratam; as pessoas presentes ao contrato são pessoas morais. (MAUSS, 2003, p. 190)

Não cabe comparar sincronicamente o que fora colocado por Mauss, a respeito de quais grupos realizavam as trocas de bens e riquezas, ou a forma que estas eram realizadas, porém, é necessário salientar para a qualidade dos compromissos postos entre eles. O que permanece seria: “que essa moral e essa economia funcionam ainda em nossas sociedades de forma constante” (MAUSS, 2003, p. 188).

No trecho acima, em que Sandra conta sobre seu convívio com os consumidores de orgânicos, seu trabalho de produção no sítio e sua posterior comercialização na feira, podem ser notados diversos tipos de trocas entre esses grupos distintos que ultrapassam as compras e vendas de orgânicos.

Aparecem, nesse âmbito, os intercâmbios de conhecimentos da agricultora com aqueles que buscavam seus produtos, passando a ter com eles o que chama de “relação mais direta”. Desse modo, o aprender a consumir orgânicos, com forte valorização daquele produto que se adquire, e o melhor produzir, com o desenvolvimento de novos processos, aparecem entrelaçados na visão da interlocutora. Sandra, justamente, atribui o fato do incremento na diversidade dos cultivares e crescimento do sítio com a busca em suprir demandas geradas por meio das trocas interiores ao sítio (familiares) e exteriores a ele (econômicas).

Sobre estas trocas, entre produtores e consumidores, expõem-se também as visões destes últimos, que por razões diversas passaram a ter como parte de suas rotinas as idas semanais à Feira do Passeio, compondo o caráter de complementariedade entre dimensões de quem produz e de quem compra os alimentos orgânicos. Para isso, recorda-se uma passagem, ocorrida no dia 10 de outubro.

Ao passar pela barraca do Recanto Nativo o pesquisador foi apresentado a uma assídua frequentadora da feira orgânica, que naquele dia retornava suas idas ao local depois de meses em isolamento social. Naquela conversa, entre a agricultora, o pesquisador e a consumidora, foram tratados assuntos relativos à política, em um momento em que começava a esquentar a campanha eleitoral para a prefeitura da cidade, sendo a feira um local em que candidatos a prefeito/a e vereador/a distribuem santinhos e conversam com eleitores em potencial.

A geógrafa, que participava do grupo de apoio a um dos candidatos ofereceu alguns adesivos e gentilmente aceitou dar um breve relato para a pesquisa. Naquela conversa foi possível notar para a mesma particularidade mencionada por Sandra, a respeito do que chamou, em outra ocasião, de “*relação mais direta com o consumidor*”, geradora de sua proximidade de anos, com a feirante.

Sobre isso, a frequentadora comentou principalmente a respeito da convivência entre consumidores e feirantes, o espaço em que é realizada a feira e o fato de poder conhecer aqueles que produzem os seus alimentos, como pode ser observado no trecho abaixo:

Ah, essa convivência, essa essa convivência com eles aqui e conversar com eles é você sabe a possibilidade de estar nesse espaço maravilhoso, poderia ser, não preci-

sava ser dentro do Passeio Público mais pode ser a possibilidade de tá com eles é muito legal [...] é você conhecer o agricultor entendeu, quem produz a tua comida quem quem quem planta a tua comida, isso é muito bacana essa relação pessoal (Denise, consumidora de orgânicos, entrevista de campo, 2020)

Ao reparar naqueles diálogos e situações, ficava claro que muito mais do que “comprar comida”, muito do que move os compradores de orgânicos para a feira são as amizades, os convívios e os afetos criados entre os “fazedores” daquele evento semanal. Ressalta-se para o trecho em que a consumidora fala sobre “*estar com eles*”, “*conversar com eles*” e “*saber quem produz sua comida*”, mostrando que para ela o convívio com quem produz, é tão ou mais importante do que a simples possibilidade de compra de itens orgânicos.

Os laços criados entre as pessoas que *fazem a feira* duram, em muitas oportunidades, para a vida toda, fazendo com que o ato de ir a feira constitua parte importante das trajetórias daqueles que passam a frequentá-la semanalmente.

Nesta mesma conversa, ao ser perguntada sobre há quanto tempo tem por rotina as idas à feira, assim ela respondeu: “*ah desde que começou eu não lembro quando é que foi, mas faz muitos anos, muitos anos, desde desde dois mil e eu nem lembro faz uns oito nove anos já que faz mais eu acho desde que começou*” (Denise, consumidora de orgânicos, entrevista de campo, 2020).

Em outras passagens foram surgindo mais relatos das construções de engajamento entre agricultores/feirantes e consumidores que podem se dar através de diferentes motivações entre aqueles que frequentam o espaço da feira. Outra ida a campo acabou gerando uma conversa com um mais um comprador frequente da Feira do Passeio, que relatou seu interesse pelo consumo de orgânicos, a criação de laços com aqueles que ali trabalham e o começo desse envolvimento, intrinsecamente ligado à sua história de vida, que passa pela presença em ambientes rurais durante a infância.

Assim como contou Dona Sandra, que atribuiu a transição do modelo cultivado no Sítio Recanto Nativo por eventos de contaminação pelos agrotóxicos e efeitos decorrentes desse uso, surgem percepções semelhantes por parte dos consumidores, que notam na saúde os efeitos em seus corpos, do uso desse tipo de substâncias.

O frequentador mencionado acima, assim relatou as motivações que o levaram a frequentar a feira orgânica, há mais de uma década atrás, e que, com o decorrer do tempo, levaram a formação de laços, entre ele e os feirantes:

O fato de ela ficar do lado de casa e de eu ter uma ligação com agroecologia, quase que instintiva. Desde pequeno os meus pais eram agricultor, o meu pai era domador de burro não era agricultor né, mas enfim, tinha cresceram no mato então isso me deu uma ligação com essa coisa da natureza, e aí você vai olhando, vendo né você toma um negócio que te faz mal, você come um tomate e fica com dor de barriga, sai umas mancha na pele, e aí você fala essa porcaria aqui tem algum veneno, que tá me fazendo mal, aí cê descobre que tem alguns produtores que não usam veneno, aí você fala isso é interessante, aí depois que fica passa dos dez anos dos quinze anos e assim vai se ligando nisso mais (Antônio, consumidor de orgânicos, entrevista de campo, 2020)

Em vista disso, é possível notar a cada conversa tanto uma coincidência quanto ampliação dos motivos que levam a esses *encontros*, sendo nestes casos a busca por uma alimentação mais saudável, um fator relevante para a criação desses elos. Este consumidor também comentou sobre sua ligação e amizade com aqueles que ali trabalham, dizendo frequentar e conhecer todas as barracas e adquirindo uma grande variedade de itens lá ofertados.

Considerando a existência desses elos, em uma feira que atualmente exerce protagonismo dentre os espaços de comercialização orgânica, são necessárias conformações de esforços para que tais relações possam ser mantidas ao longo do tempo. Na continuação do trabalho são expostos elementos que atentam para como se dá construção coletiva e ininterrupta da feira através de ações realizadas no local, pelos feirantes, e que são refletidas por meio das suas trajetórias de vida e trabalho.

2.5 LINHAS QUE PRODUZEM TRAJETÓRIAS: VIDA E *TRABALHO* NA CONSTRUÇÃO DA FEIRA DO PASSEIO

A manutenção das relações entre feirantes e compradores em uma feira passa pelo desempenho contínuo de esforços por aqueles que trabalham em espaços como a Feira do Passeio. Estes empenhos mantêm-se pela constante execução e aprimoramento de atividades técnicas de um feirante, como saber montar uma barraca, realizar a exposição de suas mercadorias de forma atrativa para os potenciais consumidores, ter boas noções no ato de calcular as vendas rapidamente, dentre tantas outras que possam ser enumeradas.

Igualmente, exigem-se de quem trabalha nestes locais inúmeras demandas, como saber ouvir e explicar qualidades relativas aos produtos, a habilidade do convencimento, a resiliência para enfrentar problemas como a dependência de fatores climáticos. É neste cenário que

serão tratados os *encontros*, entre produtores de orgânicos, que cada qual por suas razões, passaram a construir aquele ponto de comercialização, no centro de Curitiba.

Diversas fontes, que tratam deste tipo de comércio, constataam a existência de certas continuidades entre várias feiras pelo mundo, como certas percepções acerca dos “modos de vender”, a movimentação das pessoas e as sociabilidades envolvidas entre aqueles que “*fazem as feiras*”. A pesquisa de Vedana (2013), que trabalha em contexto etnográfico de feiras em Porto Alegre, São Paulo e Paris, traz reflexão a respeito do trabalho do feirante, pensado como um *metiér* específico executado num constante exercício de aprender e ensinar.

Sobre esta conceituação, assim descreveu Vedana, que pensava o *metiér* como: “resultado da sistematização de um conjunto de saberes e experiências que foram construídas no dia a dia do mercado.”²¹ (VEDANA, 2013, p. 42). Esse *metiér* é continuamente construído nas feiras e, para além das sistematizações de atividades técnicas, possui caráter relacional, e é produzido a partir da interação dos feirantes com os múltiplos atores que circulam por aquele local, assim explicado por Vedana:

fazer a feira é também “fazer” o feirante à medida que escuto no espaço da feira livre suas interpretações sobre como aprenderam e como ensinaram esse *métier*, e como ele necessariamente depende dessa relação com o outro (o freguês, o colega, os fornecedores, etc.), ou seja, depende dos laços que são tecidos e reafirmados a cada dia de feira. (VEDANA, 2013, p. 42)

A respeito do contexto da Feira do Passeio, reconhecida como um importante ponto de vendas de orgânicos em Curitiba, nota-se, constantemente, para o exercício deste *metiér*. Além da manutenção das relações com os diferentes públicos que frequentam a feira e outros pontos de comercialização de orgânicos, os feirantes, em suas rotinas de trabalho, elaboram estratégias para o melhoramento das vendas, denotando o caráter multifuncional exigido desses trabalhadores.

Nas conversas com feirantes foi possível reparar em algumas das soluções encontradas por agricultores para superar problemas de organização da produção e comercialização de seus produtos. Sobre isso, apresenta-se, a partir das histórias contadas por alguns feirantes, como se constitui este ambiente em que se emaranham variadas esferas de trabalho, organizado, na maior parte das vezes, a partir de bases familiares.

21 Em Porto Alegre, Vedana (2013) etnografou feiras geridas pela Associação dos Usuários do Mercado. Em São Paulo, a feira livre, localizada na rua Morato Coelho, organizada pela prefeitura. No caso de Paris, o estudo aconteceu no Marché Maubert e no Marché de Belleville,

2.5.1 Famílias que se organizam e fazem a feira acontecer

Uma entre as 20 barracas²² da Feira Orgânica do Passeio Público pertence a Cooperafloresta, organização criada oficialmente no ano de 2003, com a formação da Associação dos Agricultores Agroflorestais de Barra do Turvo, em São Paulo. O movimento se iniciou na região do Vale do Ribeira, por volta dos anos 1995 e 1996, com a presença de alguns importantes precursores do projeto. (Cooperafloresta, 2019). Com o decorrer dos anos, a cooperativa cresceu e se tornou referência no desenvolvimento de sistemas agroflorestais (SAFs), com o trabalho de 80 famílias que se associam em 22 grupos e em razão da necessidade de escoamento da crescente produção acabou gerando o encontro das *linhas* da Cooperafloresta com a Feira do Passeio.

Esta história aparece na etnografia escrita por Krasuscki (2014), com menção as vindas semanais do engenheiro agrônomo Nelson Corrêa Neto e de agricultores para *fazer feira* em Curitiba:

Para contornar o problema da comercialização, Nelson e alguns agricultores reuniam toda a produção da semana e pegavam carona com um caminhão que ia para Curitiba. Desembarcavam em uma feira e voltavam, com caixas vazias, de ônibus. (KRASUSCKI, 2014, p. 22).

Este trabalho, realizado na agricultura e nas feiras, como é o caso da Cooperafloresta, é enredado por relações familiares, portanto os negócios constituídos nessa esfera costumam ser também “de família”. E uma dessas famílias de agricultores da cooperativa é a de Giovane Boaventura, que participou de uma conversa, realizada em uma das mesas de xadrez do Passeio Público, e assim contou sobre o ingresso de sua família no trabalho com a agricultura agroflorestal:

Então, meu pai em noventa e sete ele começou a trabalhar com agrofloresta, daí eu nasci em noventa e cinco, eu já nasci nesse meio de agricultura né, meu pai já fazia né, mas com agrofloresta ele começou a trabalhar em noventa e sete depois ele foi se certificando a área e tal. Mas de lá pra cá assim, eu sempre ajudei né quando ainda morava no sítio eu sempre ajudei, participei, daí eu vim embora pra Curitiba né, em dois mil e dois mil e treze, daí eu fiquei de dois mil e treze até dois mil e quinze, daí eu voltei pra lá, daí quando eu voltei daí quando eu voltei pra lá eu comecei a participar mais, entender o processo, entendeu? daí eu entrei mais de cabeça

22 O número de barracas pode variar, com o tempo. Esse dado é referente ao mês de abril de 2020, conforme informado por Bem Paraná (2020). Disponível em: <https://www.bemparana.com.br/noticia/feira-de-organicos-do-passeio-publico-passa-a-funcionar-na-praca-19-de-dezembro#.YDgMDGhKjIU> <Acesso em: 25.Fev.2021.

nessa parte da comercialização e tal, dos processamento eh mas quando eu morava lá, antes eu não tinha assim, ajudava mas não não não via tanta importância quanto eu vejo agora e tal. (Giovane Boaventura, feirante, entrevista de campo, 2020)

Durante as conversas e observações foi possível atentar para este caráter familiar do trabalho na agricultura e nas feiras. Na Feira do Passeio é comum que pais, mães, filhos e outros parentes trabalhem juntos nas barracas, ainda que tal modelo de organização de vendas não seja o único existente no local. O atributo da realização do trabalho em famílias e entre famílias, no meio rural, foi largamente discutido pela Antropologia no Brasil. A respeito desse tema, Afrânio Garcia Jr e Beatriz Heredia se referiram a *empresa agrícola*, como tipo de negócio mais comum nos contextos rurais brasileiros: “O padrão mais freqüente é a empresa agrícola fazendo uso do trabalho da família que a possui e a faz funcionar, embora as condições de vida e de trabalho variem fortemente, por exemplo, entre policultores, criadores de gado leiteiro, horticultores ou viticultores” (GARCIA e HEREDIA, 2009, p. 215).

No caso da Cooperaflesta, a possibilidade da comercialização em feiras orgânicas em Curitiba, apesar das dificuldades iniciais, acabou se tornando um importante canal de vendas para as famílias de agricultores cooperados da organização. Giovane contou da seguinte forma acerca da chegada da cooperativa na Feira do Passeio, conformando assim a ligação entre *linhas* da agricultura, do trabalho familiar, ensinado pelos pais aos filhos e das feiras orgânicas e suas mudanças ao longo do tempo:

Não lembro ao certo o ano, mas acredito que foi entre dois mil, e dois dois mil e três mais ou menos, eu não tenho certeza assim da data bem bem certo é então a feira aqui do Passeio Público ela já mudou, eu lembro que antes era lá do outro lado, mudou-se pra cá né, agora já deu mais uma mudada, teve uns produtor que que era os pais que tocava, agora é os filhos, as banana né, os Tavares antes era o pai né agora, agora é os piá dele lá, que toca as banana e tal mas assim, da chegada da Coopera Agrofloresta eu era bem pequeno, eu também eu comecei a vim na feira faz uns três anos participava fiquei dois anos trabalhando na agroindústria lá no escritório, daí nesses últimos três anos que eu tenho vindo pra feira (Giovane Boaventura, feirante, entrevista de campo, 2020)

Com o estabelecimento, neste ponto de vendas, no centro de Curitiba, em que ocorre o *encontro* de famílias advindas de diferentes cidades de sua região metropolitana e do Vale do Ribeira, estas acabam por prescindir de expedientes que façam manter fortalecidas as relações com aqueles que visitam a feira orgânica.

Cabe considerar que um dos motivos que trazem pessoas à feira está relacionado a atratividade dos produtos expostos nas barracas. O trabalho dos feirantes passa, nesse sentido,

pela execução de várias tarefas, como o preparo das feiras no dia anterior e da montagem e vendas, nos dias de feira, conforme exposto no trecho seguinte:

2.5.2 O *trabalho* nas barracas e o preparo da feira

Ao visitar a Feira do Passeio, mostram-se àqueles que por lá circulam, além de uma grande variedade de produtos ofertados, a hermética organização das uma barraca de feira orgânica, que em Curitiba têm um formato e disposição específicos, descritos a partir da exposição da figura abaixo, da barraca pertencente a empresa familiar Bananas Tavares:

Figura 16 - Barraca da Bananas Tavares em outubro de 2020



Fonte: Foto do autor, 2020. Barraca da Bananas Tavares

Como é possível observar na foto apresentada, da barraca da Bananas Tavares, a estrutura é formada por componentes de bambu de diferentes tamanhos, que configuram a totalidade de cada barraca. Ao mesmo tempo em que alicerçam a base da banca, funcionam como vigas que sustentam, na parte superior, as lonas que operam como o telhado. As prateleiras são também confeccionadas do mesmo material, suportando uma boa quantidade de peso das mercadorias, expostas no local. Tal estrutura não observada apenas nos casos das barracas constituídas pelos *trailers*.

Vale ressaltar que além do fato de serem relativamente simples de serem montadas, substituem materiais usualmente utilizados em barracas, como é o caso do aço, mais pesado

para ser carregado e alocado nos caminhões. Dona Sandra dizia, em certa ocasião, que sua barraca permanece no mesmo local desde a mudança da feira do Largo da Ordem para o Passeio Público. A banca que administra com seu esposo Ozir, aparece assim em um dos álbuns de família que foram mostrados ao pesquisador, onde também é possível reparar para as estruturas de bambu.

Figura 17 - Barraca do Recanto Nativo no álbum de família de Ozir e Sandra



Fonte: Fernanda Yumi (em colaboração), 2020. Álbum de família de Ozir e Sandra.

A rotina de trabalho da feira começa bem antes de sua montagem, em si. Ainda no dia anterior a realização de uma feira orgânica os produtos passam por várias etapas de organização, até serem alocados nos caminhões. Na visita ao Sítio Recanto Nativo foi possível participar de um dia de preparação para as feiras do dia seguinte. Os produtos colhidos durante o dia são levados para um galpão, onde é realizada a higienização de vegetais e ovos, a separação daqueles itens que podem ou não serem vendidos, a alocação em caixas e a posterior organização destas nos caminhões. Nestas atividades, além do proprietário do sítio, participavam, naquela ocasião, mais duas pessoas que trabalham no local.

O *trabalho* que antecede as vendas nas barracas, é composto de inúmeros detalhes, que fazem parte dos processos anteriores à comercialização. Uma das tarefas realizadas na-

quele dia seria a de organização de morangos em caixas, da qual foi assim descrita em diário de campo:

Neste momento, ele [Ozir] me ensinou a forma correta de se colocar os morangos dentro de caixinhas, de acordo com a qualidade do morango, que não poderia estar melado, e a parte mais difícil: eles deveriam ser montados como um quebra cabeça, de modo a ficarem todos bem certinhos dentro da caixa. Ele mostrou duas caixas com o peso diferente, colocando que nesse sentido acontecem percepções por parte do consumidor da feira, que vai notar estas diferenças. Ozir precisou corrigir o trabalho que notava que estava sendo realizado por mim da forma errada. (*Diário de Campo, fevereiro de 2020*)

Em seguida, foram carregados outros produtos para o caminhão que iria à feira no dia seguinte, como as hortaliças, as cebolas, abacates, morangos, ovos, dentre outros. A partir do armazenamento em uma câmara fria, foram buscados itens como as bananas e vagens, que precisam ser guardadas em local refrigerado para que não ocorra a sua degradação. Ozir mostrou ainda, que há um encaixe correto a ser realizado no ato de sobrepor as caixas que levam estas mercadorias. Em sua falta de experiência, o pesquisador amassou algumas bananas ao alocar as caixas no caminhão.

Em outro momento de realização destas atividades, lembra-se aqui do instante em que o agricultor demonstrou que as competências exercitadas por ele no trato dos produtos orgânicos prescindiam de conhecimentos, que pessoas não acostumadas com técnicas, como estas, não possuem. O pesquisador, naquela ocasião, foi chamado para uma prática usual na preparação da feira, a escolha das vagens aptas para a venda. Aqui, novamente recorre-se ao diário, em que se exhibe aquela situação:

Em um dado momento, Ozir me chamou para fazer um exercício: eu sendo um consumidor, quais vagens de um saco, ali colocado na nossa frente seriam por mim escolhidas no momento da compra. Novamente, percebi que minhas escolhas pessoais não refletiriam acertadamente sobre a qualidade daquele produto. Eu conduzia minhas escolhas apenas pela aparência, achando que todas aquelas vagens eram boas. Ozir me mostrou, que na verdade, aquelas vagens mais grossas não seriam as boas, já tendo germinado feijões dentro delas, sendo então, a maioria descartadas para o uso dos animais e as boas seriam então as mais finas, sem feijões. Neste momento, Ozir falou sobre a necessidade de ser honesto com os clientes, pensando que eles sempre irão voltar (*Diário de Campo, fevereiro de 2020*)

Desse modo, há uma infinidade de situações que perpassam a rotina daqueles que exercitam o *metiér* de feirantes, com suas peculiaridades, denotando o caráter multiforme do trabalho nos sítios, agroflorestas e feiras. De modo a ilustrar os espaços elencados acima,

apresenta-se algumas figuras do local onde se realizam as tarefas de organização das mercadorias a serem vendidas em feiras orgânicas, no Sítio Recanto Nativo:

Figura 18 - Galpão utilizado na organização das feiras no Sítio Recanto Nativo - 2020



Fonte: Foto do autor, 2020. Galpão do Sítio Recanto Nativo.

Figura 19 - Caminhão utilizado no transporte de orgânicos - 2020



Fonte: Foto do Autor, 2020. Galpão do Sítio Recanto Nativo.

Figura 20 - Caixas de morangos organizadas para a venda na feira - 2020



Fonte: Foto do autor, 2020. Caixas de morango.

Em dada situação, anterior à realização do período de campo²³, ainda no ano de 2018, houve a oportunidade de participar da rotina de trabalho na feira orgânica, quando ainda florescia o interesse na realização de uma etnografia naquele local. Em uma das barracas mais movimentadas da feira, a da Marfil Alimentos Agroecológicos²⁴, houve a possibilidade de começar a atentar para estes processos de maneira mais próxima. Na Feira do Passeio é comum a contratação de pessoas “de fora” das próprias famílias, o que foi o caso do pesquisador naquele dia.

A rotina de trabalho se inicia antes da chegada dos primeiros clientes da feira, por volta das 5h30 da manhã, e passa pela realização de diversas etapas: o desembarque das peças das barracas e mercadorias dos caminhões, a montagem das barracas, como as mostradas acima, a disposição dos produtos de maneira organizada e atrativa a quem frequenta a feira.

Posteriormente, com a chegada dos consumidores, aparecem outras habilidades imprescindíveis durante o trabalho nas barracas, como a de realizar as vendas. Para isso, feiran-

23 Considerou-se relevante este relato, anterior aos dias de campo realizados em 2020, por duas razões: o valor em abordar a situação que desencadeou as condições para a existência desta pesquisa e a relevância destas tarefas, no cotidiano da feira, dificultadas de serem acompanhadas desta mesma maneira, durante a pandemia.

24 Segundo *site* próprio: “A Marfil Alimentos Agroecológicos surgiu a partir de uma demanda dos produtores familiares da Rede Ecovida de Agroecologia que buscavam um meio justo e solidário de inserir sua produção no mercado.” (Marfil/*Site*). A empresa trabalha a partir do recebimento de insumos e mercadorias de fornecedores diversos, da Região Metropolitana de Curitiba e de outros estados do sul do país, compondo uma gama de 35 produtos. (Agência de Notícias do Estado do Paraná) <Disponível em: <http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=108252&tit=Procura-por-organicos-cresce-com-a-pandemia>> <Acesso em: 22.Fev.2021>

tes exercitam tarefas de cálculo, que são efetuadas ao memorizar os valores do quilo das mercadorias expostas, no manuseio correto das balanças, entremeadas com a recepção aos clientes, a operação rápida de somatório de valores e a operação veloz em dinheiro espécie e máquinas de cartão.

Outras incumbências intercalam essa rotina, como a reposição dos produtos nas prateleiras das barracas, como é o caso dos grãos guardados, neste caso, em grandes tonéis, e das hortaliças e frutas armazenadas em caixas. Ao final do período de vendas, em horário próximo das 13 horas, as barracas começam a ser desmontadas, tendo suas peças novamente armazenadas nos caminhões, da mesma forma que retornam às caixas os produtos que não foram vendidos.

Para além da estruturação das bancas, da organização nos galpões e o trabalho logístico e de vendas nas feiras, acontecem outras parcelas do trabalho das feiras orgânicas, como o planejamento e formulação de estratégias para o futuro de cada uma daquelas famílias.

2.5.2 A feira que planeja

Retornando ao caso da Cooperafloresta, ao conversar com Giovane foi possível notar para como o trabalho em torno da comercialização, em feiras orgânicas e outros pontos de vendas, passa pela constante formulação das estratégias que venham manter fortalecidas a qualidade dos produtos e a relação com os consumidores.

Em Cooperafloresta (2019), são mencionadas algumas das *linhas* que fazem chegar a produção agroflorestal do Vale do Ribeira até o *circuito* de feiras orgânicas de Curitiba, através da entrega semanal de mercadorias dos produtores à cooperativa, que recolhe e aloca em caminhões a produção familiar dos cooperados. A robustez destes empreendimentos é visível através da variedade de produtos mencionada pelo feirante, que chegam a Feira do Passeio, das quais passam por aqueles advindos diretamente das famílias além dos processados pela agroindústria²⁵, conforme observado no trecho abaixo:

25 O termo agroindústria é assim definido: “A agroindústria pode ser denominada como uma fase onde produtos primários são transformados em subprodutos, que são voltados em sua grande maioria à produção de alimentos ao consumidor final. Isso se aplica a carnes, cereais e enlatados, laticínios, roupas, combustíveis e energias, etc.” Disponível em <<https://www.totvs.com/blog/gestao-agricola/o-que-e-agroindustria/>> <Acesso em: 21 Jan 2021>. Sobre este conceito, cabe ressaltar que apesar da conjunção de termos que possam remeter ao agronegócio, diversas famílias e organizações como a Cooperafloresta atualmente possuem estrutura de processamento de bens primários em itens diversos como alguns mencionados pelo interlocutor, sendo o caso da farinha, sucos, doces, dentre outros.

Lá da cooperativa do que tem vindo é banana, banana mamão é banana ali hoje, tem umas quatro variedades, ehh tem jaca ali, daí tem a linha de produtos processados lá da agroindústria: banana passa, bananada é doce de laranja, açafraão em pó, gengibre em pó, farinha de banana, farinha de inhame, daí tem produtos que é só fracionado na agroindústria, não é a gente compra pra fazer doce né compra como um insumo, daí a gente acaba fracionando ele, que é o caso do açúcar né demerara, cristal, mascavo. Daí, tem outros produtos a gente compra de fora, arroz lá também com a nossa marca, alguns grão, tem os vinho, os sucos tem o que mais daí tem os *in natura* que a gente que é de parceiro aqui que a gente compra: cebola, batatinha, batata doce, manga, abacaxi, é maçã, laranja (Giovane Boaventura, feirante, entrevista de campo, 2020)

A logística das feiras, como neste caso da Cooperafloresta, passa pela organização tanto de itens *in natura*, como as frutas e hortaliças, quando das mercadorias processadas pela agroindústria, que não funciona a partir apenas dos insumos produzidos pelas famílias cooperadas, prescindindo de itens advindos de outros produtores. Neste caso, para a utilização de matérias-primas provenientes de outras propriedades são acionadas as *linhas* de cooperação intermediadas pela Rede Ecovida de Agroecologia, que propicia o intercâmbio de produções certificadas.

Uma estrutura deste porte passa pela execução de tarefas que se emaranham às atividades descritas anteriormente, de natureza constante, como a montagem e desmontagem das barracas e a exposição das mercadorias, que exigem certo padrão em sua realização, com outras funções, que requerem maior especialização para o seu cumprimento.

Giovane menciona a lida no escritório da agroindústria da Cooperafloresta como um pilar para a cooperativa, ressaltando para a necessidade de se trabalhar com inteligência e organização, tendo as programações articuladas com antecedência. Ele também atua, neste âmbito, como gerente em um escritório da cooperativa, realizando atividades que requerem conhecimento em administração, contabilidade, finanças e habilidades com redes sociais e vendas através da internet.

É válido salientar para o aspecto levantado pelo feirante, que se refere à necessidade de se trabalhar, em suas palavras, “*com o time reunido*” e com “*tudo programado*”, demonstrando a interdependência entre toda equipe envolvida nestas funções, que em última instância propiciam que a barraca da feira esteja abastecida de mercadorias variadas. Assim contou o feirante, a respeito de sua rotina de trabalho, no escritório:

Hoje, a gente assim, a gente tá trabalhando de forma mais inteligente, assim, mais organizada, então o hoje eu mais gerencio e tal, as coisa, hoje assim durante a sema-

na ali, eu cuido da parte financeira, uma parte a parte de pagar eu faço as oferta de produto né, com os dias programado pra cada coisa, tem dia de montar os pedido da parte de processados, assim de *internet*, eu que monto os pedido, mas da parte de de *in natura*, assim processados pra vim aqui pra feira, daí eu tenho equipe lá.] Ehh que agora a gente tá mais passos a rotina da produção, lá a rotina do escritório como é que a gente vai trabalhar naquela semana, [reunião] da programação da agroindústria né, amarrando cada dia o que que tem que fazer, e quem que vai trabalhar entendeu? pra não ter tudo ali o pessoal ali, tudo o time reunido no escritório também, a gente tem uma rotina ali, tudo programado ali, cada dia né eu tenho mais articulado assim, a minha rotina é mais articular mesmo fazer a gerência ali [...] cooperativa (Giovane Boaventura, feirante, entrevista de campo, 2020)

Considerando estas dinâmicas, que passam por distintas fases, como o campo, a agroindústria, o escritório e as instâncias de comercialização como as feiras e outros espaços, requer-se constantemente que se tracem planos para suprir as demandas de um mercado que vêm crescendo nas últimas décadas. Para isso, nota-se que o trabalho realizado nestes ambientes prescindem de uma atenção contínua para a manutenção ou pela mudança dos modos se lidar com as atividades que vem sendo realizadas.

Sobre isto, o feirante menciona algumas das alterações de rotas tomadas pela Cooperafloresta e sua atuação em feiras orgânicas, demonstrando a necessidade de uma atenção contínua, da parte daqueles que trabalham com este tipo de comercialização. Uma das mudanças adotadas, neste caso, foi a decisão de diminuir as feiras atendidas, sobre a qual o feirante coloca que “*é tentar fazer bem feito duas do que fazer três*”, com a percepção de que o trabalho deve ser bem “amarrado” e com os processos sendo realizados em conjunto entre as pessoas da equipe:

Eu, nos últimos tempos até quando a feira tava com a cooperativa o que eu pude fazer pra melhorar eu fiz, eu tentei assim, teve coisas que não teve jeito mesmo, a gente teve que parar, teve coisas que a gente tinha mais feiras, acabamo dando uma recuada, ficamo só com o sábado três feira no sábado e agora ficamos só com duas, a gente preferiu focar só em duas e ter um um é tentar fazer bem feito duas do que fazer três. Sendo que depende de gente, tem que ensinar, que nem então a gente agora tá só com duas entendeu, dessa parte de organizar as coisas até ficou melhor, então tem evoluído, a nesse período de pandemia a gente conseguiu evoluir muito dentro da da agroindústria, não vejo assim que a gente fez vendas absurdas assim, vô falar que vendeu mais do que vendia antes eu não eu não tenho bem exato esses números, mas a gente conseguiu organizar a casa nesse período, entendeu? tamo organizando assim, acho que a comunicação cada um entender a importância do trabalho dele e das pessoas que dependem dele entendeu? tudo amarrado né, um processo no outro entendeu? (Giovane Boaventura, feirante, entrevista de campo, 2020)

O advento da pandemia está sendo determinante no trabalho dos feirantes, tendo forçado a tomada inúmeras decisões, que conforme mencionado, possam ter resultado até em

consequências positivas. Nesse âmbito, cabem as menções do feirante da possibilidade de reorganização da agroindústria, e da situação em que ele coloca que mesmo não havendo crescimento nas vendas dos orgânicos, o período serviu como um momento de “organizar a casa”. Acrescenta-se que a Cooperafloresta optou por não montar sua barraca na Feira do Passeio, durante os meses em que se foi adotado mais intensamente o isolamento social.

Em outras situações, foram mencionadas perdas trazidas pela pandemia, conforme o colocado pelo feirante Bruno Tavares, que nota para uma diminuição do movimento, após o retorno da feira para dentro do Passeio Público. Ele coloca que a sua empresa passou meses sem realizar as vendas na feira orgânica, tendo que redirecionar sua oferta para outros meios, como a entrega para feirantes, que optaram por continuar fazendo as vendas no local.

Então, desde que começou a pandemia nós tinha parado né, eu parei e aí eu fiz só entrega né, não tava montando a barraca, eu só vinha entregar pros outros amigo meu, os outros feirante aqui, e e eles vendiam pra mim. Aí hoje é o primeiro dia que eu tô fazendo depois da [?] é hoje é o primeiro dia tô achando bem fraco o movimento, por enquanto né, vamo ve se vai sair né. (Bruno Tavares, agricultor e feirante, entrevista de campo, 2020)

Considerando os relatos, sublinha-se para as interfaces do *trabalho* realizado para na continuidade das vendas, nas feiras orgânicas e outros pontos; os relacionados ao *trabalho* de planejamento e organização, que conforme colocado por Giovane, “*deve ser bem feito*”. Portanto, são substanciais as funções empenhadas nos escritórios de cada sítio e cooperativa que fazem suas vendas nas feiras, denotando a necessidade de “*estar tudo amarrado*”, “*um processo no outro*”, como trazido pelo feirante. Sobre isso, remete-se às *linhas* formadoras de uma *malha*, conformada como “um tecido de fios entrelaçados ou atados” (INGOLD, 2018, p. 224).

Em seguida, é apresentado como o trabalho com os orgânicos passa pelo exercício de funções burocráticas que envolvem a certificação orgânica, considerando a perspectiva que pensa os documentos como “parte viva” das rotinas de vida e trabalho dos produtores rurais, feirantes e consumidores de orgânicos. (VIANNA, 2014).

Figura 21 - Barraca da Cooperafloresta na Feira do Passeio - 2020



Fonte: Marcus Paulo (em colaboração), 2020. Barraca da Cooperafloresta.

Figura 22 - Produtos da Cooperafloresta na Feira do Passeio - 2020



Fonte: Marcus Paulo (em colaboração), 2020. Barraca da Cooperafloresta.

2.5.3 A feira que se certifica

As *malhas* que conformam um sistema de produção orgânica, passam por um emaranhado de procedimentos que transpassam tarefas como as colheitas e a comercialização dos produtos. No entanto, grande parte das energias empenhadas para a efetuação deste gênero de atividades, volta-se para o mundo dos documentos.

Assim como outras tarefas do cotidiano do mercado de orgânicos, o cumprimento destes requisitos mostra-se como uma das principais exigências para a venda deste gênero de mercadorias. No contexto de campo, foi possível notar que os documentos, e procedimentos eram parte fundamental das rotinas dos caminhos dos feirantes e consumidores, tanto quanto qualquer outra parte da produção orgânica. De modo a conceber estes protocolos, como matéria viva do caminhar rotineiro da Feira do Passeio, adota-se a perspectiva de Vianna (2014), que pensa os documentos, como elementos construtores da realidade, tanto pelo que produzem quanto pelo que sedimentam.

Neste caso propõe-se remontar, partir dos textos legais e das vozes dos interlocutores, aos conjuntos de leis, trâmites e procedimentos que normatizam e certificam uma produção como orgânica, e apta para ser comercializada como tal, entendendo de que modo participam destas construções de realidade, fundamentadas leis e decretos, que servem de porta de entrada para uma validação, baseada na ciência. Abaixo, apresenta-se a conceituação das propriedades dos documentos, tomada como base para esta pesquisa, segundo Vianna (2014):

Defendo, assim, que levar a sério os documentos como peças etnográficas implica tomá-los como construtores da realidade tanto por aquilo que produzem na situação da qual fazem parte – como fabricam um “processo” como sequências de atos no tempo, ocorrendo em condições específicas e com múltiplos e desiguais atores e autores – quanto por aquilo que conscientemente sedimentam (VIANNA, 2014, p.47)

Antes de adentrar ao campo das narrativas e percepções a respeito do tema das certificações, são apontadas as leis que regulam o tema no Brasil. A respeito dos sistemas de certificação há legislação específica que versa sobre o tema. No ano de 2003, foi promulgada a lei Nº 10.831, que no seu terceiro artigo define a obrigatoriedade da certificação para a comercialização de produtos orgânicos, da seguinte maneira: “Art. 3º Para sua comercialização, os produtos orgânicos deverão ser certificados por organismo reconhecido oficialmente, segundo critérios estabelecidos em regulamento.” (Brasil, Lei Nº 10.831, 2003).

Com a Lei Nº 10.831/2003 carecendo de regulamentação, no ano de 2007, foi promulgado o decreto Nº6.323/2007 que “dispõe sobre a agricultura orgânica, e dá outras providências.” (BRASIL, 2007). Neste decreto, para além da sua mera obrigatoriedade, ficou definido o enunciado da certificação orgânica, como um ato garantidor desta qualificação, através do seguinte artigo:

III - certificação orgânica: ato pelo qual um organismo de avaliação da conformidade credenciado dá garantia por escrito de que uma produção ou um processo clara-

mente identificados foi metodicamente avaliado e está em conformidade com as normas de produção orgânica vigentes. (BRASIL, 2007)

No Brasil, para que seja obtida a certificação orgânica em determinada produção, é necessário que sejam respeitadas prerrogativas, as quais se encontram inseridas no que se denominam “sistema de certificação” (através de empresas de natureza pública ou privada) ou por um dos “sistemas participativos de garantia de qualidade orgânica” (organização de tipo específico). Estes tipos de sistema, definem quais as regras e procedimentos são exigidos para que um produtor seja certificado. De acordo com o referido decreto, a implementação de determinado sistema de certificação fica a cargo de uma entidade certificadora (no caso da opção pela auditoria) ou por outras organizações (de natureza participativa).

A seguir são apresentadas as aceções propostas para o sistema de certificação (por auditoria) e por outros tipos de organização (com caráter participativo), com base no decreto Nº 6.323/2007:

XV - Sistema de certificação: conjunto de regras e procedimentos adotados por uma entidade certificadora, que, por meio de auditoria, avalia a conformidade de um produto, processo ou serviço, objetivando a sua certificação; (BRASIL, 2007)

XVI - Sistemas Participativos de Garantia da Qualidade Orgânica: conjunto de atividades desenvolvidas em determinada estrutura organizativa, visando assegurar a garantia de que um produto, processo ou serviço atende a regulamentos ou normas específicas e que foi submetido a uma avaliação da conformidade de forma participativa; (BRASIL, 2007)

De modo a resumir as obrigações cumpridas pelos produtores de orgânicos no Brasil, adotou-se a partir do Capítulo III do referido decreto, em seu Art.30 o estabelecimento de um selo único para identificação de qualquer produto integrado ao Sistema Brasileiro de Conformidade Orgânica, válido em qualquer localidade do território brasileiro.

Segundo o decreto Nº 6.323/2007 “São considerados membros do sistema os produtores, comercializadores, transportadores, armazenadores, consumidores, técnicos e organizações públicas ou privadas que atuam na rede de produção orgânica.” (BRASIL, 2007). Junto ao selo que representa o Sistema Brasileiro de Conformidade Orgânica, deve ser identificado o tipo de sistema de avaliação optado pelo produtor (sistema de certificação por auditoria ou sistema participativo).

Na sequência, é apresentado o selo do Sistema Brasileiro de Conformidade Orgânica e um exemplo de identificação de um sistema de avaliação, neste caso, o selo da Rede Ecovida

de Agroecologia, comum de ser encontrado em produtos orgânicos na Feira Orgânica do Passeio Público e em toda Região Sul do Brasil:

Figura 23-Selo do Sistema Brasileiro de Conformidade Orgânica



Fonte: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/obema/certificacao-de-produtos-organicos-necessidade-ou-opcao/>> Acesso em: 18.Ago.2021>

Figura 24-Selo da Rede Ecovida de Agroecologia



Fonte: Site da Rede Ecovida de Agroecologia. Disponível em: <<http://ecovida.org.br/certificacao/>> Acesso em: 18.Ago.2021>

No caso da Feira Orgânica do Passeio Público, bem como das outras feiras orgânicas de Curitiba, possuem regulamentação específica em âmbito municipal. A portaria Nº 044/2007, expedida pela, ainda, Secretaria Municipal de Abastecimento, “Regulamenta as atividades das Feiras Orgânicas”. A normatização imposta pela prefeitura, em determinadas oportunidades de seu texto se baliza na legislação federal, na alçada da Lei Nº 10.831/2003.

No circuito de feiras orgânicas, é vedada a modalidade de venda direta ao consumidor, sendo assim obrigatória a certificação para que os produtores possam comercializar suas mercadorias. Logo em seu primeiro artigo, a portaria vincula a existência das feiras orgânicas à certificação dos produtos, como aparece no seguinte trecho: “Art 1º – As feiras orgânicas são unidades de abastecimento destinadas à venda no varejo, de produtos certificados”.

Por diversas vezes, a portaria remete a pontos relacionados à certificação, como o caso do seu artigo nono, que trata das condições para a comercialização de produtos orgânicos. Em seu primeiro parágrafo são colocadas as regras para o comércio de produtos *in natura*, como é possível notar em algumas barracas da Feira do Passeio, com a venda de diferentes tipos de farinhas, do fubá, variedades de feijões dentre outros grãos. A saída deste gênero de mercadorias é assim regulado pela prefeitura:

I. O usuário que comercializa produtos “in natura” a granel de sua unidade produtiva, deve apresentar o certificado de produção orgânica atualizado, emitido por entidade certificadora, onde deve constar a relação detalhada de todos os produtos certificados (Prefeitura de Curitiba/Secretaria de Abastecimento)

A multiplicidade de regras, exigências, definições e protocolos elencados pelas leis expostas tornam-se conforme trazido por Vianna (2014), mecanismos de construção das realidades dos envolvidos nestes processos, trazendo não apenas ganhos, como a comprovação da qualidade dos produtos, mas certas dificuldades e empecilhos, como a impossibilidade de acesso aos canais de comercialização por parte de produtores que não dominam a linguagem burocrática, dos procolos, leis e procedimentos.

Dona Sandra relatou alguns destes esforços, como a imprescindibilidade em “*se enquadrar em todas as leis*”, “*seguir a risca todas*”, que segundo ela, ficam “*sobrepostas uma sobre a outra*”. Este acúmulo de funções acabaria por gerar uma grande “*responsabilidade burocrática*”.

Ainda que demonstre larga experiência na execução deste tipo de encargos, inclusive auxiliando voluntariamente outros produtores a conseguirem suas licenças, ela defende uma maior participação do Estado no trato com os inúmeros procedimentos exigidos para a efetuação da agricultura orgânica, conforme levantado na seguinte passagem:

É muito estressante pra gente, isso daí eu até venho acumulando alguns problemas de saúde porque eu não tenho só é a feira nós temos a agroindústria a questão de vigilância sanitária, né nós temos a questão da unidade de produção de ovos que a a

que vem a ADAPAR²⁶ daí a gente tem que se enquadrar em todas as leis né, é tem a lei do orgânico e a gente a gente a lei de orgânico tem um regimento regras né, e aí você tem que seguir a risca todas as todas as leis certinha, né mas acumulada sobrepostas uma sobre a outra então você presta éhh pra feira você tem que fazer vigilância sanitária você tem que pra ADAPAR você tem que se enquadrar na agricultura orgânica imagine quanta responsabilidade burocrática a gente tem que ter não consegue fazer a junção de um documento que sirva pra todos e isso vem gerando um certo estresse que daí você como eu trabalho com grupo de agricultores, tem que fazer isso também pro restante do grupo, que as vezes o produtor os grupos são pequenos né mas aquele agricultor que tá ali ele não tem noção como é que funciona sabe? E a gente não tem um órgão público fazendo isso pra gente, a gente vive da agricultura ganha, sobrevive economicamente da agricultura e faz o trabalho voluntário e isso não tem é além de fazer o da gente é tem que fazer o dos outros não tem quem comporte isso daí pra gente sabe? É um dever que a gente tá fazendo sabe? o Estado devia fazer ou facilitar no mínimo pra gente (Sandra Mara, agricultora e feirante, entrevista de campo, 2020)

A produtora, em outro momento, conta sobre a relação de sua produção com as diferentes formas de certificação adotadas ao longo do tempo, marcadas pela passagem do modelo de certificação por auditoria, inicialmente adotado em sua propriedade, através do IBD (certificadora privada), para a certificação participativa promovido pela Rede Ecovida de Agroecologia.

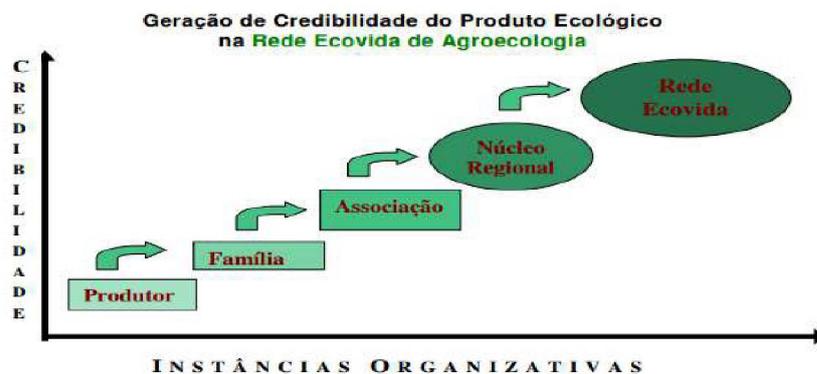
Uma das principais motivações para que fosse adotada a certificação participativa, aponta para as taxas cobradas pelas certificadoras por auditoria, que segundo a produtora, “*acaba inviabilizado pro pequeno agricultor, aquele mais pequenino mesmo*”. A agricultora contou que, dada essa problemática, *nós fomos buscar a Rede Ecovida, na época de 2000. A transição entre a certificação por auditoria para um sistema participativo foi assim relatada por Sandra:*

É, como eu fui certificada por IBD e é uma certificadora mais cara porque é uma certificadora por auditoria e acaba inviabilizando pro pequeno agricultor aquele mais pequenino mesmo que não tem condições de pagar aí nós fomos buscar a Rede Ecovida na época de 2000 isso, daí foi inclusive a gente fez aqui uma reunião de oitenta agricultores, foi assim que a rede veio a Rede Ecovida a qual hoje nós somos certificados por ela, como que ela funciona? Ela trabalha a nível de grupo de agricultores, é eu tenho um grupo de agricultores, por exemplo vamos comparar aqui é eu até faço esse trabalho demonstrativo quando eu dou curso no quadro né mostrado como que é a meta como que é como que é a logística desse trabalho nosso é. (Sandra Mara, agricultora e feirante, entrevista de campo, 2020)

26 A ADAPAR se trata da Agência de Defesa Agropecuária do Paraná. Sua missão é assim descrita em *site* próprio: “Promover a saúde animal, a sanidade vegetal, a inocuidade dos alimentos, a conformidade do comércio e uso de insumos agropecuários, o uso adequado do solo agrícola, com responsabilidades compartilhadas entre as partes interessadas, em benefício da sociedade.” (ADAPAR, *Site Oficial*) Disponível em: <<https://www.adapar.pr.gov.br/Pagina/Adapar>> <Acesso em: 18.Ago.2021>

A rede é composta por diferentes níveis hierárquicos, que se iniciam pela denominação da rede, em si, que divide em núcleos regionais, posteriormente desdobrados em associações, nas famílias, e nos produtores. Segundo o *site* da Rede Ecovida, a organização abrange 27 núcleos regionalmente alocados, em 352 municípios da Região Sul, 340 grupos locais, compostos por 4500 famílias. A certificação concedida pela rede chega a 120 feiras livres ecológicas e 20 ONGs. (Rede Ecovida, s/d). Na figura abaixo, é apresentado como operam as instâncias organizativas da Rede Ecovida:

Figura 25-Instâncias Organizativas da Rede Ecovida de Agroecologia



Fonte: *Site* da Rede Ecovida de Agroecologia Disponível em: <<http://ecovida.org.br/sobre/>> Acessado em: <12.Ago.2021 >

Dona Sandra, narra as etapas de funcionamento de um Sistema de Participativo de Garantia de Qualidade Orgânica, neste caso, o realizado pela Rede Ecovida de Agroecologia, atuante na Região Sul do Brasil. A operacionalização do processo de certificação ocorre em diversas etapas, sendo uma delas a medição do “grau de ecologização das propriedades”, (*Site/Rede Ecovida*).

A execução deste estágio é realizado nos níveis dos grupos e dos núcleos, a partir de comissões de ética, como um dos requisitos para que uma propriedade obtenha o selo de certificação participativa. A agricultora descreve alguns dos procedimentos constituintes desta averiguação ao dizer que “*você vai em um grupo hoje, no máximo até doze pra fazer uma visita, cada propriedade uma vez no ano*”.

Dentre as qualidades analisadas ela contou que “*a gente vai lá pra ver se tem curva de nível*”, “*se ele cuida da nascente*”, “*se ele mantém a mata ciliar*”, “*como é que tá conduzindo a agricultura orgânica*” e “*se não tem erosão naquela propriedade*”. Estas etapas, foram

assim narradas pela feirante, que destaca para o rigor deste tipo de avaliação, compostas por diversas “*coisas*” e “*normas*”, que em se constatando a regularidade desta propriedade, o “*grupo dá aval pra esse produtor né, ele pode ser certificado*”, “*coloca isso em ata*”:

Você um grupo hoje no máximo até doze pra fazer uma visita cada propriedade uma vez no ano né e a gente não vai na casa do cara lá pra tomar um café a gente vai lá pra ver se tem curva de nível se ele faz é se ele mantém a mata ciliar se ele cuida da nascente é como que ele tá conduzindo a agricultura orgânica se não tem erosão na propriedade tem uma série de coisas de normas que são avaliadas naquela propriedade, daí o grupo dá aval pra esse produtor né é que ele pode ser certificado a coloca isso em ata e isso é encaminhado a mesma coisa é feito nas outras propriedades mensalmente né feito a visita já de campo. (Sandra Mara, agricultora e feirante, entrevista de campo, 2020)

Do mesmo modo que a certificação pode ter seu caráter confirmativo, para conceder ao produtor rural um selo que condensa, em si, um conjunto de atribuições, protocolos e responsabilidades as quais garantem que aquela produção adota o regime orgânico, há possibilidade da perda do selo, caso o agricultor descumpra as exigências normatizadas pela Rede Ecovida.

Os mecanismos internos à rede, de controle e fiscalização, traduzem não apenas uma série de sucessivas hierarquias bem como de responsabilidades mútuas, internas à estrutura organizativa e aos seus entes, em última instância, os produtores rurais associados.

Nessa linha, ela explica como a rede opera, caso seja constatada alguma irregularidade da produção em relação às diretrizes exigidas pela Rede Ecovida, a partir de dois exemplos, caso não haja comunicação do problema do grupo ao núcleo e caso o informe seja feito, para que sejam tomadas providências: “*se por ventura alguém do grupo cometer uma infração e por ventura o grupo não colocou em ata e não encaminhou pro núcleo, o grupo vai perder o certificado todo*”.

Caso o percurso para resolver uma infração seja o correto e com as devidas correções sendo aplicadas, o produtor “*continua no grupo*”, caso contrário é “*comunicado ao núcleo, e aquele produtor sozinho vai perder o certificado*”. Este caso demonstra como os documentos podem ser construtores da realidade e partícipes da corrente de formação das coisas: (VIANNA, 2014) (INGOLD, 2018).

Todo mundo faz e isso fica em ata registrado, desse grupo sai duas pessoas pra transformar um da comissão de ética outro da coordenação do núcleo lá né, são formados [...] Nosso aqui do Maurício Burmeski do Amaral é formado por quarenta grupos quarenta e dois grupos mais ou menos, não me lembro agora exato e esses duas pes-

soas que saem do grupos vão pra reuniões mensais lá na rede que nós chamamos no núcleo né. Lá, a gente debate os problemas que o grupo tem, se por ventura alguém do grupo cometer uma infração e por ventura o grupo não colocou em ata e não encaminhou pro núcleo, o grupo vai perder o certificado todo. Agora, se ele notificou ele, o grupo, notificou o produtor, que o produtor tá errado, ele ele se corrigiu, ele corrigiu ele continua no grupo, se não corrigir é o comunicado o núcleo e aquele produtor sozinho vai perder o certificado agora e o grupo for o se o grupo. (Sandra Mara, agricultora e feirante, entrevista de campo, 2020)

A Rede Ecovida têm, progressivamente, expandido os seus campos de atuação, aumentando seu número de associados. No caso da Cooperafloresta, o feirante Giovane Boaventura também conta sobre a existência de diferentes meios de obtenção da certificação; os sistemas participativos e as entidades certificadoras por auditoria. Ele ressalta para o predomínio que foi conquistado, ao longo das últimas décadas, pelos sistemas participativos, fato este que deve ser conferido ao crescimento da Rede Ecovida. Sobre isso, colocou que *quase a maioria daqui da feira é certificação participativa, um ou outro, ali das carnes, não é participativa, é auditoria.*

Giovane ainda comentou acerca do cruzamento das histórias da Cooperafloresta a da Rede Ecovida, fato este que propiciou a adoção da certificação participativa pela organização, dizendo que *“o pessoal já conhecia o pessoal daqui de Curitiba e tal, então foram conversando a possibilidade de ter um núcleo lá, entendeu”*? O núcleo, localizado na região do Vale do Ribeira, é chamado por ele de “agrofloresta”, referindo-se ao modo de produção adotado no local, com seus parâmetros avaliados através da sistemática da Rede Ecovida, que atesta a conformidade do produto orgânico, em suas diferentes formas de cultivo. O processo de fundação do núcleo agrofloresta foi contado pelo feirante, da seguinte maneira:

Assim, é que tem os parceiros tem um pessoal aqui da da de Curitiba né dentro da certificação da Rede Ecovida a gente aqui é certificação participativa quase a maioria daqui da feira é certificação participativa um ou outro ali das carne os que não é participativa, que é auditoria. Então, aqui como é Rede Ecovida, então tem o núcleo aqui no Paraná tem o núcleo então daí então como a gente tá tá trabalhando com a agrofloresta e tal, conheceu o pessoal daqui, daí até que foi que montou-se um núcleo lá entendeu? mas assim pra te explicar com bastante propriedade eu já não sei que eu era bem pequeno na época então eu só sei assim o que os outro fala, eu não mas foi mais ou menos isso entendeu o pessoal já conhecia o pessoal aqui de Curitiba e tal então foram conversando a possibilidade de ter um núcleo lá entendeu? montar daí tem um núcleo lá que é o núcleo agrofloresta que é o nosso daí aqui em Curitiba é um núcleo em Santa Catarina é outro eu não sei se mais um núcleo por estado assim dessa parte de certificação eu não tenho tanta base assim de campo e tal a minha parte é mais da da comercialização. (Giovane Boaventura, feirante, entrevista de campo, 2020)

Ainda que os Sistemas Participativos de Garantia de Qualidade Orgânica venham, progressivamente, ganhando espaço entre os feirantes da Feira do Passeio, há barracas em que é possível encontrar produtos certificados através do sistema de certificação por auditoria.

Este tipo de certificação pode ser concedida por empresas privadas, sendo a principal delas o IBD e por organismos públicos, como o Instituto de Tecnologia do Paraná (TECPAR)²⁷. Segundo *site* do Tecpar, a certificação orgânica é concedida pela Tecpar Certificação²⁸, divisão responsável por este trabalho dentro do instituto. O órgão possui credenciamento tanto no Ministério da Agricultura Pecuária e Desenvolvimento (MAPA) quanto no Inmetro (Instituto Nacional de Metrologia Qualidade e Tecnologia).

Uma das empresas de orgânicos que, atualmente, adota a certificação pelo Tecpar é a Bananas Tavares, que em sua história tem diversos cruzamentos entre produção orgânica e instâncias certificadoras, fazendo remeter através da sua trajetória, às correntes de formação da agricultura orgânica no Paraná. (INGOLD, 2018). O feirante Bruno, conta que a empresa de sua família foi certificada por três organizações diferentes, como pode ser notado em sua fala. As relações entre as Bananas Tavares e as instâncias certificadoras, foi dessa maneira exposta por Bruno:

Isso, eles foram atrás de nós lá e deu certo, a produção já era orgânica mesmo, daí ficou fácil daí já entramos pela Ecovida a Rede Ecovida que foi lá daí o meu pai certificou pelo IBD também, agora nós tamo pela Tecpar. Tecpar, que certifica agora. Mas foi assim que começou. (Bruno Tavares, agricultor e feirante, entrevista de campo, 2020)

Assim como fora contado por Dona Sandra em relação à medição do grau de ecologização de uma propriedade, inserida na Rede Ecovida, o feirante Bruno descreveu os processos exigidos para a obtenção do TecparCert, nome dado à certificação conferida pelo instituto paranaense, e simbolizada pelo selo exibido abaixo:

27 O Instituto Paranaense de Tecnologia é assim definido em seu site: “O Instituto de Tecnologia do Paraná (Tecpar), empresa pública do Governo do Estado fundada em 1940, é um instituto de ciência e tecnologia que, com seu corpo técnico, apoia a inovação e o desenvolvimento econômico e social do Paraná e do Brasil.” (*Site* do Tecpar, Disponível em: <<http://www.tecpar.br/>> Acesso em: 04.Ago.2021>

28 A divisão de certificações do Tecpar é dessa forma retratada, pela empresa: O Tecpar Certificação é a divisão do instituto responsável pela certificação de produtos e sistemas de gestão e atua desde 1997 em todo o Brasil. O Tecpar Certificação atua como organismo independente da relação comercial e atesta que sistemas, produtos, processos e/ou serviços estão em conformidade com requisitos nacionais, estrangeiros ou internacionais. Os programas de avaliação e certificação da conformidade estão estruturados em padrões internacionais, garantindo um processo reconhecido e seguro. (*Site* do Tecpar, Disponível em: <<http://www.tecpar.br/>> Acesso em: 12.Ago.2021>

Figura 26-Selo conferido pelo TecparCert



Fonte: Site do TecparCert Disponível em: <<http://www.tecpar.br/>> Acesso em: 12.Ago.2021>

Neste caso, também há coadunação entre a necessária regularização dos documentos relativos à propriedade e aos produtos comercializados e às visitas de campo para verificação de questões relativas à ecologia do local em vistorias realizadas em uma periodicidade anual. Estes dois gêneros de exigências aparecem na fala de Bruno Tavares, quando menciona as necessidades de “*tá com tudo em dia, documentação em dia*”, “*tem que ter barreira de um vizinho para o outro*” além da “*análise da água*” e “*análise da banana*”. A rotina de inspeções foi explicada desta maneira narrada por Bruno:

Ah você tem que tá tudo em dia, documentação em dia o [lavoro] tudo em dia né, controle, tem que ter barreira de um vizinho no outro, é isso tem que tá tudo em [dia] pedido por eles uma vez por ano eles vão lá fazer vistoria, agora mês que vem eu vou fazer vistoria de novo da certificadora, eles vão lá fazer vistoria a gente paga né e vai ná análise de água, análise da banana tem que fazer tudo isso tudo lá né [?] tem que fazer e é tranquilo [?] certa e não tem erro (Bruno Tavares, agricultor e feirante, entrevista de campo, 2020)

Tais procedimentos sinalizam para o alto números de procedimentos e comprovações que permeiam a realidade da produção orgânica, que têm os documentos como parte indispensável de sua constituição. No entanto, o tema provoca diferentes interpretações por parte daqueles que convivem no cotidiano dos produtos orgânicos, não sendo apenas os agentes que propõe e fiscalizam a legislação, o Estado, e aqueles responsáveis por mantê-la em ordem, os produtores.

Assim como previsto pelas regulamentações discutidas nesta pesquisa, os consumidores compõem parte intrínseca dos mecanismos de certificação, como os Sistemas Participativos de Garantia de Qualidade Orgânica, que possuem caráter descentralizado e horizontal na conformação de suas estruturas, como pode ser observado através de informação coletada no site da Rede Ecovida: “Denominamos de Sistema Participativo de Garantiva-SPG o processo

de geração de credibilidade que pressupõe a participação solidária de todos os segmentos interessados em assegurar a qualidade do produto final e do processo de produção.” (Site/Rede Ecovida, s/d).

Justamente de modo a pensar os consumidores como participantes ativos dos processos de certificação orgânica, buscou-se revelar algumas percepções destes sujeitos acerca do tema e como entendem o funcionamento destes mecanismos. Durante as conversas com os frequentadores da Feira do Passeio foi possível notar para distintas formas de captar este tipo de protocolo, que à primeira vista podem ser pensados como objetivamente colocados e executados pelos responsáveis pelas suas elaborações e execuções.

Nas falas dos consumidores era comum perceber distintos graus de entendimento e importância atribuída ao selo orgânico, relativamente aos produtos comprados na feira, surgindo o elemento da confiança no produtor como fator de acreditação na qualidade de um produto tão importante quanto a garantia oferecida pela certificação.

Em um primeiro momento, identifica-se compradores de orgânicos mais atentos a apresentação deste tipo garantia, demonstrando conhecerem o funcionamento dos processos de certificação, como o músico Ricardo, o qual tem conhecimento que na Feira do Passeio *“todos tem aqui, todos tem a qualificação, eu já fiz um curso com o Thales (feirante) de produção de shitake e eles explicaram como que funciona a questão da certificação, então aqui é sério, não é, não é fake, não é fake news”*.

Há também aqueles que vão às compras procurando pela origem, certificação e validade dos itens que busca na feira, como é o caso do professor José Carlos, que diz *“se for empacotado sim, né, com certeza, eu sou supercriterioso né, em qualquer lugar que eu vou comprar eu olho a validade olho a origem certificação com certeza”*.

Este tipo de ponderação no ato de observar os certificados, em que é mais criteriosa a observação em produtos embalados mostrou-se comum entre os frequentadores da Feira do Passeio, ainda que entre os produtos *in natura* seja obrigatória a indicação de informações como procedência geográfica e a propriedade de onde advêm aquelas mercadorias. Na feira, são exibidas em placas expostas junto aos produtos como as frutas e verduras.

Outro gênero de diferenciação feita por quem tem o hábito de consumo de orgânico relaciona-se ao local onde é feita a compra. No caso da professora Júlia, há maior atenção para o selo, quando a compra é feita em redes supermercadistas, ou seja, onde não é possível ter contato direto com os produtores, conforme sua fala: *“Ah, sim, sim, o selo orgânico é sempre*

importante, quando não posso comprar na feira, às vezes no mercado, sempre pra ver se é". A confiança em quem vende, em suas distintas nuances, foi um dos fundamentos mais lembrados para fazer crer no que se está consumindo, demonstrando a proximidade entre os feirantes e compradores da feira orgânica.

De maneira a salientar essas diferenças, outro consumidor, quando perguntado sobre sua atenção, especificamente ao selo Produto Orgânico Brasil, que diz se atentar ao símbolo quando compra produtos embalados, como a carne: *"Mas a verdura não tem né a fruta né aí você tem que confiar no feirante, mas se for uma carne olho, quando é um produto embalado eu olho"*. No decorrer das conversas, ainda foram usualmente reiteradas estas relações de confiança entre consumidores e feirantes, operando, para eles, como garantia de qualidade orgânica dos produtos comercializados na feira e fator que dispensa a verificação dos selos existentes nos itens vendidos no local.

Um dos frequentadores da Feira do Passeio, expõe esta visão, ponderando apenas o preço, que em seu caso, acaba sendo impeditivo para não poder comprar orgânicos com a frequência que gostaria, porém em relação ao selo de orgânicos ele diz que: *"não olho nada, não olho nada, eu sei que é orgânico [...] preço é meio salgado mas, quando o bolso não dá quando não dá compra"*. Outro habitual comprador de orgânicos coloca que, para ele, olhar na cara do vendedor é a maior das garantias, além do fato de ter proximidade e conhecer todos aqueles que comercializam seus produtos no local, conforme pode ser observado no trecho abaixo:

Eu olho na cara do vendedor, pra mim essa é a garantia, o selo e tal é uma questão burocrática vamo dizer né. Eu conheço da feira de fora da feira, acho que todos as pessoas que vendem aqui então eu confio neles (Antônio, consumidor de orgânicos, entrevista de campo, 2020)

Durante as conversas, algumas pessoas remeteram a outros aspectos no que se refere à certificação orgânica, como a professora universitária Fabíola, que ainda que tenha elevada confiança nos produtores, objeta que há fatores ecológicos inibidores da existência de alimentos cem por cento orgânicos, como colocado por ela, em relação a este tema: *"eu dou cem por cento, noventa e cinco por cento, porque eu não sei, ainda eu sei que não se consegue cem por cento de orgânico tendo em vista do poluição atmosférica, poluição de água."*

Ainda foi lembrado o trabalho dos agentes da Prefeitura de Curitiba, como garantidores da qualidade dos produtos, por uma consumidora que disse *"eu confio na fiscalização"*

aqui do local". No entanto, é possível considerar que, de modo geral, os consumidores da Feira do Passeio se sentem seguros em relação à certificação e qualidade dos orgânicos, como levantado por Denise, ao se referir aos Sistemas Participativos de Garantia de Qualidade Orgânica, e em especial à Rede Ecovida de Agroecologia: *"essa certificação solidária pra gente já é uma grande segurança, eu não compro nada em supermercado"*.

No tópico seguinte, é apresentado, como este espaço que em suas *malhas*, permeiam famílias, trabalho, cooperação, leis e protocolos é visto, por aqueles que "fazem a feira" como gerador de um espaço que cresce e se expande sendo, atualmente, a maior feira orgânica de Curitiba.

2.5.4 A feira que se expande

Tanto os distintos tipos de habilidades que representam o trabalho destes agricultores e feirantes, o engajamento exercido na relação com consumidores, e os préstimos gerados para realização da feira em um espaço agradável, acabaram por gerar o crescimento da feira, que conforme colocado anteriormente, começou na região do Largo da Ordem em Curitiba, com em torno de cinco barracas.

Atualmente, com 22 barracas, a feira faz crescer o entrelaçamento cada vez maior entre diferentes pessoas que lá fazem suas vendas, suas compras ou apenas passeiam pelo local nas manhãs de sábado. Muitos daqueles que vão ao local, todas as semanas, percebem este crescimento, e outros tantos tomam como critério para a ida ao local justamente a variedade de barracas e produtos que a feira oferece.

A feirante Sandra Mara, uma daquelas que está na feira desde o seu início, contou que não imaginava tamanho sucesso que a Feira do Passeio passaria a ter. No começo, o objetivo buscado era o de conseguir o estabelecimento de um ponto de comercialização. A agricultora menciona o recebimento de um prêmio em que ela foi ganhadora, no ano 2000, intitulado "Criatividade da Mulher no Meio Rural", oferecido pela ONU, como uma das forças propuloras para o crescimento da feira.

Ela conta que utilizou as repercussões alcançadas pelo recebimento do prêmio em prol da expansão da feira, a qual menciona ser ponto de venda de produtos que passam pelo *trabalho* de mais de 400 famílias. Em um painel localizado em uma das paredes do restaurante do Sítio Recanto Nativo, chamam a atenção os recortes de jornal orgulhosamente exibidos. Em

reportagem assinada por Dimitri do Valle, o recebimento do prêmio, por Sandra, é retratado sob o título “Produtora Ganha Prêmio da ONU”.

O jornal destaca que Sandra foi a única brasileira, dentre 34 mulheres de todo o mundo, a receber uma medalha e um certificado concedidos às vencedoras do prêmio mencionado acima. Em outro periódico ao mencionar o fato, é ressaltado que Sandra, naquela época aos 38 anos, foi a primeira paranaense a receber a premiação. Os recortes, são assim exibidos em uma das paredes do sítio:

Figura 27-Mural no Sítio Recanto Nativo, 2020



Fonte: Fernanda Yumi (em colaboração), 2020. Mural no Sítio Recanto Nativo

Figura 28-Mural no Sítio Recanto Nativo, 2020



Fonte: Fernanda Yumi (em colaboração), 2020. Mural no Sítio Recanto Nativo

Nessa linha, é novamente percebido o caráter sinérgico do trabalho na feira, onde nota-se que, para que se faça este evento acontecer, o trabalho deve ser coletivo. Dessa forma, contou Sandra sobre suas percepções do crescimento da feira, em que menciona a participação coletiva de inúmeros agentes, como os agricultores, o mercado consumidor e a imprensa:

Eu não esperava tanto sucesso da feira sabe? eu não pensava chegar nesse patamar que tá hoje. Quando a gente iniciou, a gente queria vender nossos produtos né, e daí depois que veio o prêmio da ONU a gente foi onde que deu uma explosão né, na comercialização de orgânico, porque a gente se tornou conhecido por mídia, que foi a mídia dá um trabalho, as vezes, mas também é muito importante na divulgação né. Então a feira se tornou conhecida, porque todo trabalho de mídia que veio pra mim, eu usei pra divulgar a feira, e até hoje eu não faço a minha divulgação sozinha, eu divulgo a feira junto comigo, e trabalho por tudo onde que eu vou falar se eu for numa audiência pública, a feira tá na frente pra mim Pra mim, aquilo ali é um sucesso assim que eu não esperava, do nível que foi, mas graças a Deus eu vejo um mercado muito grande, inclusive eu debato eu defendo ali, tem até envolvido naquela feira do Passeio Público umas quatrocentas famílias que colocam produto ali, é muita mercadoria que tem ali (Sandra Mara, agricultora e feirante, entrevista de campo, 2020)

Na visão de outros feirantes, também aparecem, recorrentemente, as percepções a respeito do crescimento da feira com o decorrer dos anos. Uma dos principais fatores que são

apontados para a expansão, não apenas da feira orgânica mas de todo o mercado que a envolve é o aumento da atenção por parte dos consumidores para os problemas de saúde, causados pela alimentação carregada de agrotóxicos e a decorrente imposição pela busca de alternativas alimentares.

Além do trabalho de divulgação, conforme colocado por Sandra, Bruno Tavares coloca, a “saída” de produtos orgânicos vem aumentando em conformidade com a ampliação da ressonância que este tipo de mercado conquistou gradativamente nas últimas décadas.

Assim comentou o feirante, mencionando o grande quantidade de doenças advindas em decorrência deste tipo de contaminação durante o ato de se alimentar e a consequente procura por produtos vistos como saudáveis, pelos compradores:

Ah, tá evoluindo né, evoluiu bastante, antigamente orgânicos nem eram conhecido né, quase ninguém falava de orgânico, se falasse ninguém sabia o que que era, agora tem bastante saída [ADRIANO: cresceu muito] muita doença né, aí as pessoas começam a procurar mais produtos saudável, eu acho que a tendência é crescer mais ainda (*Bruno Tavares, agricultor e feirante, entrevista de campo, 2020*)

Nota-se que o fato da feira ter crescido tanto passou ele mesmo a constituir um motivo que, em suma, funciona para que ela se expanda ainda mais. Na voz de consumidores que participaram da pesquisa, foi mencionado o tamanho da feira como um dos motivos para a escolha da Feira do Passeio como local para fazer as suas compras.

Acerca disso, uma das frequentadoras que, há mais de uma década tem o hábito de ir à Feira do Passeio, aos sábados, cita o *número de agricultores* que lá estão, o que gera, segundo a compradora, a *possibilidade variação* ou *um leque de opções*, reflexos deste crescimento da feira orgânica:

O número de agricultores que tem aqui e a possibilidade de variação, então você tem um leque de opções aqui, é com vários agricultores e você pode fazer opção o que um não tem o outro vai ter entendeu? e a gente vai adicionando as coisas na na cesta da gente de acordo com o que cada um tenha com a opção que a gente pode fazer (*Júlia, consumidora de orgânicos, entrevista de campo, 2020*)

Outra interlocutora, assim comentou sobre este fato, acrescentando a motivação dela ser realizada aos sábados: “*é porque ela é a maior né foi isso que me fez escolher ela ela é maior ela é no sábado isso facilitou bastante*” (*Fabiola, entrevista de campo, 2020*).

Desse modo, é possível reparar para alguns dos aspectos que retroalimentam o crescimento da Feira do Passeio, que remeterão a existência de uma economia dos orgânicos, tema

do próximo capítulo desta dissertação, que enfatizara aspectos relacionados ao consumo e ao mercado de orgânicos, suas motivações envolvidas, como a busca pela saúde, o apoio à pequena agricultura, características próprias e peculiaridades, com é o caso das vendas pela internet, através de redes sociais, *sites* e aplicativos, nas vozes dos consumidores e feirantes da Feira do Passeio.

* * *

CAPÍTULO III – A ECONOMIA DOS ORGÂNICOS EM CURITIBA: UM OLHAR SOBRE O CONSUMO A PARTIR DA FEIRA ORGÂNICA DO PASSEIO PÚBLICO

No terceiro capítulo, o enfoque adotado direciona-se aos aspectos relacionados à formação de uma Economia dos orgânicos em Curitiba. Para isso, em um primeiro momento são apresentadas breves considerações sobre a Antropologia do Consumo, a partir de Mary Douglas (1990). A autora pensa os bens de consumo como emissores de mensagens, que refletem divisões reais das sociedades. Estas divisões, conceituadas como *status*, refletem em diferentes hábitos na aquisição de bens, por distintos grupos sociais.

Adota-se esta perspectiva com o objetivo de refletir sobre o perfil dos consumidores de orgânicos da Feira Orgânica do Passeio Público, suas motivações, anseios e possibilidades em meio a economia dos orgânicos.

Ainda de modo a localizar, teoricamente, esta pesquisa no meio das produções sobre as formas alternativas de consumo alimentar no Brasil, parte-se para o segundo tópico do capítulo, onde são propostas considerações sobre o consumo de orgânicos no país. Propõe-se pensar no ato de consumir orgânicos, com enfoque nos consumidores deste gênero de produtos, com base em duas conceituações, elaboradas por Portilho (2009): a *politização* e a *ambientalização* do consumo alimentar, por estes grupos.

Para a autora, entre esses consumidores, ocorre certa coincidência de valores, fazendo com que o ato de consumir, atualmente, seja percebido como uma das formas de ação política. Esta ação seria, nesse sentido, fortemente direcionada por preocupações com o meio ambiente. Assim como percebido no contexto etnográfico analisado por Portilho, foi possível notar para diversas correspondências, durante pesquisa de campo na Feira do Passeio, inspirando assim a escrita destas reflexões.

Na sequência, apresenta-se algumas das orientações que serão utilizadas nas exposições etnográficas que serão expostas subsequentemente, são desenvolvidas considerações acerca das tendências do consumo de orgânicos no Brasil.

Inicialmente, propostos por Barbosa (2009) e aqui sustentados por Anjos e Martil (2020) e Guilherme (2016), são enunciadas as tendências à *cientificação do comer*, à *saudabilidade*, à *valorização da origem* e à *gastronomização do comer*. Estas tendências em diante aprofundadas, foram consideradas complementares, não apenas com os cenários observados

em campo, mas também com as proposições acima colocadas, de *politização* e *ambientalização* do consumo de orgânicos, sendo por estas razões, estabelecidas como elementos de sustentação do capítulo e das descrições da Economia dos orgânicos em Curitiba.

Entrando em meio ao cenário da Feira Orgânica do Passeio Público, propõe-se uma conversa com os consumidores entrevistados no local, debatendo suas percepções sobre temas relativos à economia orgânica e suas participações em meio a ela. Em um primeiro segmento desta conversa é dada atenção às motivações para o consumo de orgânicos pelos frequentadores da feira, sob o título “Promoção da saúde e evitação das doenças entre os frequentadores da Feira do Passeio”.

O par binário se sobressaiu-se como principal argumento na a decisão para a compra de alimentos orgânicos, ainda que seja sobreposto por outras intencionalidades que influem nesta escolha. Entre elas, enfatiza-se o convívio com os feirantes, o apoio a produtores locais, a percepção de um sabor mais agradável, um sentido mais justo para a ação de compras, dentre outras relatadas adiante.

Na sequência, em tópico intitulado “Perspectivas de futuro dos orgânicos pelos consumidores da Feira do Passeio”, é apresentado um panorama livre, obtido das conversas com os interlocutores, como estes consumidores imaginam como focos passíveis de melhorias na economia dos orgânicos.

Corroborando com a perspectiva de Portilho (2009) que apesar de notar um consumo politizado nos círculos pesquisados, como em diferentes feiras orgânicas, há entre compradores a percepção dos limites deste tipo de atuação via consumo e da primordialidade de outras agências para a expansão e melhoramento deste mercado. Nesse âmbito são recorrentemente mencionadas atuações do Estado, como os elos entre agricultura e educação, a isenção de impostos, um maior controle nas aplicações de agrotóxicos e a realização de campanhas de conscientização dos riscos da ingestão deste tipo de contaminantes.

Em um último momento, as relações de consumo na economia dos orgânicos, são abordadas sob a ótica das vendas realizadas através da *internet*. Neste caso, partindo das opiniões de produtores e consumidores, busca-se entender como a feira vêm também sendo construída por este meio, a partir de seus usos e não usos. Este tipo de vendas passou a ganhar maior protagonismo com o advento da pandemia de covid-19, se tornando uma alternativa importante, tanto para quem vende quando para quem compra orgânicos. Durante o ano de 2020 muitos feirantes deixaram de fazer a feira, presencialmente, por meses, bem como a circula-

ção de compradores também diminuiu, expandindo as formas de comercialização de orgânicos, feita *online*.

3.1 BREVES CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ANTROPOLOGIA DO CONSUMO

O estudo acerca da temática do consumo vêm se constituindo na Antropologia e nas Ciências Sociais, a partir de diversas posições teóricas, que serão brevemente lembradas neste tópico. Em “O Mundo dos Bens”, Douglas (1990) trata a respeito da força comunicacional emitida pelos bens. A autora ressalta que estes bens, emitem mensagens, as quais denotam a condição hierárquica os quais estão inseridos. A respeito destas hierarquias, mostra-se que acabam por representar vantagens cotidianas nas vidas daqueles que podem usufruir determinado bem em relação àqueles que são despossuídos destes itens.

Desse modo, remete-se ao que Douglas colocaria a respeito das mercadorias e seu paralelo com o funcionamento das sociedades, sendo assim as atividades de consumo, são consideradas como atividades sociais. (DOUGLAS, 1990). Esta asserção assim é trazida pela autora: *Consideramos que las actividades de consumo son siempre actividades sociales. Parece-ria entonces que la clave para encontrar divisiones reales entre las mercancías debe hallarse en el trazado de algunas divisiones fundamentales en la sociedad.* (DOUGLAS, 1990, p.113). A proposta levantada pela autora, coloca o campo do consumo como um “sistema para o intercâmbio e controle da informação”. (DOUGLAS, 1990, p.133). Neste sistema, aqueles que possuem menos acesso às chamadas “tecnologias de informação”, acabam por estar em posição de desvantagem em relação aos mais bem informados.

Estas divisões, representadas por ela como diferentes *status*, refletoras de gradações de consumo, se dão através de características específicas na maneira de consumir de cada grupo. Douglas (1990) levanta alguns destes atributos que retratam a materialização das hierarquias relativas ao consumo. Um destes, trata da *qualidade* de mercadorias consumidas por diferentes grupos sociais que “*en nuestra experiencia con las mercancías, la periodicidad en el consumo utiliza jerarquías marcadas y crea mercancías de calidad*” (DOUGLAS, 1990, p.133). Na sequência, Douglas exemplifica, colocando:

Generalmente todas las casas tienen cama, pero hay camas de muy diversas calidades; el pan es un artículo básico para todos, pero consecuencia de las elasticidades en el ingreso existen panes de lujo – e incluso papas de lujo -. (DOUGLAS, 1990, p.133)

Mais adiante, serão tratadas etnograficamente, como estas hierarquizações, reiteradamente, surgem no mercado de orgânicos para fazer pensar neste tipo de consumo, que, traz consigo, reflexos das marcas de hierarquia. O consumidor de orgânicos, faz possível refletir sobre asserção apresentada acima, de Douglas (1990), acerca da qualidade dos produtos consumidos. Conforme certas tendências colocadas por uma gama de autores como Portilho (2005) e Guilherme (2006) mostram que não apenas comprar alimentos querem os consumidores de orgânicos. Guilherme (2006) apresenta questões comuns a eles, como: saber a “genealogia” dos ingredientes, de onde eles advêm? como são preparados? quem são os produtores?

A respeito dessas intencionalidades, remete-se novamente a Douglas (1990) para pensar que *generalmente todas las casas tienen cama, pero hay camas de muy diversas calidades*. Se há uma característica que engloba os consumidores de orgânicos é relacionada com a convicção de que estão consumindo um produto de maior qualidade, ainda que muitas das vezes sejam itens básicos ao cotidiano, como os insumos para alimentação. Diante disso, parte-se para a constatação observada em campo de que tal possibilidade de reivindicar uma “melhor qualidade” nos produtos consumidos não se relaciona ao desejo de se diferenciar como no caso do consumo de produtos de luxo, que busca gerar distinções através desse modo de consumo.

Os consumidores entrevistados usualmente tratam o seu ato de consumir aquelas mercadorias como um meio de contribuir para causas como a agricultura familiar orgânica, os pequenos produtores, a sustentabilidade, a alimentação saudável dentre outras, o que no entanto, não deixa de exprimir, nesses atos, nos termos de Douglas (1990) certas *marcas de jerarquia*. Dessa maneira, remete-se à relação tratada por Douglas de que “*Pero no es fácil separar de las marcas de rango su eficiencia práctica*” (DOUGLAS, 1990, p. 133).

As marcas, neste caso, como será exposto mais adiante, se referem a vantagens como maior escolarização, interseccionada com uma maior renda, possibilitando a entrada e participação desses consumidores em um universo em há que as preocupações transpassam o mero ato de se alimentar. Na prática, tais marcas refletem-se nos atos de consumir os produtos como os orgânicos, conforme será retomado na sequência.

3.2 CONSIDERAÇÕES ACERCA DO CONSUMO DE ORGÂNICOS: AMBIENTALIZAÇÃO E POLITIZAÇÃO

Trazidas estas considerações mais abrangentes a respeito do tema do consumo e sua inserção na Antropologia, cabe mencionar brevemente como o mercado dos orgânicos, especificamente, vem sendo abordado a partir de trabalhos recentes que versam sobre esta temática. De modo a organizar este tópico, as ideias serão apresentadas a partir de alguns motes comuns entre eles, os quais tratam de fundamentos que envolvem as relações de consumo orgânico, em contextos brasileiros.

Em Portilho (2008), são destacados dois destes sentidos, comumente aplicados ao ato de consumir produtos orgânicos: a *ambientalização* e a *politização* do consumo. A autora coloca que, estes fenômenos operam como elementos constituintes da emergência do sujeito que chama de “consumidor responsável”, que considera o consumo enquanto esfera de exercício de certos deveres e responsabilidades (PORTILHO, 2008).

Para Portilho (2008), este consumidor traduz o ato de consumir enquanto forma de exercício de sua ação política, sem estar necessariamente vinculado a algum tipo de movimento político organizado. Desse modo, deve ser destacado que embora não constituam, necessariamente, um grupo homogeneamente congregado em torno de uma associação, movimento social ou outro tipo de comunidade presente na sociedade civil, há certa coincidência de valores dentre esses consumidores, como observado em etnografia realizada em feira orgânica da cidade do Rio de Janeiro, colocando que:

Afinal, mesmo não sendo possível considerá-los como um grupo social organizado, os consumidores pesquisados compartilham um conjunto de discursos, práticas, habilidades e cosmovisões relacionadas a um determinado estilo de vida, um modo de habitar o mundo e uma determinada forma de apropriação de recursos naturais. (PORTILHO, 2008, p.3)

A autora coloca que, esses dois processos estão intrinsecamente relacionados e surgiram em meados da década de 1990, com a mudança dos discursos de crítica da esfera da produção para o campo do consumo. Assim sendo, com alicerce na pauta ambiental e seus efeitos e reverberações, deu-se a expansão de uma nova forma de “fazer política”, baseada em responsabilidades com o meio ambiente. Estes consumidores, não apenas tem uma preocupação com aspectos individuais, como a sua saúde, a evitação da ingestão de agrotóxicos, como con-

cebem o consumo como meio de agir politicamente em prol de uma causa ambiental e de uma agricultura levada a cabo por pequenos agricultores. (BARBOSA, 2009) (PORTILHO, 2008).

Ainda que não constituam um único bloco entre si, estes consumidores tomam para si este tipo de alimentação e outros usos dos orgânicos como uma *ideologia alimentar*, assim conceituada por Portilho (2008):

A opção pela alimentação orgânica será considerada aqui como uma ideologia alimentar que faz parte da conformação de sentimentos de pertencimento de seus adeptos a uma comunidade “imaginária” que adota um determinado estilo de vida e expressa dessa forma suas identidades, seus valores, suas utopias e seus modos de habitar o mundo. (PORTILHO, 2008, p.6)

Apresentados, estes conceitos, serão levantadas, na sequência, considerações sobre algumas tendências, significativas para a reflexão acerca dos hábitos de consumo de orgânicos no Brasil, em especial o realizado nas feiras orgânicas de diferentes cidades. A partir de análises do trabalho de Barbosa (2009), realizadas por Guilherme (2016) e por Anjos e Martil (2020), são utilizadas as propostas da *cientificação do comer*, da *saudabilidade*, da *valorização da origem* e da *gastronomização*, que levantam algumas das especificidades deste tipo de consumo, no país.

3.3 CONSIDERAÇÕES ACERCA DAS TENDÊNCIAS DO CONSUMO DE ORGÂNICOS NO BRASIL

Depreende-se dessa forma de consumo, politicamente engajado em prol de causas, como as ambientais, algumas características específicas, observadas por Guilherme (2016) em pesquisa nas feiras orgânicas no Rio de Janeiro e Anjos; Martil (2020) em feiras ecológicas da cidade de Porto Alegre, utilizando leituras de Barbosa (2009). Tais particularidades vem sendo notadas em diferentes contextos que envolvem a comercialização de orgânicos, no Brasil, principalmente através das feiras, que progressivamente vêm ganhando espaço como espaços significativos de consumo de alimentos livres de agrotóxicos.

A primeira, destas, é concebida como uma *cientificação do comer*, que seria fruto da influência da ciência moderna no ato de se alimentar. Nesse âmbito a denominada *medicalização* seria um dos atributos e “os alimentos são percebidos como instrumentos de promoção da

saúde ou da doença” (ANJOS; MARTIL, p.187, 2020). As percepções sobre a saúde e a doenças são recorrentes nas conversas com os consumidores e feirantes no Passeio Público, sendo comum a referência a evitação da alimentação chamada comumente de “envenenada” ou de alimentos “cheios de veneno” com a opção pelos orgânicos representando a possibilidade de uma vida com mais saúde para aqueles que se alimentem com os produtos comprados na feira.

Intrinsecamente entrelaçada este atributo, destaca-se outra qualidade observada nos espaços de consumo de produtos orgânicos, a *saudabilidade*. (ANJOS; MARTIL, 2020) (GUILHERME, 2016) (BARBOSA, 2009). A *saudabilidade*, além de estar ligada à *medicalização*, teria caráter mais amplo, conforme colocado por Anjos e Martil (2020) ao demonstrar que para além das preocupações estritamente ligadas à saúde ou a promoção do bem-estar individual, surge o interesse por outras questões, como o modo de produção dos alimentos. Algumas dessas inquietações são assim elencadas:

[...] as condições técnicas de produção, incluindo o respeito aos imperativos da sustentabilidade do ponto de vista ambiental e social, bem como o sabor natural dos alimentos em detrimento do uso de aditivos, colorantes, estabilizantes e conservantes usados nos produtos industrializados. (ANJOS; MARTIL, 2020, p. 187)

Conforme será abordado adiante, é comum notar nas falas dos interlocutores, a consonância das razões envolvendo o autocuidado e a evitação de possíveis doenças decorrentes do contato com os agrotóxicos com o apoio aos pequenos agricultores e o melhor sabor e qualidade dos alimentos orgânicos, fundamentos essenciais das tendências à cientificação do comer e da saudabilidade

Em diversas oportunidades são remetidas as adesões à economia dos orgânicos com referências ao “apoio a uma economia solidária”, ao ato de “comprar direto do produtor” ou “ir na contramão do fluxo de mercado” como algumas das referências aos aspectos levados em conta para que o consumidor opte por fazer suas compras em feiras, como a do Passeio Público. Em vista disso, segue-se para o que Barbosa (2009) chamou de *valorização da origem*. Em relação a este fenômeno, Guilherme assim expressou: “A origem dos produtos pode ter três significados distintos: origem como fruição, origem como politização do mercado e origem como rastreabilidade.” (GUILHERME, 2016, p. 100).

A autora se refere a estes significados, respectivamente, como uma valorização a transformação do ato de consumir em uma experiência, na combinação entre maior qualidade e a

retribuição adequada pelo trabalho dos produtores, além da rastreabilidade, percebida como medida de adequação aos parâmetros de segurança alimentar. (BARBOSA, 2009) (GUILHERME, 2016). A respeito da *valorização da origem*, que deve ser recompensada com o pagamento de um valor justo pelos produtos, lembra-se das *marcas de jerarquia* levantadas por Douglas (1990) que mostram que os bens consumidos operam como ferramentas comunicacionais e meios de transmissão de significados daqueles que as operam.

Em tal caso, como ocorre também na Feira do Passeio, é possível de refletir sobre quais sujeitos conseguem “colocar na balança” na hora de fazer a feira, a decisão por pagar certa quantia a mais em determinados produtos, em prol da qualidade e da valorização do trabalho dos produtores. O cruzamento entre alta escolaridade, como elemento facilitador para a participação em discussões críticas acerca dos modos de produção, dos contaminantes e em prol de formas de consumo consideradas mais justas, aliada a disponibilidade de renda mais elevada, possibilita que haja um menor impacto do fator preço na escolha de quais alimentos e onde serão comprados por determinado consumidor, de acordo com o grau em que se posicionam estas características.

Nessa esteira, levanta-se a preocupação destes consumidores, ainda no que se refere à *valorização da origem* dos alimentos, alguns elementos relativos a esta tendência, descritos por Anjos; Martil (2020), como o conhecimento da procedência geográfica das mercadorias e das transformações pela qual estas passaram, antes de serem comercializadas, conforme expresso:

A questão da origem passa a ser valorizada como atributo atinente aos produtos frescos (*in natura*), mas também àqueles oriundos de processos de transformação, como no caso de indicações geográficas (denominações de origem e indicações de procedência) de vinhos, queijos e uma plêiade de alimentos portadores do que se convencionou chamar “signos distintivos de qualidade”. (ANJOS; MARTIL, 2020, p. 188)

Estes consumidores, atentos aos “signos distintivos de qualidade”, buscam viver o ato alimentar de maneira a não importarem apenas com as qualidades nutricionais, que para eles não deixam de ser essenciais, mas ao frequentarem espaços como as feiras orgânicas, procuram os alimentos em comida, atentando para as texturas, cores e aromas, conformando a *gastronomização do comer*. (BARBOSA, 2009) (GUILHERME, 2016). Neste âmbito, acrescenta-se a percepção de Anjos e Martil (2020) de que há uma passagem da alimentação de ato banal e rotineiro, em uma experiência que são destacáveis tradições, saberes e sabores.

Desse modo, relata-se algumas percepções acerca dos consumidores de orgânicos. Nas feiras orgânicas acabam surgindo como prioridades, a preocupação política com as formas de produção, com o meio ambiente, com a própria saúde e de suas famílias, a sustentabilidade e a alimentação enquanto ato de prazer como elementos que orientam as preferências daqueles que frequentam o local. Cabe ressaltar, que para dar conta destes hábitos, a depender da renda e disponibilidade de tempo do frequentador, são necessários arranjos na economia doméstica, como a mescla entre a compra de produtos orgânicos e não orgânicos, bem como as compras feitas não apenas em feiras, mas em outros espaços como os supermercados. Estas situações são mostradas a partir do tópico seguinte, com a descrição de como a economia dos orgânicos passa pela Feira Orgânica do Passeio Público.

3.4 PROMOÇÃO DA SAÚDE E EVITAÇÃO DAS DOENÇAS ENTRE OS FREQUENTADORES DA FEIRA DO PASSEIO PÚBLICO

Quando realizado o período de campo desta pesquisa, a primeira das questões, escolhida para ser feita aos consumidores, enfatizava em saber o que os motiva a ir semanalmente à Feira do Passeio para comprar produtos orgânicos. Ainda que tenham ocorrido inúmeras menções a questões relacionadas ao modo de produção e ao meio ambiente, foi possível notar que se destaca para a decisão pela compra de orgânicos, a importância dada para o par binário “promoção da saúde e evitação das doenças”.

Em quase todas as conversas, quando colocada esta indagação, os frequentadores remetiam à saúde e derivações, como “produtos saudáveis”, “não ter problemas de saúde” ou “oferecer uma saúde melhor ao filho”. Estas afirmativas apareciam contrapostas a certeza da não ingestão do “veneno transgênico” ou de “não envenenar o meio ambiente” dentre outras variações.

Ainda no primeiro dia após o retorno ao campo, em outubro de 2020, ocorreu a oportunidade de conversar com um antigo frequentador da Feira do Passeio, que estava fazendo suas compras na barraca da Escher Orgânicos, uma das famílias que constitui a feira. Aquele senhor alemão e professor aposentado, não deixa de ir a feira para fazer suas compras aos sábados, local este que não apenas considera apenas como um ponto para compra de seus alimentos e outros itens, mas como um espaço para encontrar amigos. Assim sendo, soma-se a

sua preocupação de vida, em ter uma alimentação mais saudável, com as trocas recíprocas com outros indivíduos que compartilham destes valores.

Desta maneira, contou, Seu Conrado, sobre suas idas à feira, a escolha pelo consumo de produtos mais saudáveis e coloridos, além do aspecto de socialização que a Feira do Passeio remete, quando perguntado sobre o que mais gosta na feira: *“o contato com os vendedores e a oferta é sempre um prazer para mim ver todos esses produtos saudáveis e muito coloridos e eu sempre encontro amigos aqui falo umas poucas palavras com eles e eu gosto muito desses sábados aqui na feira orgânica”* (Seu Conrado, consumidor de orgânicos entrevista de campo, 2020).

A respeito do consumo de produtos orgânicos, sua fala discorre no sentido mencionado anteriormente, ressaltando sua contrariedade aos “envenenamento” do meio ambiente causado pelos agrotóxicos, aliada a preservação da sua saúde individual. Sobre isso, assim contou Conrado:

São duas razões, dois motivos: primeiro meio ambiente eu não gosto do meio ambiente sendo envenenado e o segundo a minha saúde eu fiz aprendizagem na minha juventude numa fazenda orgânica na Bavária e desde então eu predominantemente consumo produtos orgânicos (Seu Conrado, consumidor de orgânicos, entrevista de campo, 2020).

Com a continuidade das conversas e das idas à feira, repetiam-se as referências à preservação da saúde individual e da família, aliadas aos argumentos levantados em Portilho (2009), que definia o ambiente por onde passa a economia dos orgânicos como caracterizado por sujeitos politicamente engajados em prol de um modelo de consumo, tratado como uma “causa”, para além do caráter nutricional oferecido pelos alimentos.

Nessa direção, salienta-se que, geralmente, estes consumidores percebem o consumo orgânico como meio para se contraporem a um modelo de agricultura convencional, através de hábitos cotidianos. Para isso, alia-se o conhecimento prévio de determinadas pautas, facilitadas pelo nível de formação elevado, constatado, no caso da Feira do Passeio, onde as ao perguntar aos frequentadores a respeito de sua profissão, foram recebidas respostas que levam a perceber que dentre aqueles que vão à feira, majoritariamente nota-se indivíduos com, no mínimo, o ensino superior em curso ou completo.

Um desses consumidores era Ronaldo, com quem foi possível conversar em um dos sábados na feira. O comprador, de 49 anos, remete por vezes ao par, saúde e doença e suas va-

riações. Nessa perspectiva, menciona as relações entre *consumir agrotóxicos* e *ficar doente*, a ação do sistema capitalista e o prejuízo na vida dos indivíduos, ao consumo de orgânicos para ter qualidade de vida e da prática de empresas que venderiam agrotóxicos e na sequência, o tratamento do câncer (causado pela sua ingestão). Como argumento principal, Ronaldo caracteriza seu ato de consumo de orgânicos como um investimento em sua saúde, postura assim por ele narrada:

Olha, eu acho assim que é um investimento na minha saúde, porque tá muito ligado assim a você consumir, você que é inteligente deve saber disso também, você consumir produtos com agrotóxicos e depois ficar doente. Depois no final né porque é uma ideia do sistema capitalista você se ferrar né, então a ideia é você consumir pra você ter uma melhor qualidade de vida, não ter problema de saúde e etcetera entendeu? então é muita maldade você comer esses produtos cheios de agrotóxico. Então o sistema capitalista te empurra então é o mesmo grupo de empresas lá nos Estados Unidos e na Alemanha que te vende os agrotóxicos, depois te vende o tratamento do câncer, por exemplo, entendeu é um absurdo isso (Ronaldo, consumidor de orgânicos, entrevista de campo, 2020)

A narrativa de Ronaldo, remete precisamente, à proposta de Portilho (2008), quando a autora se refere ao “consumidor responsável”, que ao realizar seus atos de consumo, orientados politicamente, ponderam uma cadeia de fatores, para evitar outras maneiras de consumir por estas estarem imbuídas de certos riscos, nas esferas da saúde, ambientais e sociais. (PORTILHO, 2008).

De maneira semelhante ao que fora relatado por Conrado, a escolha específica pela compra deste gênero de produtos, na Feira do Passeio, por Ronaldo, leva em consideração o universo em que a feira se insere. Para ele, o convívio entre consumidores e entre consumidores e produtores também é agradável, levantando que os feirantes são “*bem legais*” e os clientes são “*de boa*” e que indo à feira, se sente em uma “*grande família*”

Nessa linha, ao mesmo tempo em que os consumidores da Feira do Passeio se motivam para participarem deste tipo de mercado, por razões que se ligam ao par “promoção da saúde e a evitação das doenças”, mencionam outras direções por onde passam o consumo orgânico. Estes consumidores, direcionados politicamente em prol do modelo da produção orgânica, frequentemente remetem a preocupação que tem com *quem produz* a comida que vai para o seu prato.

A causa levada a cabo através do consumo, não apenas traria benefícios para quem compra os produtos, através da ingestão de alimentos mais saudáveis, mas daria um sentido *mais justo* para ação de comprar estes insumos do dia a dia, contribuindo para fortalecer a

chamada por eles, de pequena agricultura, dos produtores locais, de economia solidária ou agricultura familiar. Um desses compradores é Lucas, jovem de 24 e estudante, que em um dos sábados, estava sentado à beira de um dos lagos do Passeio Público, local onde aproveita para apreciar o movimento da feira, motivo este que o faz gostar de fazer suas compras naquele espaço.

Sobre a compra feita, diretamente, de “*produtores locais*”, Lucas remete ao contraste entre o modelo de produção do agronegócio, que chama de “*predatório*” e a “*produção local*” que para ele, realiza um trabalho de “*resgate de culturas nativas*”. E desse modo, narrou sua opção pela compra de alimentos orgânicos, na Feira do Passeio, mencionando como razão principal:

Ajudar os produtores locais, seria essa acho que a ideia principal, a gente não sustentar um modelo de agronegócio que é predatório... e... eu ajudar os produtores locais que tão com esse resgate da das culturas nativas, de frutas nativas, ehh um controle de qualidade maior, é um comprometimento maior, então resumidamente isso [...] (Lucas, consumidor de orgânicos, entrevista de campo, 2020)

A respeito destes quesitos, é justo pensar a respeito da valorização dos saberes e conhecimentos levados adiante pelos produtores rurais, que funcionam como uma motivação para os compradores optarem por uma forma de comercialização que traz como uma das suas prioridades a relação direta entre produtores e consumidores. Mesmo que possam comprar orgânicos em redes de supermercados, estas pessoas primam, no ato de adquirir alimentos e outros itens, pela troca de informações a respeito da origem, do trabalho envolvido nestas produções e da aquisição de itens mais saudáveis. (GUILHERME, 2016).

Além disso, o modo em que operam as feiras refletem uma diferença relevante entre o comércio na rua, em que há o contato direto entre produtores e consumidores, o trânsito ao ar livre e as paisagens das ruas, praças ou parques, com espaços de comercialização ao estilo dos supermercados, em que impera uma relação de impessoalidade e objetividade entre quem compra e quem vende as mercadorias.

Nessa perspectiva, ressalta-se nas palavras de Lucas, menção a um tipo de comportamento diferenciador do comércio das feiras em relação às grandes redes supermercadistas, a possibilidade de observar o trânsito de pessoas, ou como colocado pelo frequentador, “*ver o movimento de pessoas comprar comida*”. Essa dinâmica, apresenta um acréscimo na gama de cenários trazidos pelos interlocutores a respeito das especificidades do comércio realizado na feira.

Sobre isso, além das menções ao convívio e contato com os feirantes, valoriza a oportunidade de ter um momento durante a semana em que vão à feira para “*buscarem autoconhecimento*”, “*se cuidarem melhor*” e “*cuidarem melhor da saúde*”. Essas perspectivas, trazidas por Lucas, ampliam o espectro a respeito da temática da saúde, através de variações no que se refere ao que os consumidores pensam sobre isso.

O estudante de engenharia, levanta que a alimentação seria, para ele, “*forma preventiva de saúde*”, apresentando uma correlação entre o ato de ir a um ambiente como a Feira do Passeio, ou “*ir e vir comprar comida*”, como parte do processo de ter saúde, para além do ato alimentar, em si, conforme expresso por ele, quando responde sobre o que mais aprecia na feira:

Olha, um conjunto de coisas, não só ter certeza de que vai que eu vou achar comida de qualidade, mas ver as pessoas eu acho que é interessante você ver o movimento de ir e vir das pessoas pra comprar comida, que é uma coisa que culturalmente eu acho que a gente perdeu bastante na segunda metade do século vinte pra cá, tamo nesse processo ainda, Então é legal você é interessante você ver o processo das pessoas buscarem autoconhecimento e e se cuidarem melhor, cuidarem melhor da saúde, assim eu acho que é faz sentido essa vida loca, essa vida que a gente viva a alimentação é forma preventiva de saúde então eu gosto desse ambiente (Luan, consumidor de orgânicos, entrevista de campo, 2020)

Outros consumidores, além de mencionarem variações dentro do par “promoção de saúde e evitação das doenças”, reiteraram o desejo em colaborar com uma economia da qual consideram mais interessante de se participar, mencionando por diversas vezes a compra de orgânicos como possibilidade contraposta à compra de produtos advindos do agronegócio. Assim como levantado por autoras como Portilho (2009), Guilherme (2016) e Anjos e Martil (2020) a busca pela saúde não se encerra no alcance conseguido pela saúde individual, mas almeja uma “cura” do planeta ou como colocado por Guilherme (2016), como vontade de transformação social.

Esta cura passaria pelo incentivo ao trabalho dos agricultores, em um modo de consumo exercido como forma de fazer política. Assim como trazido por Lucas, que prefere realizar suas compras de alimentos orgânicos na Feira do Passeio para “*ajudar os produtores locais*”, e “*não sustentar um modelo de agronegócio que é predatório*”, outros consumidores também levantaram a dicotomia entre as produções pequenas/locais/saudáveis e as grandes/monopolistas/envenenadas.

Um deles é o músico e professor Ricardo, de 47 anos, que traz como uma de suas motivações, apoiar o que chama de “*economia solidária*”. A fala de Ricardo apresenta algumas das variações acerca da temática da saúde e do trabalho. O músico, assim como Lucas, que havia mencionado um *modelo predatório* para caracterizar o pólo negativo do mercado alimentar, comenta sobre a vantagem de participar dessa economia, em contraposição ao que chama de “*fluxo de mercado*”.

Dessa forma, apresenta um somatório de causas que o fazem optar pelos orgânicos: uma delas política, ligada ao apoio ao trabalho dos agricultores, através da compra direta e o fato de “*não ter veneno nas comidas*”. O consumidor, assim colocou sobre sua opção pelos alimentos orgânicos:

O fato de a gente tá contribuindo com uma economia solidária, são vários fatores não ter veneno nas comidas de ir na contramão desse, desse fluxo de mercado que impõe pra gente um monte de porcaria e aqui a gente tá comprando direto do produtor, a gente vê a mão toda calejada os agricultores te oferecendo te entregando a comida (Rodrigo, consumidor de orgânicos, entrevista de campo, 2020)

A recorrência deste tipo de narrativa na Feira do Passeio, remete ao que Portilho (2008) comenta a respeito das percepções dos consumidores em relação ao que sentem em relação ao exercício da cidadania e da inserção em uma comunidade. Para a autora, esta condição de “se sentir” na comunidade faz com que haja um incremento na força empenhada por eles em prol do meio ambiente. E justamente em relação a esta posição *ambientalizada*, cabe mencionar para algumas menções dos frequentadores da Feira do Passeio sobre seus hábitos, que levam em consideração as ações da natureza e seus ciclos.

Mostram-se bem apuradas as noções que ajustam as necessidades de consumo com o respeito à dinâmicas geográficas e climáticas, como o que Rodrigo chama de “*ciclo da natureza*”. Esta percepção é apresentada pelo frequentador, que salienta para a diferença entre consumo de alimentos em supermercados, onde é possível notar para uma constância na oferta da maioria dos produtos e a feira, espaço em que para ele, “*a gente compra o que tá sendo produzido na estação, sem forçar a barra pra cima da natureza*”.

Desse modo, o consumidor soma mais uma conexão ao que fora mencionado a respeito das motivações para o consumo dos orgânicos, se somando às preocupações com saúde individual tal qual com as condições de trabalho dos agricultores e a possibilidade de compra direta. Sobre as dinâmicas de oferta dos produtos da Feira do Passeio, assim colocou Ricardo:

Os produtos eles [não] são diferentes do do que você encontra no mercado, eles tem que obedecer uma... é eles seguem o fluxo é o ciclo da natureza, então tem produtos do inverno das estações né e a gente compra o que tá na o que tá sendo produzido na estação sem forçar a barra em cima da natureza (Ricardo, consumidor de orgânicos, entrevista de campo, 2020)

Outras referências a este tipo de diferenciação, entre as formas de comercialização orgânicas, como a realizada na Feira do Passeio e a vendas feitas em supermercados remetem, frequentemente, a oportunidade de realizar a compra direta dos produtores. Um dos consumidores que menciona estas perspectivas é Valmir, médico de 63 anos, que em um dos dias de feira aceitou conversar sobre produtos orgânicos e compras em feiras.

Assim como trazido por Lucas e Ricardo que falaram, respectivamente, sobre “*ajudar os produtores locais*” e “*tá comprando direto do produtor*”, Valmir lembrou que o apoio dado aos produtores ocorre pelo fato de o comércio na feira operar em um sistema que “*não tem intermediários*” e que “*fortalece a agricultura familiar*”.

Logo, nota-se a recorrência nas menções por consumidores acerca das intencionalidades de se realizar um consumo com intencionalidades políticas, que concomitantemente é considerado como benéfico para a saúde. O consumidor acrescenta ainda que há uma diferença benéfica em relação ao sabor dos alimentos. Segundo o ele, a escolha pelos orgânicos passa por “*duas vertentes*”, que somam, em suas palavras, “*uma questão de saúde, sabor e uma questão política*”. Desse modo, levantou o médico, a respeito do que o motiva a adquirir produtos orgânicos na Feira do Passeio:

Olha, eles são mais saudáveis e mais saborosos, não tem intermediários, eles são direto do produtor, você fortalece a agricultura familiar, o pequeno produtor acho que tem todo uma questão de saúde, sabor e tal. E tem uma questão política, são duas, duas vertentes que incidem (Valmir, consumidor de orgânicos, entrevista de campo, 2020)

A referência de Valmir ao que chama de “*questão de saúde, sabor*”, faz possível conversar com o que Guilherme (2016) e Barbosa (2009) propõem sobre a busca por alimentos que se sobressaiam em relação aos convencionais, no que se refere aos atributos do gosto e do prazer, além do que as autoras denominam como propriedades sensoriais, a se exemplificar pelas cores, texturas e aromas dos alimentos. Este tipo de percepção é comum dentre aqueles que vão à Feira do Passeio.

Tal como Conrado tinha se referido aos “*produtos muito saudáveis e coloridos*” encontrados na feira, é oportuno lembrar da conversa com Lucas, quem também mencionou a

vantagem do sabor oferecido pelos produtos orgânicos, apontando para uma característica que denotaria tal diferença no sabor. Creditando ao fato de que, para ele, os alimentos serem produzidos de uma maneira melhor qualificada, faz com que seja possível notar o *“sabor real da fruta”*, conforme expresso no trecho a seguir, em que conta sobre sua rotina de consumo na feira. Ao mencionar os produtos que consuma comprar na Feira do Passeio, ele relata perceber *“uma grande diferença de sabor”*, conforme relatado a seguir:

Diversos raízes frutos, abóbora, cenoura, batata, éhh brócolis, tomate, principalmente tomate, que o sabor é uma enfim vários, vários produtos você percebe uma grande diferença de sabor mesmo de sabor real da fruta por ser orgânico, por ter um um tratamento melhor (Lucas, consumidor de orgânicos, entrevista de campo, 2020)

Assim, com o decorrer das conversas, foram se reiterando as menções a autoproteção, ao cuidado em relação à família e outras nuances que permeiam o consumo de orgânicos. A motivação por oferecer a melhor alimentação a uma criança que chega ao mundo pode gerar uma mudança nos hábitos alimentares e de consumo por parte de todo um grupo familiar.

A consumidora Júlia, professora, de 25 anos, conta que começou a fazer suas compras na Feira do Passeio para melhor alimentar seu bebê, apontando para a saúde dele como sua prioridade, se sobrepondo até às preocupações com a sua própria, conforme, por ela expresso quando indagada sobre o que impulsiona o seu hábito de comprar alimentos orgânicos: *“na verdade é por causa do meu filho que eu comecei a frequentar a feira porque eu comecei a pensar que talvez fosse melhor pra saúde dele né, não tanto pela minha mas pela dele foi isso que me motivou”* (Júlia, consumidora de orgânicos, entrevista de campo, 2020). Ademais, a consumidora que diz frequentar a feira todas as semanas simboliza uma característica importante de seus hábitos de consumo alimentar.

Júlia, apresenta uma outra perspectiva a respeito das compras realizadas na feira e suas conexões com o comércio feito supermercados das expostas anteriormente, quando se mostrara uma oposição entre os tipos de comércio, como observado na fala da consumidora Denise, que além da sua menção ao objetivo de não ingerir agrotóxicos, diz não ir aos mercados, da seguinte maneira: *“éhh a compra de orgânico pra mim, de primeiro que eu não compro no mercado, o que mais me motiva realmente é a possibilidade de ser, a possibilidade não é a coisa de não ter agrotóxico é, é o alimento sem agrotóxico é o que me motiva”* (Denise, consumidora de orgânicos, entrevista de campo, 2020).

Na fala de Júlia, ainda que sejam levantadas críticas ao modo pelo qual são comercializados os orgânicos nos supermercados, que ofertariam este gênero de produtos em quantidade e qualidade abaixo das desejáveis e por altos valores, a consumidora não rechaça as compras neste tipo de estabelecimento, mas sim deseja a melhora das condições de comercialização de orgânicos pelas redes. Sobre essa perspectiva, propõe uma ampliação quantitativa e qualitativa na circulação da economia dos orgânicos, da seguinte maneira:

Ahh eu acho que tinha que ter mais nos mercados que é muito caro no mercado e a qualidade é bem ruim, eu acho que tinha que aumentar a qualidade e a quantidade no mercado pra ver também se abaixa um pouco o preço né?! No mercado fica muito caro daí. (Júlia, consumidora de orgânicos, entrevista de campo, 2020)

Observando a perspectivas dos consumidores da Feira do Passeio, nota-se que há uma amálgama de interesses, intenções e desejos que conformam as motivações para comprar orgânicos por aquelas pessoas que circulam, aos sábados, pela feira. Combinado a isso, destaca-se a preeminência das razões ligadas à preservação da saúde individual e da família, paralelamente relacionada à evitação de doenças, como as mais comumente exteriorizadas, pelos frequentadores, para que optem pelos alimentos e outros produtos orgânicos.

Esse tipo de visão pode ser combinada com a atmosfera criada na feira, em que produtores e compradores atuam simbioticamente em um sentido comum, notada, na fala de Ricardo, que ao contar sobre o que mais gosta na Feira do Passeio, relata que é: “*é essa energia das pessoas tarem buscando algo bom, algo mais saudável, algo mais verdadeiro pra comer*”. Da parte dos consumidores, essa busca, por “*algo mais verdadeiro*”, pode ser entendida como um somatório entre o zelo com a saúde e em poder contribuir com uma economia alternativa, e o apoio aos pequenos agricultores/agricultura familiar.

No entanto, foi possível notar que, na visão de diversos consumidores, o ato de comprar orgânicos, em um local como a Feira do Passeio, ainda que simbolize uma diversidade de perspectivas engajadas em prol de um modelo produtivo, por eles percebido como mais justo, bem como de dinâmicas alimentares mais saudáveis, não esgota em si as possibilidades de incremento na economia dos orgânicos.

Ainda que considerem importantes as contribuições impetradas através da esfera do consumo, salientaram em diferentes oportunidades, a necessidade da participação de outros agentes no desenvolvimento do mercado dos orgânicos, bem como que sejam traçadas diferentes estratégias para a melhoria das condições de existência deste tipo de comercialização.

Conforme será tratado na sequência, são levantadas as menções a respeito de pontos críticos que perpassam a economia de orgânicos, como a necessidade mais apoio estatal, da organização de redes entre consumidores e produtores, a repactuação de preços, e outros quesitos que perpassam o as ideias e intenções daqueles que, semanalmente, “fazem a feira”.

3.5 PERSPECTIVAS DE FUTURO DOS ORGÂNICOS PELOS CONSUMIDORES DA FEIRA DO PASSEIO

Nota-se que, em diferentes oportunidades, as relações de consumo são problematizadas de modo a serem percebidas de distintas maneiras, como na proposta de Portilho (2008) que traz à tona, a formulação a respeito dos consumidores de orgânicos, enquanto *politicamente e ambientalmente* engajados. Uma das características observadas pela autora, seria a de que aqueles envolvidos nas dinâmicas de compra de produtos orgânicos “parecem buscar uma forma de autonomização e politização da esfera privada, reapropriando conhecimentos e competências perdidos para a esfera dos peritos e especialistas na escolha de comportamentos e à identificação de obrigação moral por ações determinadas.” (PORTILHO, 2008, p.9).

Esta particularidade do consumidor de orgânicos, que produziria a politização de uma esfera, anteriormente, reservada ao âmbito privado, ainda que tenha sido notada na Feira do Passeio, mostra seus contornos específicos acerca dos limites deste tipo de atuação. Sobre isso, ainda que em seus hábitos, seja notada a autoatribuição de responsabilidades, com o consumo sendo pensado como ferramenta de apoio aos produtores, ao meio ambiente e à saúde, e seguindo a linha do consumo politizado, os consumidores da Feira do Passeio levantaram a importância de outras agências para a expansão e melhorias destes ciclos produtivos.

Um dos entes mais vezes lembrados pelos consumidores, como um daqueles que mais poderiam contribuir para o mercado de orgânicos é o Estado, em suas mais distintas esferas de atuação. A partir da fala do professor Antônio, é possível traçar um paralelo entre o que Portilho (2008) propõe como uma “nova cultura de participação política”, em que o consumo seria uma força de engajamento político, no entanto havendo a necessidade de “*políticas públicas de incentivo*”, ainda que em sua visão, dado o contexto político do país, sejam improváveis de serem implementadas, aludindo ao atual governo.

O consumidor ainda que considere a necessidade participação estatal, coloca que não se pode ficar esperando, para que se defenda o “*espaço orgânico*”. Para que se exerça esta defesa, ele coloca que “*você vai fazendo, meio correndo por fora, e que você cava um espaço aqui outro ali e é o deu pra fazer e bora lá*”. Essa posição foi apresentada, da seguinte maneira:

Olha, tem muita coisa que poderia melhorar, mas o mercado de orgânicos é um mercado marginalizado e perseguido vamos dizer assim, atacado de uma forma ou de outra por pelos grandes agroindustriais aí né inclusive agronegócio e dos agrotóxicos que são a mesma coisa, um alimenta o veneno do outro né então... teria que se é abrir um espaço pensando numa coisa geral, ou no no espaço público políticas públicas de incentivo que nos próximos anos talvez décadas ou talvez nunca venha acontecer, então você não vai ficar parado esperando o Jair fazer alguma coisa pra defender o espaço orgânico, o que que cê faz você vai fazendo meio correndo por fora que eu acho que é isso que o povo tem feito desde o começo e aí você cava um espaço aqui outro ali e é o que deu pra fazer e bora lá (Antônio, consumidor de orgânicos, entrevista de campo, 2020)

Com o decorrer das conversas, foi possível notar para a recorrência deste tipo de argumento, em que não apenas o Governo Federal mas como os governos estaduais e municipais são lembrados como estruturas capazes de promover melhorias na economia dos orgânicos.

O consumidor Ricardo menciona alguma das políticas que, segundo ele, deveriam ser tomadas pelo Estado para fomentar a produção orgânica, como a “*isenção de alguns impostos*”, o controle da aplicação de pesticidas, explicitada por ele ao dizer que organismos governamentais deveriam “*ser mais rígidos com essa questão do agrotóxico*”, bem como o aumento da visibilidade, atrelando o trabalho com orgânicos ao fornecimento de alimentação nas escolas, quando propõe que os agricultores podem estar “*atrelados com escola*”, “*com qualquer política pública que favoreça*”. As várias propostas manifestadas pelo músico, foram assim colocadas em sua fala:

O que poderia melhorar talvez um... um apoio maior dos órgãos do governo, do governo municipal, do estadual aumentando essa, essa prática né, de ser mais rígido com questão de agrotóxico e de eu não sei como que é a questão de impostos, se eles tem isenção de alguns impostos, por estarem trabalho com produto sem veneno, sem são convencional né. E acho que é um tipo de trabalhadores que precisam de um apoio, quanto mais apoio eles tiverem, melhor pra todo mundo encontrar mais fácil no mercado, eles estarem atrelado com escola qualquer política pública que favoreça né... que estimule a produção de orgânico é muito bem vinda (Rodrigo, consumidor de orgânicos, entrevista de campo, 2020)

As menções a uma maior atuação das esferas de governo, reforçam o argumento de Portilho (2008), que critica posições que tratam as esferas de consumo orgânico enquanto espaços de despolitização e individualismo, onde o consumidor transferiria para si as responsabilidades outrora atribuídas às instâncias governamentais. No entanto, o que pôde ser observado na Feira do Passeio, mostrou uma diversidade de opiniões que não encapsulam o apoio aos produtores de orgânicos apenas ao ato individual de consumo.

O que se vê é uma relação de complementariedade entre as intenções de colaboração com o mercado de orgânicos e a consciência da necessidade de outras esferas de construção deste tipo de economia. Neste campo, foi possível notar para o direcionamento dado pelos consumidores da Feira do Passeio para as frentes de atuação dos governos: em relação aos esforços para o aumento da oferta dos orgânicos e suas variações, à viabilização de produtos com preço mais baixo do que a média atual e a necessidade de divulgação do mercado orgânico para novos públicos.

Estes argumentos sustentam as posições de como estes consumidores pensam maneiras de melhorar a economia dos orgânicos. De forma geral, o entendimento passa pela sugestão de precisam ser formuladas políticas públicas de apoio aos produtores de orgânicos, como pode ser observado na fala da consumidora Fabíola, que sustenta apoio às “*políticas governamentais pra incentivar o orgânico, é necessário que isso aconteça, nós não temos.. digo, tem que ser nível federal*”. (Fabíola, consumidora de orgânicos, entrevista de campo, 2020).

Na mesma linha, a frequentadora Denise adiciona outras observações a respeito do que pensa que poderia ser melhorado no mercado brasileiro de orgânicos. Ela coloca que “*tinha que ter mais apoio dos governos*”, ressaltando para importância dessa esfera, elencando algumas frentes de como poderia acontecer essa atuação: sobre a distribuição dos alimentos sugere que os governos “*tenham que ter central de abastecimento*”. Sobre o acesso à informação dos benefícios dos alimentos orgânicos, coloca que “*tinha que ter mais divulgação pra população sobre o que causa os alimentos com agrotóxicos*” e indica para um gargalo da comercialização orgânica, o preço. Para a consumidora, sobre o produto orgânico, ela considera que o governo “*pode abaixar o valor e ser mais acessível para a população*”. Estas considerações, foram assim narradas pela geógrafa:

Eu acho que tinha que ter mais apoio... tem que ter mais apoio dos governos, tinham que ter central de abastecimento, é tinha que ter mais divulgação pra população sobre o que causa os alimentos com agrotóxicos, os males que causam à saúde, os alimentos com agrotóxicos, éhh e assim a a maneira a forma como ele pode ser popularizado ele também pode abaixar o valor e ser mais acessível pra mais pessoas, é

pra população em geral. (Denise, consumidora de orgânicos, entrevista de campo, 2020)

Um dos limites enfrentados pela economia dos orgânicos, a dificuldade em alcançar novos públicos, para além dos consumidores habituais, é novamente lembrado pelo professor José Carlos, que assim como outros compradores coloca que é necessário “*lutar pra ter políticas públicas*”, ressaltando para a presença dos agentes governamentais como parte fundamental deste mercado.

Ele, assim como Ricardo, que sugerira que estas políticas deveriam estar atreladas com a educação, considera que elas deveriam ser colocadas em prática através do oferecimento de alimentos orgânicos na merenda escolar, através da compra direta dos produtores. Ainda há menções à primordialidade de uma maior divulgação deste gênero de comércio como a trazida por José Carlos, quando o professor vincula a divulgação e organização com a difusão dos benefícios da alimentação com orgânicos, lembrando que ela gera o benefício de “*não ter doenças, não ter que gastar com remédios*”, como expresso abaixo:

mais que você tem o reflexo de não ter as doenças, não tem que gastar com remédios essas coisas né, eu acho que isso é o é fundamental, é organização mais divulgação maior... E e e e lutar pra ter políticas públicas que incluam essas merendas na na na merenda escolar, por exemplo, né uma uma coisa direta, a compra dos produtores orgânicos tem alguns municípios e alguns governos que conseguem fazer isso, mas ainda é raro, infelizmente. (Zé Roberto, consumidor de orgânicos, entrevista de campo, 2020)

A ponte entre escolas e alimentação enquanto campo para disseminar não apenas os orgânicos, mas um projeto educacional, é defendida pelo estudante de engenharia, Lucas, que remete a projetos, tais quais os realizados por movimentos sociais, como o MST e a Via Campesina, que no ano de 2005 criaram a Escola Latino Americana de Agroecologia, com a formação em Agroecologia. (ELAA, s/d). A proposta da escola, descrita em seu *site*, divide a sua atuação em três eixos: os conhecimentos populares, os científicos e a troca de saberes entre povos. (ELLA, s/d).

Para Lucas, semelhantemente, deve haver “*uma passagem de conhecimento popular para que as pessoas se liguem da riqueza da terra, da riqueza que a gente tem só com o espaço da terra disponível*”, ressaltando para a combinação entre a produção alimentar diversificada e os conhecimentos populares. O sistema produtivo baseado em *commodities* é criticado pelo estudante, que considera possível a propagação de um modelo popular de produção de

alimentos, com maior qualidade e diversidade, utilizando as terras agricultáveis atualmente, como narrado por ele ao dizer o que pensa ser necessário para o futuro dos orgânicos:

Projeto educacional com certeza, pra ter uma passagem de conhecimento popular pra que as pessoas se liguem da riqueza que da terra, da riqueza que a gente tem só com espaço, só com área disponível, então as possibilidades são N, são múltiplas. A gente tem potencial de produzir alimento da melhor qualidade com uma diversidade e variedade incrível. Então eu acho que não acaba fazendo sentido o modelo do agronegócio, sendo que tem outros problemas envolvidos, como de logística que não faz com que o alimento não chegue ao destino final e contribui com a ideia de que a gente tem que produzir mais, quando na verdade eu não concordo com isso. (Lucas, consumidor de orgânicos, entrevista de campo, 2020)

Em relação à demanda, alguns consumidores relataram que gostariam que, de um modo geral, que houvesse um incremento na oferta de produtos. Seu Conrado, que tem o conhecimento acerca do mercado de orgânicos, tanto no Brasil quanto na Alemanha, propõe comparações entre os dois países além de salientar para diferenças regionais na oferta de orgânicos, dentro do Brasil bem como para a aprovação desenfreada de agrotóxicos pelo governo brasileiro.

Para o professor há uma vantagem na oferta e demanda de alimentos orgânicos do país europeu, ainda que considere que os preços praticados no Brasil sejam mais baixos, ponderando, no entanto, para diferença de poder aquisitivo entre as populações dos dois países. Ele também percebe certa disparidade entre a disponibilidade em Curitiba, cidade a qual considera ter *“uma boa oferta”* em relação a *“outras regiões do Brasil”*, que opina terem uma oferta *bem pior*, colocando ainda que, no mapa brasileiro, o *“Paraná se destaca como um estado onde a oferta é melhor do que em outros estados”*.²⁹ Traçando esses paralelos, ele comenta, da seguinte maneira:

Acho que a oferta não é tão desenvolvida e a demanda também como na Alemanha, os alemães comem mais produtos orgânicos e também uma questão de poder aquisitivo, mas eu acho que os produtos aqui são bem baratos, lá custa muito mais do que os convencionais. O que se pudesse mudar é aqui em Curitiba tem uma boa oferta, mas acho que outras regiões do Brasil a oferta de produtos orgânicos é bem pior, eu conheço um mapa de todo o Brasil e nesse mapa e nesse mapa o Paraná se destaca como é um estado que onde a oferta é melhor do que em outros estados e claro, é que a liberação de vários agrotóxicos pelo governo cada dia é já liberaram centenas

29 Em reportagem do portal G1 Paraná, é mencionado que de acordo com a Secretaria Estadual de Agricultura e Abastecimento (SEAB), o quantitativo de produtores orgânicos no estado é acrescido em 20% ao ano, colocando o Paraná como segundo maior produtor de orgânicos do Brasil. Disponível em: <https://g1.globo.com/pr/parana/caminhos-do-campo/noticia/2021/03/07/parana-e-o-segundo-maior-produtor-de-alimentos-organicos-do-pais-aponta-sistema-nacional-do-ministerio-da-agricultura.ghtml> <Acesso em: 08.Jun.2021>

de vários agrotóxicos é um escândalo é um escândalo (Conrado, consumidor de orgânicos, entrevista de campo, 2020)

Ainda nessa linha, surgem novas referências diretas à ação estatal, como a trazida pelo frequentador da Feira do Passeio, Valmir quem aponta que os poderes públicos deveriam agir como indutores da produção orgânica, de modo a torná-la mais forte, com aumento na variedade dos produtos, apontando que: *“é, eu acho que falta é estimular os falta mais variedade né, ter mais frutas, precisa ter mais gente produzindo né, precisa ter um estímulo dos poderes públicos pra fortalecer a agricultura familiar”* (Valmir, consumidor de orgânicos, entrevista de campo, 2020).

Ainda que a maioria dos consumidores indique a necessidade de melhorias atreladas a políticas governamentais, surgem apontamentos que propõem uma expansão interna às redes de consumo, como o feito pelo servidor público, Rômulo, que considera estar satisfeito com as possibilidades que lhe são oferecidas para a aquisição de orgânicos. Paralelamente, relembra de viagem aos Estados Unidos onde visitou um mercado que *“não é cem por cento orgânico mas tem bastante coisa orgânica”* além de ser *“um mercado que abre todos os dias, horários”* e que *“seria legal se chegasse a esse ponto no Brasil”*, idealmente contando com *várias unidades*, como narrado pelo frequentador:

Olha, pra mim tá bom assim cara, eu não posso reclamar, mas eu estive nos Estados Unidos uns dois anos atrás tem um supermercado lá, *all food*, não sei se você já ouviu falar, ele é um supermercado grande seria tipo um Festival assim, e tem bastante produto não é cem por cento orgânico, mas tem bastante coisa orgânica e produtos naturais do mundo todo e esse é um mercado abre todos os dias horários e tem também um *buffet* de comidas orgânicas. Eu acho que seria legal se chegasse a esse ponto aqui no Brasil, se tivesse das vezes que a feira é aqui no sábado que é a maior feira de Curitiba eu na quarta feira quero comprar alguma coisa que tá faltando em casa não tem, é assim é mercado municipal. Eu moro lá na Vila Izabel é longe, então se tivesse em supermercado e tivesse várias unidades tal seria legal assim e supermercado ele tivesse vários até na linha de cosméticos tem produtos orgânicos e tal [...] (Rômulo, consumidor de orgânicos, entrevista de campo, 2020)

Esta proposição, que volta seu sentido para a expansão dos espaços e dos horários para a compra de orgânicos, como opção de melhora deste mercado, é colocada com a ponderação a respeito dos preços dos orgânicos, não acessíveis para toda a população. Para Rômulo, *“os produtos orgânicos são mais caros e o brasileiro tá com o poder aquisitivo cada vez mais baixo né, então eu não sei se teria mercado pra isso também, infelizmente né, acho que as pessoas até tem vontade de consumir, mas não tem, não tem grana pra isso, infelizmente”*.

Portanto, nota-se para uma miríade de percepções dos consumidores a respeito do que pensam sobre o mercado de orgânicos, suas ideias para impulsioná-lo, bem como da ação de outros agentes, como os organismos governamentais. Tal fato mostra que o consumidor de orgânicos enxerga este universo, como propôs Portilho (2008), a partir de significados e usos sociais diversos com múltiplas posições a respeito do tema. Em um tópico seguinte, será discutido um aspecto específico da economia orgânica, o uso da internet como ferramenta de comercialização deste gênero de produtos, partindo das compreensões de produtores e consumidores da Feira do Passeio.

3.6 OS USOS E NÃO USOS DA *INTERNET* COMO MEIO DE COMERCIALIZAÇÃO DE ORGÂNICOS NA FEIRA DO PASSEIO

Durante a pandemia de Covid-19 os meios digitais ganharam destaque em relação à possibilidade de comprar dos mais variados itens e serviços. Desde as redes de supermercados, passando pelas redes de farmácia, produtos para *pets*, dentre outros setores da economia. Em relação às feiras não foi diferente, muitos dos consumidores que costumavam ir aos espaços presenciais passaram a procurar alternativas de entrega dos alimentos em domicílio, bem como por parte dos feirantes, criou-se a necessidade de avançar no oferecimento deste tipo de serviço.

No entanto, durante às conversas em campo, foi possível notar para a existência diferentes nuances em relação ao comércio *online* dos produtos encontrados na feira. Muitos daqueles que tem por hábito, ir à Feira do Passeio, todas as semanas, não simplesmente aderem às compras por *sites* próprios dos feirantes ou via aplicativos como o *WhatsApp*, abruptamente, ainda que a pandemia tenha operado como um acelerador desse tipo de empenho.

Nas páginas seguintes, serão apresentadas algumas dessas visões sobre o consumo de orgânicos via *internet*, nas óticas tanto dos consumidores como dos feirantes, notando para como cada um deles pensa sobre estas dinâmicas, não mais tão recentes, mas colocadas na vitrine a partir do advento da pandemia. Para atrair estes públicos, que buscam informações sobre a Feira Orgânica do Passeio Publico na *internet*, existem canais onde o evento é divulgado, sendo os principais, os perfis nas redes sociais, *Facebook* e *Instagram*.

Nota-se que, no caso dos perfis da Feira do Passeio nestas redes sociais, os conteúdos podem se divididos em três categorias: os informes e divulgações sobre a realização da própria feira; os *posts* sobre temas gerais, porém relacionados com a produção orgânica, como a agroecologia, mulheres camponesas, o dia do meio ambiente, dia do produtor rural, a conscientização sobre o tema do lixo, a segurança e soberania alimentar, sobre algumas espécies de alimentos da época, ervas e plantas medicinais dentre outros assuntos. E ainda há uma série de breves entrevistas contando a história das famílias que fazem as vendas na feira, contando suas trajetórias na agricultura, no meio dos orgânicos e na Feira do Passeio.

Ao consultar as redes sociais da Feira do Passeio é possível perceber que elas são periodicamente alimentadas com novas postagens, com avisos todas as semanas sobre como irá ou não ocorrer o funcionamento da feira. Além disso, a ferramenta dos *stories* é frequentemente utilizada para mostrar a feira no instante em que ele ocorre ou nos dias anteriores, os produtos vendidos nas barracas e outras informações.

Nas imagens abaixo visualiza-se os perfis da Feira Orgânica do Passeio Público nas redes sociais *Instagram* e *Facebook*:

Figura 29-Página no Instagram da Feira Orgânica do Passeio Público



Fonte: Perfil da Feira Orgânica do Passeio Público no *Instagram* <Acesso em 12. Ago.2021>

Figura 30-Página no Facebook da Feira Orgânica do Passeio Público



Fonte: Perfil da Feira Orgânica do Passeio Público no *Facebook* <Acesso em 12. Ago.2021>

Assim como a Feira do Passeio possui seus perfis para divulgação do evento, os próprios feirantes têm utilizado com frequência estas mesmas redes sociais, além de *sites* próprios para realização das vendas de seus produtos. No caso das vendas *online* feitas pelos proprietários do Sítio Recanto Nativo, são adotados dois regimes de comercialização: pelo aplicativo de troca mensagens *WhatsApp* e via loja virtual.

Nesta loja que faz parte do *site* do Recanto Nativo, podem ser observadas quatro abas, que subdividem os conteúdos entre: uma aba “Sobre Nós”, onde pode ser lida a história do Sítio Recanto Nativo. Em seguida, encontra-se uma aba “contato” onde o consumidor pode enviar uma mensagem direta aos responsáveis pelo sítio, além de encontrar o endereço de e-mail oferecido como possibilidade de contato. Ainda nota-se uma aba “mais” em que é apresentado o selo da Rede Ecovida de Agroecologia.

Por fim, referente à loja, esta possui nove seções que separam os produtos comercializados pelo sítio em frutas, folhas, armazém, cereais, verduras e legumes, temperos, ervas, derivados de soja e padaria. Assim apresenta-se o site do Sítio Recanto Nativo:

Figura 31-Loja virtual do Sítio Recanto Nativo



Fonte: Site do Recanto Nativo, 2021, Disponível em: <<https://www.sitiorecantonativo.com.br/loja>> <Acesso em 12. Ago.2021>

Sobre as operações necessárias para viabilizar as vendas de orgânicos através de uma loja virtual, Dona Sandra fez uma descrição tanto das etapas mais gerais da cadeia de comercialização, quanto dos caminhos traçados através das operações com a loja virtual. A feirante contou sobre sua estratégia de venda de produtos para a Páscoa, quando decidiu enviar uma mensagem aos clientes, explicando a necessidade de receber os pedidos até o domingo “*para que eles possam acelerar o pedido*” e subsequentemente “*eu possa encerrar e fazer a colheita de manhã*”.

É possível notar, através desta descrição, o entrelaçamento entre as atividades realizadas, cotidianamente, no sítio, com aquelas desempenhadas através da *internet*. Abaixo, apresenta-se a comunicação emitida pela feirante aos seus clientes, na época da Páscoa do ano de 2021

Figura 32-Mensagem de Páscoa do Sítio Recanto Nativo



Fonte: Comunicado do Sítio Recanto Nativo no *WhatsApp*, 2021

Em relação aos procedimentos relacionados à sua loja virtual, a feirante relata as etapas inerentes à organização deste espaço *online*. Sandra conta, primeiramente, que a lida com este tipo de funcionalidade, “*tem toda uma logística*”, que “*além da organização anterior*”, prescinde do trabalho de “*repor mercadoria*”, do assemelhado à montagem da barraca, porém em versão digital de “*fazer a composição da loja e comprar os produtos daquilo que não tenho*”.

Esta última atividade mencionada, remete às cooperações entre os afiliados à Rede Ecovida de Agroecologia, dada a necessidade de complementação na oferta de produtos, feita através da compra de outros produtos certificados, produzidos por parceiros. Estas dinâmicas, usuais ao comércio *online* de alimentos orgânicos, foram assim expostos, por Sandra:

Esta é uma mensagem que eu mandei na Páscoa, pros clientes, no domingo. Pra que eles possam acelerar o pedido e eu possa encerrar, pra poder fazer a colheita de manhã. Então tem toda uma logística de trabalho dentro da loja porque, além da organização anterior né, que é repor mercadoria, fazer a composição da loja. É, comprar os produtos daquilo que eu não tenho, que são as frutas. Então, são, é um trabalho assim, bem delicado também. (Sandra Mara, agricultora e feirante, entrevista de campo, 2021)

Em relação à dinâmica de comercialização de produtos orgânicos, tanto produtores quanto consumidores percebem diferenças entre as modalidades e expressam suas preferências. A feirante coloca sua visão a respeito do que pensa sobre as vendas pela *internet* e as di-

ferenças entre os públicos das feiras presenciais e *online*. Ela explica como operam as redes de pedidos e entregas feitos através da loja virtual, que ao contrário das feiras onde o consumidor escolhe, pessoalmente, os produtos disponibilizados naquele dia, é montada uma cesta de produtos específica para cada compra.

A temporalidade é um dos principais diferenciadores entre os dois modelos de comercialização. Enquanto nas feiras os compradores têm das 7h até às 13h para caminhar pela feira, conversar com os feirantes e escolher os produtos. Nas compras efetuadas através de lojas virtuais, ainda que não haja o contato face a face, há outras possibilidades, como adquirir os alimentos a qualquer hora do dia.

A feirante ao contar a respeito da organização temporal da comercialização *online*, levantando o fato que “*pedidos feitos até domingo meia-noite é entregue terça-feira, pedidos feitos após esse horário é transferido para quinta-feira*”. Diferentemente do formato das vendas na feira, descritas no capítulo anterior, em que os alimentos são separados e alocados em grandes caixas para serem expostos ao público, no comércio feito através da loja virtual os procedimentos se diferenciam.

Neste caso, os feirantes recebem os pedidos pelo *site*, separam as mercadorias nas cestas a serem entregues diretamente no local indicado pelo comprador, que paga uma taxa de recebimento em domicílio, no valor de dez reais. Em conversa realizada pelo *WhatsApp*, Dona Sandra relatou como é o trabalho de venda de orgânicos através da internet. O trecho em que descreve sobre os processos de organização e entrega das cestas, é assim exposto:

Oi Adriano, tudo bem? Tô organizando aqui as cestas de hoje né, os pedidos, é, foram feitos até ontem meia-noite né. Tem uma regra né. E até meia-noite, o que passar de meia-noite fica pra terça-feira, quinta-feira da próxima semana. Então entrega até domingo meia-noite. Pedidos feitos até domingo meia-noite é entregue terça-feira, pedidos feitos após esse horário é transferido pra quinta-feira próxima. (Sandra Mara, agricultora e feirante, entrevista de campo, 2021)

Também são relatadas diferenças entre o público do comércio presencial e o realizado via internet. A feirante, percebe que há um contraste entre aqueles que optam por cada um dos modelos de venda. Em relação às vendas *online*, ela menciona que ao mesmo tempo em que “*é uma coisa melhor, que você recebe os pedidos no meio de semana*” referindo-se à organização proporcionada pelas vendas pela loja virtual, mas, ao mesmo tempo, pondera que “*também é muito delicado, que é um público muito exigente. É um público que mesmo sendo a feira, eles exigem muito mais da gente do que na feira*”.

A feirante percebe que há uma diferença entre os valores de consumo, empregados pelos consumidores do *site* e da feira, refletidos através das distintas preferências em relação aos produtos vendidos, conforme notado abaixo, onde Dona Sandra relata que “*a feira é outra, é totalmente diferente a situação*”, salientando para os contrastes entre os dois ambientes de comercialização dos alimentos orgânicos:

Esse, eu vou te passar pra você uma mensagem aí, tá? E assim segue sabe? É uma coisa melhor que você recebe os pedidos no meio de semana mas também é muito delicado que é um público muito exigente. É um público que mesmo sendo a feira, eles exigem muito mais da gente do que na feira, só pra que você tenha esse conhecimento. Na feira você tem outros valores, por exemplo: você vende cheiro verde, você vende salsinha, cebolinha, vende hortelã, um maço de flor, na cesta já não vai, é um produto que já não tem tanto, tanto valor quanto tem valor na feira. A feira é outra, é totalmente diferente a situação. (Sandra Mara, agricultora e feirante, entrevista de campo, 2020)

Ainda em relação às diferenças entre os perfis dos consumidores que preferem as compras pelos mecanismos virtuais e os que priorizam às idas presenciais à feira, observou-se algumas das opiniões dentre aqueles que frequentavam a Feira do Passeio. Geralmente, foi possível reparar para uma usual preferência pela manutenção do hábito de escolher, presencialmente, os próprios alimentos. Quando impelidos à busca por alternativas, como nos períodos em que as feiras tiveram a sua realização suspensa, alguns dos consumidores habituais procuraram este tipo de alternativa, porém, ao saberem dos retornos ao ambiente habitual, rapidamente retomam as idas ao Passeio Público e outras feiras, espalhadas pela cidade.

Um destes casos, refere-se ao professor Antônio, quem cultivava o hábito de ir, à Feira do Passeio e também à Feira realizada na Praça do Expedicionário, ambas na região central de Curitiba, onde o consumidor reside. Ele demonstra conhecimento sobre a comercialização *online*, de produtos orgânicos, contando que “*algumas pessoas da feira, que a gente conhece, passaram os contatos*” mas ressalta o fato que sempre que pôde ir à feira, inclusive quando esta foi transferida para a Praça Dezenove de Dezembro, fato este, narrado ao dizer que “*eu fui lá toda semana, quando teve né*”.

Na fala do consumidor, as compras pela *internet* apresentam um caráter de complementariedade em relação à preeminência daquelas feitas, diretamente, nas barracas da feira, situação narrada por ele, ao dizer que “*continuava comprando na feira*” e que apenas, “*eventualmente fazia encomenda, aí entregava em casa e eu ia retirar no caminhão do feirante*”. Este traço, que denota a interseção entre os modelos de comércio orgânico, distintos e com-

plementares, surge na fala de Antônio, ao contar se optou pelas entregas em domicílio, durante a pandemia. Fatos estes, expressos no trecho a seguir:

Olha, na verdade muito pouco, na verdade, assim é algumas pessoas da feira que a gente conhece passaram os contatos, mas aí a feira daqui foi pra dezenove de dezembro eu fui lá toda semana no quando teve né. Teve uma meia dúzia de semanas que não teve, mas na feira do expedicionário do ali do Museu do Expedicionário e aí continuava comprando na feira eventualmente fazia encomenda aí entregava em casa e eu ia retirar no caminhão do feirante. (Antônio, consumidor de orgânicos, entrevista de campo, 2020)

A percepção de que as compras de alimentos orgânicos via *internet* funcionam como um complemento às idas à feira, também foi notada durante a conversa com o consumidor Ricardo, que condiciona o ato de receber a sacola de alimentos orgânicos em domicílio com a imprescindibilidade da correta higienização dos produtos entregues, questão evidenciada pela pandemia.

Sobre estes usos, o músico contou que “*a gente usou acho que duas ou quatro vezes eles entregavam em casa, aí com todo protocolo de segurança higienizando embalando bem os produtos*”. As compras feitas pela internet, de maneira ocasional, também foram mencionadas pelo estudante Lucas que diz gostar mais de ir pessoalmente à Feira do Passeio. Sobre a única vez em que fez o pedido para receber a cesta orgânica ele contou que “*ahh, uma uma vez sim, mas com baixa frequência, eu prefiro vir na feira e comprar direto com o produtor*”.

Ainda nesta esteira, o consumidor José Carlos buscou manter seu hábito de consumo alimentar, a partir de orgânicos, e para isso fez encomendas de orgânicos congelados, entregues por um restaurante, no entanto mantendo a rotina de ir à feira. Sobre suas compras de orgânicos pela *internet*, ele disse que: “*fiz, fiz, comprei de um um restaurante que fazia entrega de produto orgânico congelado, mas geralmente eu tava indo nas feiras, porque continuou tendo algumas né, tinha aqui na praça tinha lá no Ahú então essa eu sempre tava indo*”. Assim como nos casos mencionados anteriormente, José Carlos se mostra um consumidor aberto às oportunidades de receber alimentos em casa, ainda que prefira às feiras e pretenda continuar a frequentá-las

Dentro das distintas nuances que se revelaram em relação a este tema, há frequentadores que, por completo, não optaram pelo modelo de entregas de alimentos em domicílio. Os argumentos, geralmente se voltam ao gosto por escolher os próprios alimentos e conversar com quem os vende, como é o caso da consumidora Fabíola, que ao relatar se utilizou ferra-

mentas *online* para fazer compras de orgânicos diz que: “*não, eu continuei vindo nas feiras que tinha não comprei online porque eu gosto de escolher os produtos pessoalmente*”.

De maneira semelhante, comentou o médico Valmir, quem ressaltou para o prazer em ir à feira, para ele, maior do que receber as compras em domicílio, ainda que tenha conhecimento desta alternativa, conforme contado por ele, ao dizer que “*ah sim, o pessoal aqui da feira fez a entrega, começaram a fazer entrega, mas vir a feira é mais gostoso do que receber em casa*”. Eventualmente, na impossibilidade de ir à feira, como ocorreu em semanas em que a sua realização ficou suspensa, há quem prefira procurar por outros espaços físicos, que permaneceram abertos, não optando por fazer compras de alimentos pela *internet*.

O costumeiro frequentador, Seu Conrado, quando se viu nestas condições, optou pela busca de lojas que comercializassem orgânicos, alegando dificuldades nesta empreitada. O fato foi atenuado pelo retorno da feira, depois de algumas semanas³⁰.

Não comprei *online*, eu fui para outras lojas, é no primeiro mês foi bem complicado achar lojas que vendem produtos orgânicos. Quando a feira orgânica fechou de repente, mas é tudo se normalizou, quase se normalizou depois e não tinha problemas de achar produtos orgânicos. (Seu Conrado, consumidor de orgânicos, entrevista de campo, 2020)

Assim como Seu Conrado, o servidor aposentado da UFPR, Aroldo, demonstra apreço pelas idas diretas às feiras livres de Curitiba, além de outros espaços para a compra de seus alimentos, como os abundantes sacolões, facilmente encontrados, tanto no centro da cidade, quanto nos bairros mais distantes desta região. Dado o seu conhecimento das dinâmicas internas da universidade, local onde trabalhava, conta sobre a outra feira em que gosta de ir, realizada pelo Setor de Agronomia. Sobre a sua opção de compra de alimentos, e preferência pelo modelo presencial, diz que prefere ir “*direto na fonte*”, afastando-se das novas ferramentas de comercialização e entregas de orgânicos em casa, conforme narrado, na passagem a seguir:

Não não, eu venho direto na fonte, na universidade nós temos lá agronomia agora não voltou, mas vai voltar. A hora que voltar a atividade, acabar a pandemia toda, quarta feira ali na reitoria tem um espaço orgânico, dos acadêmicos de agronomia e lá na parece, não sei se é terça ou quinta, no Agrárias, Setor de Ciências Agrárias. [ADRIANO: uma feira né] Uma feira tem um espaço lá com banco e tal tudo orgânico tudo em grande estilo. (Arnaldo, consumidor de orgânicos, entrevista de campo, 2020)

30 Este retorno se refere à primeira suspensão das atividades da feira, ainda no mês de março de 2020. Com o agravamento da pandemia, no começo do ano de 2021, houve nova suspensão, em que o evento ficou impedido de acontecer por quatro semanas.

As demonstrações de interesse pelo recebimento de produtos diversos, em casa, relacionam-se, não apenas com os gostos pessoais relacionados à preferência por uma ou outra modalidade, mas também, com o modo individual de sentir a pandemia. Assim como há aqueles que não deixaram de ir ao local, nos momentos em que esteve liberado, há frequentadores que optaram por manter um isolamento social mais rigoroso, deixando de ir fazer suas compras na feira e preferindo recebê-las em casa por vários meses, tornando as compras via *internet* como parte de suas rotinas.

Nessa perspectiva, nota-se a percepção do risco avaliado como possível ou não de ser enfrentado para realizar este tipo de atividade, por cada um dos consumidores. No caso do consumidor Ronaldo, ele menciona que “*as feiras estavam funcionando, então eu preferia ir nas feiras pra escolher, colocando também, que gosto de ver os produtos pra comprar entendeu?*” O consumidor, mesmo tendo conhecimento deste tipo de serviço e citando o serviço de entregas do MST, avaliou como positiva a manutenção do hábito de ir à Feira do Passeio.

De maneira semelhante, a professora Júlia, avaliou como favorável, para si, o período em que a Feira do Passeio ficou alocada na Praça Dezembro, até facilitando a sua rotina de compras. Sobre os meios digitais para a aquisição de alimentos orgânicos, ela negou ter utilizado, relutando que “*na verdade não, porque a feira foi pra praça dezenove e eu moro ali, então pra mim ficou até mais fácil*”. Um casal de consumidores também aludiu a este tipo de rotina. A mulher o descreveu, dizendo que, “*nós nos movimentamos*” e seu marido explicou os lugares onde costuma frequentar “*tava na praça, depois tava na Praça do Expedicionário em outros lugares*”.

Contrastivamente a estes casos, a geógrafa Denise passou meses sem ir ao Passeio Público, por razões de cuidado em relação à pandemia, conforme relata sobre seu hábito de ir à feira: “*não, eu tô vindo hoje pela primeira vez depois de seis meses, mas eu costumo pedir a cesta em casa, eu faço a compra pelo site daí eles me entregam em casa, antes da pandemia eu vinha aqui cada semana todo final de semana, eu vinha*”. Em outro momento da conversa, ela explica como era a sua rotina de pedidos de orgânicos em sua residência, conforme narrado na seguinte passagem:

Sim, o tempo todo, toda semana. Não, alguns tem *site* e outros tem *WhatsApp* então a gente faz, os que não tinham *WhatsApp* a eles adaptaram e fizeram o *site* daí a gente começou a fazer a compra pelo *site* então eles mesmo que se adequaram e criaram *site* pra gente pra facilitar o trabalho deles também né (Denise, consumidora de orgânicos, entrevista de campo, 2020)

A sinergia entre consumidores, como Denise, que devido ao advento da pandemia, passaram a adotar formas alternativas ao modelo presencial, para a aquisição de produtos orgânicos com feirantes, que, dadas as circunstâncias, aceleraram o desenvolvimento de mecanismos para comercializar seus produtos utilizando plataformas de vendas *online*.

Segundo o portal de notícias *GI*³¹ o comércio eletrônico teve um aumento de 68% nas vendas e teve um aumento de 5% para 10% na participação no faturamento do varejo durante a pandemia. Quando se pensa na Feira do Passeio, é válido pensar que muitos dos feirantes que ainda não utilizavam o sistema de entregas de seus produtos em domicílio, ou que adotavam este modelo de forma secundária, se viram impelidos a acelerar este formato de vendas dos seus produtos.

O feirante Giovane Boaventura contou sobre o trabalho de entregas no sistema de sacolas, realizado na região do Vale do Ribeira, na fronteira dos estados de São Paulo e do Paraná. Em seu relato, ele narra o processo de amadurecimento do modelo de entregas da Cooperafloresta durante o período pandêmico.

Em um primeiro momento, ele relata o período de paralisação da feira, ao dizer que “*então a gente parou com a feira*”, acontecimento desdobrado no fato dito por ele, de que “*então a gente ficou só com a entrega na quarta*”. O feirante menciona ainda o incremento tanto da qualidade dos produtos comercializados, como das formas de vendas, com a adoção do sistema de sacolas, colocando que “*a gente conseguiu assim alguns produtos, a gente conseguiu melhorar a qualidade deles, sabe? E a gente começou a fazer a entrega de sacola, na região lá, a cada dias*”.

A logística do sistema é descrita por Giovane, dizendo que “*vendas pela internet o pessoal entra em contato, a gente manda por correio, transportadora, faz entrega em São Paulo*”. A sequência de acontecimentos, impulsionada pela pandemia, que fez com que as vindas semanais da equipe da Cooperafloresta ficassem impedidas de acontecer por seis meses, acabou por acelerar outras dinâmicas de venda de orgânicos, para além da feira, conforme narrado por ele:

Então, a gente parou com a feira seis meses, a gente parou com a feira e ficou só com na quarta feira, a gente já tinha mudado a gente tinha parado com a feira já mais de um ano e pouco atrás então a gente ficou só com a ficou só com a entrega na quarta. A gente conseguiu assim, alguns produtos, a gente conseguiu melhorar a qua-

31 GI Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/02/26/com-pandemia-comercio-eletronico-tem-salto-em-2020-e-dobra-participacao-no-varejo-brasileiro.ghtml>> <Acesso em: 08.Ago.2021>

lidade deles sabe? pra tá pra nos dias de entrega antes antes da pandemia tava mais organizado, mas assim a gente começou fazer umas entrega de sacola na região lá, eh a cada quinze dias de novo assim foi só isso. No resto ficou no mesmo formato eh vendas pela internet o pessoal entra em contato, a gente manda por correio, transportadora entrega, faz entrega em São Paulo acho que deu um aumento nas entrega pra São Paulo aumentou, mas a gente só parou de fazer a feira mesmo (*Giovane Boaventura, feirante, entrevista de campo, 2020*)

Ao buscar pelos veículos de comunicação da Cooperafloresta na internet, encontra-se os perfis nas redes sociais *Facebook* e *Instagram*, além de um site próprio, onde podem ser observadas as seguintes informações em oito abas: início, quem somos, agrofloresta, comercialização, vídeos, fotos e projetos. Na aba “comercialização”, é possível notar para a seguinte descrição, em um campo dedicado aos “canais de comercialização, onde nota-se a multiplicidade de estratégias de escoamento produtivo da cooperativa. Percebe-se, na lista, a presença dos temas, nesta pesquisa discutidos, das Feiras Ecológicas, do Circuito Sul de Comercialização da Rede Ecovida e das vendas pela internet.

Destacando para este último tipo de comercialização, na tela inicial do *site*, são expostas, como primeiras informações para os visitantes, a descrição de um produto produzido pela agroindústria, a bananada, com o seguinte texto: “Feitas com bananas agrofloretais, um pouquinho de limão e mais nada. Açúcar é só o que vem com a fruta, doçura pura e natural! Nossa goiabada tem menos açúcar que o normal, o que tem é muita goiaba agroflorestal. São vários produtos, conheça, experimente, divulgue.” (COOPERAFORESTA, s/d).

E, ao lado, convidando o usuário, que navega pelo *site*, a conhecer estes produtos, são oferecidas as possibilidades de efetuação da compra via e-mail, *WhatsApp*, além da opção de conhecer o catálogo pelo *site*. Na rede social *Instagram*, da mesma forma, são oferecidas as formas de compra via *direct*, ferramenta da própria rede social, além de outro contato do aplicativo de mensagens *WhatsApp*.

Nesta rede social, são divulgadas informações sobre os produtos fabricados na agroindústria, como a cúrcuma e o gengibre em pó, a casca de limão siciliano desidratado, a goiabada, o açúcar demerara, o doce de abóbora e o melado de cana-de-açúcar. Além desses, são expostos os produtos à base de banana, como a banana-prata passa, a bala de banana com juçara e a farinha de banana-verde. Assim, exibem-se as divulgações da Cooperafloresta, tanto em seu site próprio, quanto no perfil público no *Instagram*:

Figura 33-Perfil da Cooperafloresta no Instagram



Fonte: Perfil no *Instagram* da Cooperafloresta, 2021

Figura 34-Site da Cooperafloresta



Fonte: Site da Cooperafloresta, 2021

Ainda explicando sobre a adoção do sistema de sacolas, pela Cooperafloresta, Giovane destacou que ainda existe preeminência da venda por atacado. O feirante ressalta o fato de que este modelo, “*ainda é algo novo*”, denotando o caráter de amadurecimento deste tipo de atividade. Com a mesma característica, ainda foi possível notar para este fator, quando foi colocado que “*não estourou muito esta parte das sacolas*”.

Percebe-se, que é adotada como estratégia de vendas de sacolas, a convergência entre a busca por parceiros que auxiliem nas entregas, conforme relatado quando diz que “*a gente tem entregado pra várias pessoas, que fazem sacolas*”, com as entregas feitas pelos próprios

cooperados, “*uma vez a cada quinze dias, numa cidade vizinha, lá em Registro*”. As atuações da cooperativa, no ramo da entrega de sacolas, foi assim descrito, por Giovane:

Sim m ehh a gente ainda é algo novo né ainda não não não estourou muito essa parte da sacolas é mas assim a gente tem entregado pra várias pessoas que fazem sacolas entendeu? a gente preferiu ficar nessa parte mais do da venda por atacado ali do que focar nas sacolas, tendo em vista que a gente faz entrega de sacolas uma vez, por uma vez a cada quinze dias lá em Registro que é uma cidade vizinha lá, que da a mesma distância aqui pra Curitiba aliás. (*Giovane Boaventura, feirante, entrevista de campo, 2020*)

Mesmo que notando o crescimento dos novos modelos de comércio virtual de produtos orgânicos, há de se ressaltar que todas as estratégias adotadas pelas famílias de feirantes para escoar suas produções operam de maneira complementar. Tanto produtores orgânicos quanto consumidores, podem intercalar suas participações neste mercado, entre o comércio em feiras, como a Feira Orgânica do Passeio, ainda que haja diferenças entre os perfis.

A descrição dos produtos fabricados pela agroindústria, remetem àqueles que são vendidos *in natura*, na Feira do Passeio, como o caso aos manufaturados feitos a partir da banana e a fruta vendida em abundância, sendo encontrados tanto na feira, como nas redes *online*, conforme pode ser notado nas figuras abaixo, que apresentam estes e outros produtos vendidos pela Cooperafloresta.

Figura 35-Barraca da Cooperafloresta na Feira do Passeio - 2020



Fonte: Marcus Paulo (em colaboração), 2020. Barraca da Cooperafloresta.

Figura 36-Barraca da Cooperafloresta na Feira do Passeio - 2020



Fonte: Marcus Paulo (em colaboração), 2020. Barraca da Cooperafloresta.

Figura 37-Barraca da Bananas Tavares durante a pandemia



Fonte: Marcus Paulo (em colaboração), 2020. Barraca da Bananas Tavares

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou, em seus percursos, observar as *malhas* de produção orgânica na cidade de Curitiba, em sua Região Metropolitana e no Vale do Ribeira, com o olhar voltado para a Feira Orgânica do Passeio Público. A feira operou como evento central, onde foram notados encontros entre ambientes (parque e feira), entre produtores de orgânicos advindos de diferentes locais, entre consumidores deste gênero produtivo e entre estes frequentadores e os feirantes, que semanalmente fazem suas vendas no local, evidenciando para um cruzamento de trajetórias. (INGOLD, 2018).

Desde o momento em que estava escrevendo o projeto para ingresso no mestrado em Antropologia, decidi por adotar a perspectiva proposta por Ingold (2018) de “acompanhar um fluxo perpétuo”, observando para diferentes circulações, conscientes que seria através delas que “as coisas são trazidas de volta à vida”. Considerei que esta proposta teórica seria a mais adequada para a execução do objetivo geral de pesquisa de *Descrever a construção das malhas de circulação orgânicas em Curitiba, partindo da Feira Orgânica do Passeio Público*.

A ideia, neste caso, seria pensar a feira como um novelo, de onde seriam puxados vários fios, e como indicado por Ingold (2012), seguindo os materiais, chegando até a outras zonas de entrelaçamento de trajetórias, como alguns dos ambientes em que geram a vida materializada nos produtos orgânicos. Destaco que a chegada da pandemia de Covid-19 afetou, abruptamente, minha intenção de “partir da” feira, criando a necessidade de reposicionar meu objetivo geral, deixando de lado a intenção mencionada, e suscitando a possibilidade de “observar a” Feira do Passeio.

Dessa forma, a centralidade dos caminhos a serem transitados foi transposta para os encontros e relações acontecidos “dentro da” feira e em seus entornos. Evidentemente, o material de campo conseguido anteriormente a esta mudança pôde ser explorado, mas a partir de um novo olhar, subsidiando a descrição das “linhas entrelaçadas” no interior da feira.

Ainda assim, considero que a intenção de narrar a construção de malhas orgânicas foi alcançada, principalmente pela maior atenção aos detalhes acontecidos no interior da feira, reparados nas conversas feitas no local e nas observações e anotações em diário de campo, considerando que seria plausível percorrer as *linhas* e olhar para o encontro de trajetórias a partir

destas narrativas, contadas pelos interlocutores encontrados naquele espaço, estes que assim como eu, fazem parte da construção deste texto.

Por estas razões, penso que esta pesquisa tem sua importância no que diz respeito não a uma “resolução” completa de um problema, mas sim da ampliação do entendimento dos elementos que compõem um ambiente de voltado à comercialização de produtos orgânicos, com ênfase aqui, naqueles do gênero alimentício. Estas contribuições foram orientadas em três frentes: primeiramente, trazendo a construção da feira como parte dos resultados do avanço de coalizões formadas nos anos 1980 em reação ao avanço da Revolução Verde, criando novos espaços para comercialização de produtos agrícolas cultivados fora da agricultura convencional.

Aliando as necessidades de escoamento produtivo por parte daqueles agricultores decididos a não mais utilizar insumos químicos ou de regularizar produções enquanto orgânicas, de novas percepções de consumo voltadas a um sentido *politizado e ambientalizado*, da formação de grupos de estudo e de pesquisa em torno das agriculturas de base ecológica, da realização de eventos como os Encontros Brasileiros de Agricultura Alternativa (EBAAs) e do apoio de alguns órgãos estatais e prefeituras, se conformaram as condições para a criação de inúmeras feiras pelo país. Estas iniciativas se deram, sob diferentes rótulos, como feiras de produtores, feiras ecológicas, e no caso de Curitiba, Feira Verde, escolhida como local para a realização da pesquisa de campo, referente a esta dissertação.

Dada a escolha da Feira Orgânica do Passeio Público enquanto *lócus*, para o empreendimento deste estudo, cabia a mim perceber, observar e narrar em forma de texto, os tipos de relações que conformam esta feira. Para isso, recorri a proposta dos *encontros*, de eventos, de espaços, de pessoas e de trajetórias, a qual considero a segunda das contribuições desta pesquisa.

Nos percursos da feira, notei para o *encontro* semanal entre a Feira do Passeio, e o parque que a abriga. Neste encontro, iniciado a mais de vinte anos, viu-se tanto abandonos quanto revitalizações do Passeio Público, quanto as dificuldades iniciais e o crescimento da feira. Aqueles que vão à feira, invariavelmente, vão ao parque, fazendo com que a Feira do Passeio tenha um diferencial, que contribuiu para a sua expansão, sendo além de uma opção de local para compra de alimentos orgânicos, uma alternativa de lazer, aos sábados.

Em seguida, observando *de perto e de dentro*, pude notar para outras relações que se dão, durante o passar das semanas em que a feira acontece. Aqueles produtores, vendedores e

consumidores, que se encontram, não o fazem apenas por um óbvio interesse inicial de comprar e vender orgânicos. Com o passar dos anos, criam-se longas amizades, cumplicidades e afetos.

De modo a ilustrar este fato, relato minha própria experiência no local. Ao ir à feira aos sábados, não apenas estou no local como consumidor de orgânicos ou como pesquisador. Naquele momento posso conversar com feirantes, como Dona Sandra, que conta sobre o dia a dia, sobre ganhos e dificuldades da sua rotina de trabalho, bem como sobre algum produto, específico, que é vendido naquele dia.

Gosto de ouvir, quando vou à sua barraca, sobre a preparação de bolos e pães, relatos sobre a colheita da semana, que propiciou a venda de alguma hortaliça ou fruta disponível naquele dia. Pergunto o nome de alguma verdura que não reconheço e converso sobre as propriedades e benefícios daquele alimento. Em outra barraca, em que são vendidas as PANCs, pude consultar sobre a existência de alguma planta que auxiliasse para dores, em outro momento paro para um café.

Com a frequência em que passo a ir ao local e converso com produtores e feirantes, muitas das vezes, simultaneamente realizando estas distintas funções, reparo nestas jornadas que aproximam o campo e a cidade, através do *encontro* de famílias que se organizam diariamente para *fazer a feira* em Curitiba. Em regimes de trabalho, intrinsecamente ligados ao parentesco, os feirantes desempenham uma complexa malha de atividades, as quais tive, ao menos parcialmente, a oportunidade de participar ou de escutar através das narrativas a mim contadas.

Além dos empenhos no trabalho rural, como o plantio, a colheita, a separação de grãos, o armazenamento e limpeza dos alimentos, e alocação dos produtos em caminhões, para as vindas rotineiras às feiras, que pude observar presencialmente em visita de campo no Sítio Recanto Nativo, bem como às vendas na própria feira, notei para outras situações do trabalho com orgânicos, sendo a primeira delas, o emaranhado de funções administrativas e de logística bem como as demonstrações, negociações e vendas feitas através da *internet*, tema este retomado em maiores detalhes no terceiro capítulo.

A segunda delas, liga-se aos esforços para se obter as certificações, que operam como mecanismos garantidores da qualidade orgânica dos produtos, a partir da credibilidade empregada por critérios científicos e através de diferentes meios (sistemas participativos e por auditoria) e organizações públicas e privadas (IBD, TecparCert e Rede Ecovida). Busquei com-

preender, neste âmbito como os produtores e consumidores de orgânicos percebem e vivenciam com este dispositivo, em última instância resumida pelo selo “Orgânico Brasil”.

Ainda pensando nos domínios do *trabalho* na feira, busquei apresentar, como o somatório dos esforços empenhados quem faz a feira acontecer, tem como um dos resultados o crescimento dela, sendo hoje, um importante ponto de referência na comercialização de orgânicos em Curitiba.

Dada a preeminência, percebida no material de campo, que apontava para diferentes aspectos dos hábitos de consumo de orgânicos, que remetem às condições sociais ligadas ato de optar pela compra deste gênero de produtos, notei nestes discursos, a possibilidade de analisar algumas das características da Economia dos Orgânicos em Curitiba, constituindo a terceira das contribuições desta pesquisa.

A sustentação teórica foi construída a partir de três linhas, em que percebi aspectos complementares: a primeira delas levando em conta as proposições de Douglas (1990) em se examina como as mercadorias refletem as divisões sociais presentes nas comunidades, aqui pensando sobre o que comunica o consumo de produtos orgânicos.

Em seguida, notei para tendências comuns a estes consumidores, a *politização* do consumo, em que se atribui um sentido relacionado ao engajamento a uma causa, ao optar pela compra de orgânicos e a *ambientalização*, em que este envolvimento volta-se a preocupação com temas ambientais. (PORTILHO, 2008). Por fim, utilizei dos expedientes elaborados por Barbosa (2009) para refletir sobre tendências gerais, deste tipo de consumo, a *saudabilidade*, a *valorização da origem*, a *cientificação* e *gastronomização* do comer, propondo construir um texto que transpassasse as situações que vivenciei em campo, municiado de meu bloco de notas, *kindle*, e gravador de voz no formato de uma conversa com feirantes e compradores de orgânicos.

Com apoio destes conceitos mencionados, foi realizada uma análise do consumo orgânico, no contexto etnográfico da Feira do Passeio, a partir de três eixos: as motivações para este tipo de compra, em que os consumidores me contaram sobre suas intenções relativas a prevenção de doenças, a manutenção da saúde, que aliadas ao seu apreço pelo convívio semanal com os feirantes, constituem os principais atributos que levam aquelas pessoas a feira, semanalmente.

Na sequência, em um tópico em propus um momento de conversa livre com os consumidores, eles sugeriram o que pode ser melhorado nesta economia. Inúmeras questões foram

trazidas, muitas delas apontando para uma maior presença do Estado, como indutor de políticas públicas, como as que favoreçam a aproximação entre alimentação orgânica a educação.

Em outras visões, pôde ser notado posicionamento por um incremento dos espaços ocupados pelo mercado orgânico, como ampliação dos locais de venda ou o desejo que este tipo de alimento seja comercializado por valores mais baixos. Por fim, não poderia deixar de discorrer a respeito das dinâmicas que vem sendo construídas pelo uso da *internet* como forma de circulação de produtos orgânicos.

Ao escutar feirantes, pude perceber que este novo formato de vendas vem sendo, constantemente, discutida, aprendida e aprimorada pelas famílias de produtores. Foram recorrentes os relatos explicando como vem sendo feito o trabalho nas lojas virtuais, a melhoria destes ambientes, a sistematização das entregas, no entanto ponderando para a existência de uma grande concorrência no setor, refletindo a entrada simultânea de um grande quantitativo de agricultores na atividade, em um curto período de tempo.

Pude reparar na existência de públicos e percepções diferentes em relação ao consumo *online* de orgânicos fazendo notar para o fato de que muitas das vezes àqueles que vão à feira, não pretendem substituir esta rotina pelo recebimento das compras em casa, justamente pelo apreço e pelas relações que tem com o local e com os feirantes. Dessa forma, ao menos parcialmente, percebi a existência de públicos distintos em cada um dos canais de comercialização orgânicos.

Gostaria de salientar para as mudanças adotadas, em relação à metodologia durante o período em que estive fazendo esta pesquisa. Em consonância com a proposta inicial de percorrer as *linhas* de produção orgânica em Curitiba e região, a intenção se dava no sentido de caminhar pelo caminho feito pelas pessoas e pelas *coisas*, que compõem estes ciclos produtivos. Portanto, o campo seria realizado em algumas das propriedades de produtores que comercializam orgânicos na Feira do Passeio, posteriormente na feira orgânica, e finalmente em locais que adquiram estes produtos, percorrendo todo o caminho por onde passam estes artigos.

A opção seria a de realizar uma etnografia “tradicional”, em que o pesquisador passaria um tempo mais prolongado realizando as tarefas habituais ao cotidiano daquelas famílias, como o trabalho e as sociabilidades. A abreviação temporal e espacial causada pela pandemia, fez com que se impusesse um trabalho de campo mais curto, localizado e objetivo, agindo em concordância com o que o momento pedia e com respeito às normas sanitária.

Minha escolha foi a de etnografar a Feira do Passeio, a partir de observações, anotações em diário de campo, capturas fotográficas e principalmente através de entrevistas mais direcionadas com feirantes, consumidores e outros envolvidos na construção da feira, procurando percorrer as *linhas* por outros meios, como as narrativas contadas pelos interlocutores.

Com a reunião destes materiais obtidos na feira, aliados ao que fora conseguido na visita de campo, em uma propriedade orgânica, anteriormente à pandemia, conversas realizadas pelo *WhatsApp* e pelo *Microsoft Teams*, bem como de reportagens veiculadas pela imprensa, na *internet* e na televisão, procurei costurar uma escrita coerente, que aliasse a construção cotidiana de quem *faz a feira* ao longo do tempo, tanto quanto as especificidades de um momento tão distinto para a feira e para o mundo.

Penso que, dadas as circunstâncias adversas estas escolhas conseguiram, dentro de suas limitações, descrever e refletir sobre a circulação dos produtos orgânicos e seus agentes em Curitiba imbricados com o desenvolvimento da Feira Orgânica do Passeio Público, a partir das vozes de alguns de seus agentes, transpostos pelo olhar do pesquisador.

Ainda assim, considero necessário expor algumas das limitações fazem parte desta pesquisa, ligadas estas às mudanças metodológicas levantadas acima. A redução do tempo em contato com os interlocutores e nos ambientes de campo, acabam por diminuir a minúcia das descrições possíveis de serem feitas, obrigando uma maior atenção aos detalhes notados nas circunstâncias possíveis.

Igualmente, é válido ressaltar que a substituição de um número maior de conversas livre por um contato mais roteirizado provoca uma perda de naturalidade nos contatos além de um maior direcionamento para caminhos propostos pelo pesquisador e não tanto de maneira relacional. É válido inferir que esta pesquisa, feita sob outras condições teria trazido resultados diferentes dos obtidos aqui, não sendo, necessariamente melhores ou piores.

Por fim, trago minhas ideias sobre o que penso que poderiam ser os desdobramentos desta pesquisa. Considero que o caráter exploratório adotado no trabalho, proporciona a abertura por novos caminhos dentro da economia dos orgânicos em Curitiba. Um deles, a ser trilhado por mim ou outro pesquisador, seria do mapeamento das outras feiras orgânicas da cidade, apresentando um panorama mais completo acerca do tema. Outra alternativa, que entendo operar como campo a ser explorado, seria o da comparação desta feira e seu circuito com outras feiras realizadas em diferentes regiões do Brasil e até mesmo de outros países, compreen-

dendo como o mercado de orgânicos vem sendo realizado e se desenvolvendo em distintas regiões.

Ademais, gostaria de agradecer a oportunidade de poder escrever uma dissertação que passa por assuntos que tanto gosto, como a agricultura, as feiras e a alimentação, com o apoio do PPGAA/UFPR, de meu orientador Ricardo Cid Fernandes e desta banca que aceitou, gentilmente, fazer parte deste processo a mim tão importante. Fiquemos na expectativa de dias melhores, com o fim da pandemia e avanço da vacinação no país. Grato a todas e todos.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DO PARANÁ, **Procura por orgânicos cresce com pandemia** <Disponível em: <http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=108252&tit=Procura-por-organicos-cresce-com-a-pandemia>> <Acesso em: 22.Fev.2021>

ALVARENGA, D, **Com pandemia, comércio eletrônico tem salto em 2020 e dobra participação no varejo brasileiro** <Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/02/26/com-pandemia-comercio-eletronico-tem-salto-em-2020-e-dobra-participacao-no-varejo-brasileiro.ghtml>> <Acesso em: 12.Ago.2021>

ANJOS, F.S e MARTIL, G.C.D, Redes agroalimentares alternativas e consumo crítico: o caso das feiras orgânicas de Porto Alegre. **Política & Sociedade** – Florianópolis, vol. 19, nº 44, p.172-203, Jan./Abr. de 2020 Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2020v19n44p172/43481>> <Acesso em: 07.Fev.2022>

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE AGROECOLOGIA, **Construção do Conhecimento Agroecológico**. Disponível em: <https://aba-agroecologia.org.br/grupos-de-trabalho/construcao-do-conhecimento-agroecologico/> <Acesso em: 14.Fev.2021>

BARBOSA, L. Tendências da alimentação contemporânea. *In* PINTO. M. de L. e PACHECO, J. K. **Juventude, consumo e educação**. Porto Alegre: ESPM, 2009.

BEM PARANÁ, **Feira de orgânicos do Passeio Público passa a funcionar na Praça 19 de Dezembro**. <Disponível em: <https://www.bemparana.com.br/noticia/feira-de-organicos-do-passeio-publico-passa-a-funcionar-na-praca-19-de-dezembro#.YdgMDGhKjiU>> <Acesso em: 25.Fev.2021>

BRASIL. Lei n. 10.831, de 23 de dezembro de 2003. **Dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências**. 2003. Disponível em <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.831.htm>. <Acesso em 24. Fev. 2021.>

BRASIL. Decreto n. 6.323, de 27 de dezembro de 2007. **Regulamenta a Lei n.10.831, de 23 de dezembro de 2003, que dispõe sobre a agricultura orgânica, e dá outras providências**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/Decreto/D6323.htm>. <Acesso em: 12.Ago.2021>

BEZERRA, I. e CARVALHO, S. M, “Hoje é dia de feira” – os caminhos da agroecologia no âmbito da política municipal de abastecimento da cidade de Curitiba, Paraná” **REVISTA PARANAENSE DE DESENVOLVIMENTO**, Curitiba, v.38, n.133, p.97-112, jul./dez, 2017.

BOMBARDI, L. M. - **Geografia do Uso de Agrotóxicos no Brasil e Conexões com a União Europeia** 1ª Ed, São Paulo Laboratório de Geografia Agrária, FFLCH - USP, 2017.

BRANDÃO, C. R. Reflexões sobre como fazer trabalho de campo. **Sociedade e Cultura**, v.10, n. 1, p.11-27, jan/jun, 2007. <Disponível em <http://revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/view/1719/2127>> <Acesso em 24. Fev. 2021.>

BRANDENBURG, A. Movimento agroecológico: trajetória, contradições e perspectivas. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 6, p. 11-28, jul./dez. 2002. <Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/22125>> <Acesso em 24. Fev. 2021.>

CIORGÂNICOS, **Grandes marcas apostam no segmento de alimentos orgânicos**. Disponível em: <https://ciorganicos.com.br/noticia/grandes-marcas-apostam-no-segmentos-de-organicos/> <Acesso em 12. Fev. 2021.>

CHOINSKI, R. **Grupo da UFPR é destaque em ações de agroecologia**. <Disponível em: <https://www.ufpr.br/portafulpr/noticias/grupo-da-ufpr-e-destaque-em-acoes-de-agroecologia/>> <Acesso em 26. Jan. 2021.>

COOPERAFLORESTA, A Cooperafloresta e agroflorestas no Vale do Ribeira. **Publicação do Projeto Agroflorestar**: Vale do Ribeira, executado pela Cooperafloresta – Associação de Agricultores de Barra do Turvo (SP) e Adrianópolis (PR), Vale do Ribeira (SP/PR), Julho de 2019.

COOPERAFLORESTA, **Início/Comercialização**. <Disponível em: <https://www.cooperafloresta.com/>> <Acesso em 12. Ago. 2021.>

COSTA, M. B. B. **Agroecologia no Brasil: história, princípios e práticas**. 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2017.

COSTA, M. B. B. **AAO: Um pouco de história**. Disponível em <<http://aao.org.br/aao/quem-somos.php>>. <Acesso em 23. Fev.2021. >

DELEUZE, G e GUATATARRI, F. **A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia**. Londres: Continnum, 2004. [Trad. de B. Massumi] [Originalmente publicado como Mille Plateaux – Vol. 2: Capitalisme et Schizofrénie. Paris: Minuit, 1980]

DOUGLAS, M. & ISHERWOOD, B. **El mundo de los bienes: hacia una antropología del consumo**. México: Grijalbo, 1990.

EHLERS, E. M. **O que se entende por agricultura sustentável?**. 164 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Ambiental) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

ESCOLA LATINO AMERICANA DE AGROECOLOGIA. **ELAA**. Disponível em: <<http://ela.redelivre.org.br/sobre/>> Acesso em: 12.Ago.2021>

FACEBOOK.COM. **Feira Orgânica do Passeio Público** (Perfil Oficial). Disponível em: <<https://www.facebook.com/Feira-Org%C3%A2nica-do-Passeio-P%C3%BAblico-241071853488254/>> <Acesso em 12. Ago.2021. >

_____. **Feira Orgânica do Passeio Público** (Vídeo musical comemorativo de 7 de setembro) Disponível em: <<https://www.facebook.com/241071853488254/videos/528165184598650>> <Acesso em 12. Ago.2021. >

FAMÍLIA DO NASCIMENTO. **Passeio Público de Curitiba**. Disponível em: <<https://familiadonascimento.com/category/passeio-publico-de-curitiba/>> <Acesso em 23. Fev. 2021.>

FEIRAS LIVRES. **Feiras Livres**. Disponível em: <https://feiraslivres.curitiba.pr.gov.br/busca/?categoria=0&pagina=2> <Acesso em 23. Fev. 2021.>

FINATTO, R.A. **Redes de agroecologia e produção orgânica na região sul do Brasil: das intencionalidades à materialidade socioespacial**. Florianópolis, 2015. Tese de Doutorado (Doutorado em Geografia)

FINATTO, R. A. Redes de agroecologia e produção orgânica na região sul do Brasil. **R. Ra'e Ga** – Curitiba, v. 38, p.107-145, Dez./2016 Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/314200547_REDES_DE_AGROECOLOGIA_E_PRODUCAO_ORGANICA_NA_REGIAO_SUL_DO_BRASIL> <Acesso em 24. Fev. 2021>

GARCIA Jr., A. e HEREDIA, B. Campesinato, família e diversidade de explorações agrícolas no Brasil. In: Emilia Pietrafesa de Godoi; Marilda Aparecida de Menezes; Rosa Acevedo Marin. (Org.) **Diversidade do campesinato: expressões e categorias: estratégias de reprodução social**. v. 2. São Paulo: Editora UNESP, 2009. p. 213-243.

GESTÃO AGRÍCOLA. **O que é a agroindústria e quais os seus impactos?**. Disponível em: <<https://www.totvs.com/blog/gestao-agricola/o-que-e-agroindustria/>> <Acesso em 23. Fev. 2021.>

GIRARDO, O. F. Control Territorial Y Expansión Geográfica Del Agronegocio *in* **Ecología política de la agricultura. Agroecología y posdesarrollo** / Omar Felipe Giraldo.- San Cristóbal de Las Casas, Chiapas, México: El Colegio de la Frontera Sur, 2018.

GRIMM, I, J. *et al.* Arranjos socioprodutivos de base territorial: uma análise da feiras livres comunitárias na cidade de Curitiba. Salvador, 2016. Anais do **VI Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária - VI ETBCES**. Disponível em: http://www.etbces.net.br/images/etbces/anais/2016/01_artigo_gt_economia-isabel_grimm.pdf <Acesso em 07. Fev. 2022>

GUILHERME, N.O.S. **Produtores, Ecochefs e Consumidores – A Gastronomização da Agricultura Familiar no Circuito Carioca de Feiras Orgânicas**, Rio de Janeiro, 2016, 127 f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

GUIMARÃES, A. P. O. complexo agroindustrial como etapa e via de desenvolvimento da agricultura. **Revista de Economia e Política**, v. 2/3, p.147-151, Jul/Set, 1982. <Disponível em: <https://rep.org.br/rep/index.php/journal/article/view/1965>> <Acesso em 24. Fev. 2021>

GUIMARÃES, C.A. **A Feira Livre na Celebração da Cultura Popular**. São Paulo, 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Gestão Cultural e Organização de Eventos)

HÄGERSTRAND, T. G. Geography and the study of the interaction between nature and society. **Geoforum**, [s/l] Pergamon Press, Impresso na Grã-Bretanha, 7, p. 329-334, 1976. Disponível em: <<https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/0016718576900634>> <Acesso em 07. Fev. 2022.>

HEREDIA, B. M. A. **A morada da vida: trabalho familiar de pequenos produtores do Nordeste do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

HOLT-GÍMENEZ, E. Crisis alimentarias, movimiento alimentario y cambio de régimen In **ecología política**, Barcelona, ano 18, nº, p. 73-79, 2009.. Disponível em: <<https://www.ecologiapolitica.info/?p=4870>> <Acesso em 07. Fev. 2022.>

IBD CERTIFICAÇÕES. **Quem somos**. Disponível em <<https://www.ibd.com.br/about-us/>>. <Acesso em 23. Fev. 2021.>

INTERNATIONAL FOUNDATION FOR ORGANIC AGRICULTURE – IFOAM. **Definition of Organic Agriculture** Disponível em <<https://www.ifoam.bio/why-organic/organic-landmarks/definition-organic>>. <Acesso em 23. Fev. 2021.>

INGOLD, T. **Estar Vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**, 2ª reimpressão, Petrópolis, Vozes, 2015. (Coleção Antropologia)

_____. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais **Horizontes. Antropológicos**. Porto Alegre, ano 18, n.37, p.25-44, Jan/Jun 2012. <Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832012000100002> <Acesso em 24. Fev. 2021>

INSTAGRAM.COM. **Cooperafloresta Oficial** (Página Oficial). <Disponível em: <https://www.instagram.com/cooperaflorestaoficial/>> <Acesso em 12. Ago. 2021>

_____. **Feira Orgânica do Passeio Público** (Página Oficial). <Disponível em: <https://www.instagram.com/feiraorganicadopasseiopublico/>> <Acesso em 25. Fev. 2021>

_____. **Feira Orgânica do Passeio Público** (Página Oficial/Divulgação Laboratório do Groove). <Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BytbwjZHrxI/>> <Acesso em 25. Fev. 2021>

_____. **Feira Orgânica do Passeio Público** (Página Oficial/Divulgação Yoga na Feira). <Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B06RT-MlIXu/>> <Acesso em 25. Fev. 2021>

KOWALSKI, L. R. **Paraná é o líder do país em intoxicações por agrotóxico**. Disponível em: <https://www.bemparana.com.br/noticia/parana-e-o-lider-do-pais-em-intoxicacoes-por-agrotoxico#.YBAhVdhKjIU> <Acesso em 26. Jan. 2021.>

KRASUCKI, L. B. **Cultivando a floresta: sistemas de conhecimento e agroflorestas em Barra do Turvo - SP**. 2014. 76 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www-repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279712>>. <Acesso em: 18 Fev. 2021.>

LIMA, D.R.A **O Movimento Slow Food e seus impactos para a produção do queijo artesanal na Região do Alto Parnaíba**. Araraquara, 2016. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ciências Sociais).

LOURENÇO, B. A. G. **O sistema de produção orgânica: Uma discussão sobre seu desenvolvimento e horizonte comercial, com destaque para o cenário fluminense**. Rio de Janeiro 2016. Trabalho de Conclusão de Graduação (Bacharelado em Ciências Econômicas)

MAGNANI, J. G. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [online] v. 17, n. 49, p. 11-29, Jun. 2002. <Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092002000200002&script=sci_abstract&tlng=pt><Acesso em: 24 Fev. 2021.>

MARFIL AGROECOLÓGICOS, **Nosso Trabalho, Nossa Casa, Nosso Paraíso!**. Disponível em: <<https://www.marfilagroecologicos.com.br/>> <Acesso em: 22.Fev.2021>

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac &Naify, 2003.

MOLINA, A. H. “Temos um Passeio Público, digno desta adiantada capital”: espaços de sociabilidades em registros fotográficos do Museu Paranaense. Curitiba. 1913-1930. **História** (São Paulo), Assis/Franca, v.39, p.1-30, 2020. <Disponível em:<https://www.scielo.br/j/his/a/zNNhRDZzqHvjhYQRwZ3F5nH/>><Acesso em: 07 Fev. 2022.>

NIEMEYER, F. **CULTURA E AGRICULTURA. Resiliência e transformação do sistema agrícola krahô**, Campinas, 2011. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Antropologia Social)

PARANÁ (Estado). Secretaria de Estado da Cultura. **Espirais do Tempo - Bens Tombados do Paraná /** Textos de Cyro Ilídio Corrêa de Oliveira Lyra. Curitiba, Paraná, Brasil. 2006.

PARANÁ (Estado). Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social/IPARDES. **O mercado de orgânicos no Paraná: caracterização e tendências**. Curitiba: IPARDES, 2007.

PETERSEN, P. Agroecologia e a superação do paradigma da modernização. In: NIEDERLE, P. A.; ALMEIDA, L.; VEZANNI, F. M. (orgs). **Agroecologia: práticas, mercados e políticas para uma nova agricultura**. Curitiba: Kairós. 2013.

PAULUS, G. **Do Padrão Moderno à Agricultura Alternativa**. Florianópolis, 1999. Dissertação (Mestrado em Agrossistemas).

PIANA, A. **Agricultura Orgânica: a subjacente construção de relações sociais e saberes /** Airton Piana, 1999. 45 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade)

PINHEIRO, P. S. Saberes, **plantas e caldas: a rede sociotécnica de produção agrícola de base ecológica no Rio Grande do Sul** / Patrícia dos Santos Pinheiro. – Porto Alegre, 2010. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural)

PINHEIRO, P. DOS S.; MENASCHE, R.; MAGNI, C. T.; MACHADO, C. J. Tramas agroecológicas na colônia de Pelotas. **Anuário Antropológico**, v. 43, n. 1, p. 93, 12 jul. 2018. <Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/9314>> <Acesso em 24. Fev.2021. >

PINHEIRO MACHADO, R. **MADE IN CHINA Produção e circulação de mercadorias no circuito China-Paraguai-Brasil**. Porto Alegre. 2009. Tese (Doutorado em Antropologia Social)

PORTILHO, F. Consumidores de alimentos orgânicos: discursos, práticas e auto-atribuição de responsabilidade socioambiental. **XXVI Reunião Brasileira de Antropologia**, 26., Porto Seguro, Anais, p. 1-19, 2008. Disponível em: <<https://www.ciorganicos.com.br/wp-content/uploads/2013/10/fatima-portilho-Consumidores.pdf>> <Acesso em 07. Fev. 2022.>

PREFEITURA DE CURITIBA, **Feiras Livres Orgânicas Diurnas**. Disponível em: <<https://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/feiras-livres-organicas-diurnas/265#:~:text=Acontecem%2012%20feiras%20semanais%20em,para%20esse%20segmento%20da%20agricultura.>> <Acesso em 26. Jan. 2021.>

PREFEITURA DE CURITIBA, **Passeio Público**. Disponível em: <<https://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/passeio-publico/324>> <Acesso em 24. Fev.2021. >

PREFEITURA DE CURITIBA, **População das regionais de Curitiba supera a da maioria das cidades do Paraná**. Disponível em: <<https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/populacao-das-regionais-de-curitiba-supera-a-da-maioria-das-cidades-do-parana/41159>> Acesso em 26 de janeiro de 2021.

PRIMAVESI, A. Revisão do conceito de agricultura orgânica: conservação do solo e seu efeito sobre a água. **Biológico**, São Paulo, v. 65, n. 1/2, p. 69-73, jan./dez. 2003.

REDE ECOVIDA DE AGROECOLOGIA, **Certificação Participativa**. Disponível em: <<http://ecovida.org.br/sobre/>> <Acesso em: 12.Ago.2021>

REVISTA GLOBO RURAL, **5 Empresas de Orgânicos que Estão Diversificando Seus Negócios**. Disponível em: <<https://revistagloborural.globo.com/Noticias/noticia/2015/05/5-em-presas-de-organicos-que-estao-diversificando-seus-produtos.html>> <Acesso em: 12.Fev.2021>

SAMUEL, F. **Feira dos Agricultores Ecologistas completa 30 anos**. Disponível em: <<https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%Adcias/geral/feira-dos-agricultores-ecologistas-completa-30-anos-1.372273>> <Acesso em 24. Fev.2021. >

STONTZ, E.N. Os limites da agricultura convencional e as razões de sua persistência: estudo do caso de Sumidouro, RJ. Dossiê Temático: Trabalho, Saúde e Meio Ambiente na Agricultura: Interações, Impactos e Desafios à Segurança e Saúde do Trabalhador **Rev. bras. saúde ocup.** São Paulo 37 (125), p. 114-126, Jun/2012. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbso/a/pM6v6dCVb4RhLgKMjLLNckh/abstract/?lang=pt>> <Acesso em 07 Fev. 2022>.

SÍTIO RECANTO NATIVO, **A História do Sítio Recanto Nativo**. Disponível em: <<https://www.sitiorecantonativo.com.br/>> <Acesso em 09 Fev. 2021>.

_____. **Loja**, Disponível em: <<https://www.sitiorecantonativo.com.br/loja>> <Acesso em 12. Ago.2021. >

STRATHERN, M. **O efeito etnográfico**. São Paulo: Cosac e Naify, p. 345-369. 2014.

TECPAR (INSTITUTO DE TECNOLOGIA DO PARANÁ), **Certificação de Produtos**. Disponível em: <<http://www.tecpar.br/Pagina/Certificacao-de-Produtos>> Acesso em: 12.Ago.2021>

TREVISAN. **A Feira Livre em Igarassu: Uma análise a partir dos dois circuitos da Economia; a convivência do formal e do informal**. Recife, 2008. Dissertação (Mestrado em Geografia).

VALE, D. **Produtora ganha prêmio da ONU**. Disponível em: <<https://www.folhadelondrina.com.br/economia/produtora-ganha-premio-da-onu-305504.html>> Acesso em 26 de janeiro de 2021.

VEDANA, V. Fazer a feira e ser feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercado de rua no contexto urbano: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 19, n. 39, p. 41-68, jan./jun. 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ha/a/C7cdWKqZSyDDcgbph-cRWhvg/?format=pdf&lang=pt>> <Acesso em 07. Fev. 2022.>

VIANNA, A. “Etnografando documentos: uma antropóloga em meio a processos judiciais”. In S. R. Castilho, A. C. de Souza Lima e C. Teixeira (orgs.). **Antropologia das práticas de poder: reflexões etnográficas entre burocratas, elites e corporações**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2014. p. 43-70.

_____. **“Fazer a Feira” estudo etnográfico das “artes de fazer” de feirantes e fregueses da Feira Livre da Epatur no contexto da paisagem urbana de Porto Alegre**, Porto Alegre. 2004. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social).

WIKIPEDIA. **Passeio Público (Curitiba)**. Disponível em:<[https://pt.wikipedia.org/wiki/Passeio_P%C3%BAblico_\(Curitiba\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Passeio_P%C3%BAblico_(Curitiba))> <Acesso em 23.Fev.2021>

WWF, **Agroextrativismo/Agricultura e Extrativismo caminhando juntos**. <Disponível em: wwf.org.br> <Acesso em: 22.Fev.2021>